DIBS: EM BUSCA DE SI MESMO
Virginia M. Axline

DIBS: EM BUSCA DE SI MESMO

CÍRCULO DO LIVRO
CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413
São Paulo, Brasil

Edição integral
Título do original: "Dibs in search of self"
Tradução: Célia Soares Linhares
Layout da capa: Yae Takeda

Licença editorial para o Círculo do Livro S.A.
por cortesia da Livraria Agir Editora

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso e encadernado em oficinas próprias

Nota da tradutora

Verdadeiro e generoso como a própria vida, Dibs mostra a ventura conquistada na aventurosa busca da gratuidade do viver e do encontrar-se.
É um convite para entender e amar a criança que continua escondida em cada um de nós e sentir a grandiosidade da participação no mistério cósmico que nos une às montanhas, ao mar, às chuvas, às árvores, aos passarinhos e a todos os animais, às crianças, aos jovens, aos adultos, num agigantamento de nosso ser e num apro de nossa originalidade pessoal.
A experiência relatada neste livro é indizível, impossível de submeter-se a uma descrição, mas as pessoas que se permitiram atingir a estatura do humano sentem e completam os retalhos que aqui foram escolhidos. A elas, portanto, a alegria de conhecer e amar este Dibs e todos os Dibs do mundo.

Rio de Janeiro, julho de 1973.
Célia Soares Linhares

Prólogo
Esta é a história de uma criança em busca de si mesma, através do processo psicoterápico. Foi toda ela vivida na sua autenticidade por uma pessoa idêntica a nós - um menino chamado Dibs. Enquanto essa criança desabrochava no esforço de encontrar as forças da vida, crescia dentro dela um novo conceito próprio - a inusitada e incessante descoberta de que, dentro dela, existiam uma estatura e sabedoria que se expandiam e se contraíam "semelhante, às sombras que são influenciadas pelo sol e pelas nuvens".
Dibs experimentou profundamente o complexo processo de crescimento

na busca do precioso presente da vida, curando-se a si próprio pelos raios de sol de suas esperanças e pelas chuvas de suas mágoas. Vagarosamente, e por tentativas multifacetadas, Dibs descobriu que a segurança de seu mundo não estava centralizada no contexto circunstancial, mas que o núcleo estabilizador que ele procurava com tal intensidade tinha profundas raízes dentro de si mesmo.
Porque Dibs expressa uma linguagem que desafia a complacência de muitos de nós, e porque ansiou e lutou para conquistar sua identidade humana digna de uma missão e lugar neste mundo, sua história tornou-se a história de cada pessoa à procura de seu autêntico caminho. Através de sua experiência numa sala de ludoterapia, em seu lar, em sua escola, sua personalidade desenvolveu-se e enriqueceu de diferentes maneiras a vida daqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Introdução

Esta é a história do desabrochar de uma personalidade forte e saudável, em uma criança anteriormente marcada por profundos traumatismos.
Quando esta narrativa começa, Dibs vinha freqüentando a escola há quase dois anos. Não falava de modo algum, a princípio. Algumas vezes, sentava-se, mudo e imóvel, durante toda a manhã ou engatinhava ao redor da sala absorto em si mesmo e desligado das outras crianças e da professora. Outras vezes, tinha violentos acessos de raiva. Os professores, o psicólogo e o pediatra da escola estavam dolorosamente confusos com ele. Seria Dibs um retardado mental? Teria seu cérebro sofrido alguma lesão quando de seu nascimento? Ninguém sabia.
O livro oferece, inicialmente, uma visão daquilo que a autora chama "a busca de si mesmo", e, neste caso, pateticamente empreendida por um pequeno ser humano atormentado. No final, Dibs consegue emergir como uma pessoa brilhante e talentosa, um verdadeiro líder, como resultado da respeitosa e extraordinária habilidade clínica da Dra. Axline.
A autora já é famosa em todo o mundo da psicologia por suas contribuições para a teoria e prática da ludoterapia infantil. Seu livro Play therapy: the inner dynamics of childbom! tem merecidamente conquistado o mais amplo aplauso aceitação.
Dibs: em busca de si mesmo é um livro agradável e fascinante para qualquer leitor. Será lido com prazer e especial proveito por todos os pais que estão interessados nas maravilhas do desenvolvimento mental de seus filhos. Também os estudiosos da infância e da natureza normal e anormal da vida mental nele encontrarão vívidos ensinamentos.
A criança descrita neste livro era, a princípio, muito excêntrica. Entretanto, psicólogos e psiquiatras têm, desde há muito, reconhecido que aspectos novos dos processos típicos

e normais do desenvolvimento da saúde mental podem ser obtidos pelo estudo de diferentes e exageradas formas de comportamento que aparecem em indivíduos atípicos. Pode ser observado que, historicamente, a moderna psicologia muito deve às análises detalhadas de casos singulares. Neles podem ser incluídos os primeiros trabalhos de Freud e Morton Prinde.
Não há dúvida de que um dos grandes problemas desta era tecnológica, caracterizada por grandes aglomerados urbanos, é a compreensão autêntica das técnicas que possibilitam mudanças duráveis na personalidade e no comportamento. Dibs: em busca de si mesmo, como estudo da organização mental e da modificação de atitudes, é importante nesse contexto. As pessoas que vierem a ler e compreender este livro jamais poderão acreditar novamente que o crescimento psicológico do homem, o sucesso na escola, ou a aquisição de complexas habilidades possam ser conquistadas pela mera repetição generalizada ou pelo reforço de simples modelos de reação.
Outra idéia enfatizada neste livro é a de que o tratamento verdadeiramente profundo e efetivo de uma criança com distúrbios tende a ajudar, de maneira real, a saúde mental de seus pais. É o reverso da informação tão difundida de que o tratamento clínico bem-sucedido dos pais representa, freqüentemente, a melhor forma de terapia para uma criança com problemas emocionais. Mas acima de tudo, Dibs: em busca de si mesmo é uma leitura deliciosa! Tão empolgante para mim como as histórias de detetive de primeira categoria.

Leonard Carmichael
Washington, D.C.

Capítulo I

Era hora do almoço, hora de ir para casa, e as crianças circulavam com seu barulho habitual, ziguezagueando para apanhar seus casacos e chapéus. Todas, menos Dibs. Ele recuara até o canto da sala, e lá permanecia agachado, cabeça baixa, braços dobrados e firmemente cruzados sobre o peito, ignorando o mundo à sua volta. Os professores aguardavam. Esse era seu comportamento habitual na hora de ir para casa.
Miss Jane e Hedda ajudavam as outras crianças quando se fazia necessário e, disfarçadamente, observavam Dibs.
Uma a uma, as outras crianças iam deixando a escola, à medida que suas mães as chamavam. Quando as professoras ficavam a sós com Dibs, trocavam rápidos olhares entre si e o olhavam premido contra a parede.
- Sua vez! - Miss Jane dizia, e caminhava calmamente para fora da sala.
- Vamos, Dibs. Está na hora de voltar para casa. Está na hora do almoço - Hedda falava com paciência.
Dibs não fazia nenhum movimento. Sua resistência era total e cheia de tensão.

- Vou ajudá-lo a vestir o casaco - Hedda dizia aproximando-se dele vagarosamente, levando-lhe o agasalho.
Ele nem sequer olhava para cima. Comprimia-se contra a parede e cobria a cabeça com os braços.
- Por favor, Dibs. Sua mãe logo estará aqui.
Ela chegava sempre atrasada, provavelmente esperando que a batalha do chapéu e do casaco já tivesse terminado e que, então, Dibs pudesse segui-la pacificamente.
Hedda aproximava-se mais de Dibs e, inclinando-se, batia com carinho em seu ombro.
- Vamos, Dibs, você sabe que é hora de ir - repetia gentilmente.
Como um monstrinho ele a agredia: esbofeteando-a, arranhando-a, tentando mordê-la, gritando estridentemente.

11

- Não VOU para casa. Não VOU para casa. Não VOU para casa. - Era o mesmo clamor todos os dias.
- EU Sei - Hedda insistia. - Mas você tem que ir para casa almoçar. Você quer ser grande e forte, não é Verdade?
Dibs ficava passivo de repente. Abandonava a atitude de luta contra Hedda. Deixava que ela colocasse seus braços dentro das mangas do casaco e o abotoasse.
- Você voltara amanhã - dizia-lhe Hedda.
Quando sua mãe o chamava, Dibs seguia com ela, com o rosto manchado de lágrimas e uma expressão de vazio nele estampada.
Quando a batalha era mais longa e a mãe chegava antes que estivesse terminada, o motorista era enviado para apanhá-lo. Era um homem multo alto e forte. Entrava, tomava Dibs nos braços e carregava-o para o carro, sem dirigir uma palavra a ninguém. Em determinadas ocasiões, Dibs esmurrava-o e gritava dominado pela fúria. Em outras, tornava-se subitamente silencioso, inerte, derrotado. O homem nunca falava com o garoto. Parecia ser-lhe indiferente se ele lutava e vociferava ou se permanecia submisso.
Havia quase dois anos que Dibs freqüentava essa escola particular. Os professores haviam tentado por todos os meios estabelecer relações com ele, suscitar-lhe uma resposta. Mas haviam sido tentativas repetidas e frustradas. Ele parecia decidido a manter-se isolado das pessoas. Pelo menos era o que Hedda pensava. Seu progresso na escola era evidente. Quando começou a freqüentá-la não falava nada e jamais se arriscava a sair de sua cadeira. Durante toda a manhã permanecia sentado, mudo, insensível. Decorridas várias semanas, principiou a levantar-se e engatinhar ao redor da sala, parecendo perceber algumas coisas à sua volta. Quando alguém se aproximava, Dibs precipitava-se como uma bola no chão e não mais se movia. Nunca olhava diretamente para os olhos de uma pessoa. Jamais respondia quando alguém lhe falava.
Sua assiduidade era perfeita. Todos os dias sua mãe o trazia para a escola de carro. Ou ela mesma o conduzia, austero e silencioso, ou o motorista carregava-o, colocando-o junto à porta dentro da escola.
O menino jamais gritava ou chorava no caminho para o colégio. Deixado bem na entrada, Dibs ali permanecia choramingando e

esperando até que alguém viesse e o levasse para a sala de aula. Quando usava agasalho não esboçava nenhum movimento para tirá-lo. Uma das professoras cumprimentava-o, tirava-lhe o casaco e deixava-o pronto para fazer o que desejasse. Logo as outras crianças ocupavam-se diligentemente com atividades em grupos ou com trabalhos individuais. Dibs passava o tempo engatinhando ao redor da sala, escondendo-se sob as mesas ou atrás do piano, olhando livros durante horas.

Havia alguma coisa em relação ao comportamento de Dibs que impedia os professores de classificá-lo, segura e rotineiramente, e deixá-lo seguir seu caminho. Suas atitudes eram tão paradoxais. Às vezes, apresentava indícios de retardamento mental em grau extremo. Outras vezes realizava certas atividades com tanta rapidez e tranquilidade, que evidenciava possuir, de fato, um nível de inteligência superior. Se desconfiava que o estavam olhando, imediatamente recolhia-se à sua concha. Durante a maior parte do tempo, engatinhava em volta da sala espreitando por baixo da mesa, balançando-se para a frente e para trás, mastigando um lado da mão, chupando o polegar e deitando-se de bruços, rígido, no chão, quando qualquer professora ou colega tentava fazê-lo participar de alguma atividade. Era ele uma criança solitária, num mundo que certamente lhe parecia frio e hostil.

Não raras vezes, era acometido por acessos de raiva, na hora de ir para casa, ou quando tentavam obrigá-lo a fazer algo que ele não queria. Os professores tinham decidido, havia bastante tempo, que sempre o convidariam para participar do grupo, mas jamais tentariam impor-lhe qualquer atividade, a não ser que fosse absolutamente necessário.

Ofereciam-lhe livros, brinquedos, quebracabeças; enfim, todo tipo de material que lhe pudesse interessar. Dibs nunca recebia nada diretamente de alguém. Se o objeto fosse colocado na mesa ou no chão perto dele apanhava-o depois de certo tempo e o examinava cuidadosamente. Nunca deixava de aceitar um livro. Olhava atentamente as páginas escritas "como se pudesse ler", como Hedda freqüentemente dizia.

Em muitas ocasiões, uma professora sentava-se perto dele e lia uma estória ou falava-lhe sobre alguma coisa, enquanto Dibs deitava a cabeça no chão, sem se mover, mas jamais olhava para cima ou demonstrava um interesse evidente. Miss Jane ocupava-se dele da seguinte maneira: explicava-lhe muitas coisas, enquanto segurava os objetos na mão, demonstrando o que expunha. Às vezes, o assunto era ímãs e o princípio da ação magnética; outras, uma pedra interessante. Ela conversava sobre qualquer assunto que julgasse

capaz de despertar-lhe o interesse; confessava em várias oportunidades que se sentia como uma tola, como se estivesse falando sozinha; entretanto, pequenos detalhes, como a atitude atenta do menino, davam-lhe a nítida impressão de que ele estava ouvindo. Além disso, perguntava-se freqüentemente o que ela teria a perder.

Os professores estavam inteiramente frustrados em relação a Dibs.

A psicóloga da escola o havia observado e tentado testá-lo várias vezes, mas ele não estava pronto para ser testado. O pediatra da escola, depois de examiná-lo diversas vezes, desistiu, desanimado. Dibs predispôs-se contra o médico de jaleco branco e não o deixava aproximar-se. Recuava até ficar com as costas contra a parede e colocava as mãos para cima "prontas para arranhar", prontas para lutar se alguém tentasse aproximar-se.
- Ele é um tipo estranho - disse o pediatra. - Quem pode saber? Retardado mental? Psicótico? Lesão cerebral? Quem pode se aproximar o suficiente para descobrir as causas de sua estranha conduta?
Aquela não era uma escola para retardados mentais ou crianças com problemas emocionais. Na realidade, era uma escola particular, destinada exclusivamente a crianças de três a sete anos de idade, instalada numa antiga e bela mansão, na parte mais luxuosa do lado leste de Nova York. Tinha uma tradição que atraía os pais de crianças especialmente inteligentes e sociáveis.
Para matriculá-lo, a mãe de Dibs persuadiu a diretora e usou sua influência através do conselho de diretores. Sua tia contribuía generosamente para a manutenção da escola. Em razão dessas pressões, Dibs foi admitido no grupo de nível maternal.
Os professores haviam sugerido repetidas vezes que Dibs necessitava de ajuda profissional. A resposta da mãe era sempre a mesma:
- Dêem-lhe mais tempo!
Quase dois anos haviam decorrido e, embora Dibs tivesse apresentado algum progresso, os professores sentiam que aquilo não era suficiente. Parecia-lhes injusto deixar a situação prolongar-se por mais tempo. Podiam apenas esperar que ele saísse de sua concha. Quando discutiam sobre o garoto e não havia dia em que não o fizessem -, terminavam sempre sentindo-se perplexos e desafiados pela criança.
Afinal de contas, Dibs tinha somente cinco anos de idade. Poderia ele, na verdade, estar consciente do mundo que o circundava e manter tudo trancado dentro de si? Parecia ler os livros que examinava. Isso, diziam de si para si, era ridículo. Como poderia uma criança ler se não sabia expressar-se verbalmente? Poderia tal criança, tão complexa, ser considerada retardada mental? Seu comportamento não confirmava tal hipótese. Seria ele um autista? Estaria em contato com a realidade?
Muito freqüentemente parecia que seu mundo era uma atroz realidade, um tormento de infelicidades.
O pai de Dibs era um renomado cientista - brilhante, todos diziam - mas ninguém na escola jamais o vira. Dibs tinha uma irmã mais nova.
Sua mãe dizia que Dorothy era "muito inteligente" e uma "criança perfeita". Ela não freqüentava a mesma escola. Certa vez, Hedda encontrou-a em companhia da mãe no Central Park. Dibs não estava com elas. Hedda declarou aos professores que, em sua opinião, a "perfeita Dorothy" não passava de uma "pirralha mimada". Estava simpaticamente interessada em Dibs e admitia ser tendenciosa sua avaliação sobre Dorothy. Sua fé em Dibs levava-a a crer que algum dia, de alguma maneira, ele se libertaria de sua prisão de medo e

ódio.
A equipe de professores decidiu, finalmente, tomar uma atitude em relação a Dibs. Alguns pais já começavam a reclamar de sua presença na escola - sobretudo depois que ele arranhou uma criança.
Foi nessa altura dos acontecimentos que me convidaram para participar de uma reunião dedicada aos problemas de Dibs. Como psicóloga clínica, tenho-me especializado no trabalho com crianças e seus pais. A primeira vez que ouvi falar sobre Dibs foi nessa reunião, e o que aqui escrevi me foi relatado pelos professores, psicólogo e pediatra da escola. Pediram-me que observasse o garoto e a mãe, e então emitisse uma opinião para a equipe docente e administrativa do colégio, antes que decidissem dispensá-lo e registrá-lo como um de seus fracassos.
O encontro foi na escola. Ouvi com interesse todas as observações. Fiquei impressionada com o impacto que a personalidade de Dibs havia causado naquelas pessoas. Sentiam-se frustradas e desafiadas continuamente pelo seu comportamento estranho. Sua firmeza limitava-se a uma antagônica e hostil rejeição às pessoas que poderiam aproximar-se muito dele. Sua evidente infelicidade preocupava aquelas pessoas sensíveis, que sentiam sua triste depressão.
- Tive um encontro com sua mãe na semana passada - disse-me Miss Jane. - Comuniquei-lhe que, muito provavelmente,

deveremos desligá-lo da escola, porque sentimos ter feito o que podíamos para ajudá-lo, mas mesmo nosso máximo esforço não basta.
Ela ficou muito frustrada. Mas ela é uma pessoa muito difícil de descrever. Concordou em deixar-nos chamar uma psicóloga clínica e tentar, mais uma vez, avaliá-lo. Falei-lhe sobre você. Aquiesceu em ter uma conversa com você sobre Dibs, e deixar que o observe aqui. Depois pediu que, se não pudéssemos mantê-lo conosco, lhe sugeríssemos uma escola com internato para crianças excepcionais. Disse que ela e o marido já aceitaram o fato de que Dibs é um retardado mental ou provavelmente tem alguma lesão cerebral.
Tal observação suscitou uma explosão em Hedda:
- Ela prefere acreditar que ele é um retardado mental, a admitir que talvez ele seja emocionalmente perturbado e que talvez seja ela a responsável - exclamou.
- Parece que não somos capazes de ser bastante objetivos em relação a Dibs. Penso que ficamos com ele por tanto tempo e fizemos muito pelo pouco progresso que ele conseguiu. Não poderíamos expulsá-lo, pois lá fora não haveria mãos que o defendessem. Não temos sido capazes de discutir sobre Dibs sem ficarmos envolvidos em nossas próprias reações emocionais relacionadas a ele e às atitudes de seus pais. E não estamos mesmo certos de que nosso julgamento sobre seus pais seja justificado.
- Estou convencida de que ele está prestes a desabrochar - Hedda prognosticou. - Não acredito que possa segurar suas defesas por mais tempo.
Havia, obviamente, alguma coisa nessa criança que cativava os

interesses e sentimentos de todos. Pude sentir a compaixão daqueles que trabalhavam na escola por esse garoto. Pude sentir o impacto de sua personalidade. Pude sentir e compreender a consciência opressiva de nossas limitações para entendermos, em termos claros e precisos, os intrincados mistérios de uma personalidade. Pude admirar o respeito por esse menino, que transparecia na reunião.
Estava decidida que veria Dibs em uma série de sessões de ludoterapia - se seus pais concordassem. Não tínhamos nenhuma maneira de saber o que poderia ser ainda acrescentado à história de Dibs.

Capítulo II
Encontrava-me diante do desconhecido, onde uma luz baixa escondia as linhas da realidade e arremessava uma nuvem de incertezas sobre o amanhã. Nada se podia afirmar, nem negar. Sem os lampejos da evidência inequívoca, defrontava-me com o mistério daquele ser, numa atitude de respeito e de humildade. Sabia que as trevas da ignorância proporcionam um espaço crescente para julgamentos incoerentes e acusações tendenciosas, expressas ao sabor das emoções. Nessa atmosfera, qualquer conclusão definitiva traz em seu bojo a ambigüidade. É aí que os benefícios da dúvida podem obrigar-nos a refletir melhor sobre os objetivos e limites da avaliação humana. O estreitamento ou a ampliação do horizonte interior do ser humano não pode ser medido por outra pessoa. O processo do desenvolvimento pessoal só se torna compreensível à luz da experiência própria do procurar-se e encontrar-se, onde, então, de diferentes maneiras, é sentida a posição axial da autoconsciência. A partir desta base, espontaneamente, aceita-se que cada personalidade tenha seu mundo muito particular de significações, gerado na integridade de sua história, mesmo não se dispondo de elementos para explicar as razões de ser de cada um.
Dentro de mim, trazia, da reunião, um sentimento de respeito e de ansiedade de encontrar Dibs. Havia sido contagiada por uma impaciência confiante e por uma satisfação de procurar ajudá-lo em sua busca. Não abandonaríamos as esperanças. Tentaríamos uma vez mais.
Destrancaríamos as portas de nossas respostas até aqui inadequadas a seus problemas. Desconhecemos as receitas prontas, elaboradas para dissolver os bloqueios mentais. Cremos que muitas de nossas impressões são frágeis. Compreendemos o valor da objetividade, da calma do estudo ordenado. Sabemos que a pesquisa é uma fascinante combinação de intuição, especulação, subjetividade, imaginação, esperanças e sonhos mesclados

com dados coletados objetivamente e submetidos à realidade da ciência matemática. Um elemento isolado não basta. O conhecimento da complexa causalidade ajuda-nos a construir a longa estrada que nos conduz à verdade.
Decidi que me manteria disponível para atender Dibs. Iria à escola observá-lo no grupo dos outros meninos. E tentaria vê-lo sozinho

por algum tempo. Depois, conversaria com sua mãe, e caso tivéssemos sua aquiescência, marcaríamos os dias para as entrevistas na sala de ludoterapia do Centro de Orientação Infantil. Lá, teríamos novos ângulos para lidar com sua problemática.
Buscávamos uma solução para Dibs e sabíamos que essa experiência adicional seria apenas um pequeno vislumbre na vida íntima dessa criança. Ignorávamos o que isso poderia significar para ele.
Procuraríamos apanhar o fio da meada que poderia desembaraçar o carretel de sua história pessoal para auxiliar nossa compreensão.
Enquanto descia a East River Drive, pensava nas várias crianças que havia conhecido - algumas infelizes e frustradas na tentativa de auto-realização, outras mais tenazes que, apesar dos mesmos obstáculos para desabrochar como pessoa, continuavam a luta com redobrada coragem.
Expressando seus sentimentos, pensamentos, sonhos e esperanças, novos horizontes abriram-se para cada um desses pequeninos. Alguns superavam seus pavores e ansiedades lutando contra o mundo, que por muitas razões lhes era insuportável. Outros haviam emergido com renovada força e capacidade para enfrentar seu ambiente muito mais construtivamente.
Outros, ainda, foram incapazes de resistir ao impacto de seu ultrajante destino. E não há explicação simples para tão dramáticos desencontros.
Afirmar que a criança foi rejeitada ou não-aceita nada significa em termos de entendimento de seu mundo interior. Muito freqüentemente, esses termos valem apenas como convenientes rótulos que funcionam como álibis para desculpar nossa ignorância. Devemos cortar clichês, interpretações rápidas e explicações. Se, de fato, queremos aproximar-nos da verdade, devemos olhar profundamente as razões de nosso comportamento.
Irei à escola amanhã bem cedo, decidi. Telefonarei para a mãe de Dibs e marcarei um encontro com ela em sua casa o mais cedo possível. Na próxima quinta-feira já começarei as sessões de ludoterapia com Dibs. E onde tudo isso irá terminar? E se ele não conseguir quebrar as paredes que tão rigidamente construiu ao redor de si mesmo? Esta, sem dúvida, seria uma possibilidade. Mas não era a dominante. Animava-me a certeza de que daria àquele garoto meu apoio para que empreendesse a aventura de decifrar-se. Cada ser humano tem seu próprio caminho. E o que pode representar grande ajuda para uma criança poderá ter baixa ou nenhuma funcionalidade com outra. Mas não desistimos facilmente. Nunca classificamos um caso como sem esperanças, sem tentar uma vez mais.
Alguns julgam ser desonesto manter a esperança quando não há evidências que a estimulem. Mas não esperamos um milagre. Estamos buscando compreensão, acreditando que o verdadeiro entendimento nos conduzirá ao portão dos caminhos mais efetivos para estimularmos a pessoa a desenvolver-se e utilizar suas capacidades positivamente. Preparamo-nos sempre para persistir na investigação das causas, lutando para iluminar a fantástica selva de nossa ignorância.
Na manhã seguinte, cheguei à escola antes dos alunos. As salas

ocupadas pelas turmas do maternal e jardim da infância eram claras e legres, com equipamento apropriado e atraente.
- As crianças chegarão daqui a pouco - disse Miss Jane. - Estou muito interessada em saber sua opinião sobre Dibs. Espero que possa ajudá-lo. A preocupação que esse garoto me inspira assemelha-se a uma angústia de morte. Você sabe, quando a criança é realmente retardada ental, há uma consciência global em seu comportamento que se evidencia em seus interesses e ações. Mas, e Dibs? Nunca sabemos em que estado de ânimo ele se encontra, embora estejamos certos de que não esboçará nenhum sorriso. Jamais algum de nós o viu sorrindo. Jamais alguém percebeu um ar de felicidade, ainda que remota, a iluminar-lhe o rosto.
Isso nos leva a crer que seu problema vai além de um retardamento mental; envolve a esfera afetiva. Veja, estão chegando algumas crianças gora.
Em poucos minutos o colégio estava repleto de crianças. Quase todas expressavam no rosto a feliz expectativa ante o novo dia escolar ue iniciavam. Depois da entrada, tiravam os chapéus e agasalhos, dependurando-os cada um em seu próprio cabide. Pareciam descontraídos e cercados de conforto naquele ambiente. Cumprimentavam-se entre si e aos professores, com espontaneidade. Alguns se aproximaram de mim para conversar. Perguntaram meu nome e por que estava em sua escola.
A primeira atividade das crianças foi baseada na livre

escolha. Cada uma buscava os brinquedos que mais a atraíam. Divertiam-se e conversavam juntos com muita naturalidade.
Foi então que Dibs chegou. Sua mãe levou-o até dentro da classe.
Num relance, percebi-a falando apressadamente com Miss Jane para, em seguida, despedir-se. Inerte, Dibs ali permaneceu. Usava casaco e gorro de lã cinza. Miss Jane perguntou-lhe se gostaria de tirar o agasalho.
Nada respondeu.
Era um garoto bem crescido para sua idade. Sua face estava muito pálida. Tinha os cabelos negros e cacheados. Seus braços flácidos pareciam pendurados em seu ombro. Miss Jane tirou-lhe o sobretudo e o boné. Dibs parecia não querer colaborar. Foi ainda a professora quem guardou seus apetrechos no armário.
- Bem, eis Dibs - disse Miss Jane num sussurro, enquanto se aproximava de mim. - Como ele nunca tira o casaco e o gorro por si mesmo, nós o fazemos, já rotineiramente. Temos tentado repetidas vezes entrosá-lo com as outras crianças em alguma atividade; ou sugerimos-lhe uma tarefa específica para que a execute. Mas Dibs rejeita todas as nossas ofertas. Esta manhã, quando o deixarmos sozinho, você poderá observar sua conduta. Talvez mantenha-se ali por muito e muito tempo.
Talvez movimente-se de uma escolha para outra. Tudo depende de como esteja se sentindo. Na verdade, com certa freqüência, ele parece saltar de um brinquedo para outro, como se não tivesse nenhuma capacidade de concentrar a atenção. Mas, em outras ocasiões, fixa-se durante longo período numa atividade que lhe

interessa.
Miss Jane voltou-se para atender outras crianças. Com o olhar discreto observava Dibs. Tentava disfarçar o foco de minha atenção.
Dibs continuava em pé. Lenta e cautelosamente virou-se de frente. Levantou os braços num gesto de desespero e logo depois deixou-os cair novamente. Virou-se, e ficou numa posição que alargava o ângulo de sua visão. Poderia ver-me se prestasse atenção. Suspirou, mordeu os lábios e continuou de pé.
Um dos garotinhos da turma correu para ele, convidando-o.
- Ei, Dibs! Venha brincar!
Dibs lançou-se sobre o garoto. E ele o teria esmurrado, se não fosse a rapidez do menino recuando para trás, de imediato.
- Gato, gato, gato - gritou o pequeno.
Miss Jane acorreu, sugerindo ao menino que fosse brincar no outro lado da classe.
Movimentando-se em direção à parede, Dibs aproximou-se de uma mesinha, sobre a qual estavam pedras, conchas, pedaços de carvão e outros minerais. Parou e, muito devagar, apanhou primeiro um objeto, depois outro. Correu os dedinhos em volta deles, roçou-os em seu queixo, cheirou-os e finalmente provou-os com a língua. Então, recolocou-os em seus lugares cuidadosamente. Num relancear de olhos captou minha presença e com a velocidade de um relâmpago desviou a direção do olhar.
Abaixou-se recurvado sob a mesa; ali sentou-se numa tentativa de esconder-se.
As outras crianças trouxeram suas cadeirinhas para formar um círculo em volta de uma das professoras. Era a hora em que cada um mostrava aos outros o que trouxera para a escola e narrava algumas coisas importantes para eles. A professora complementava a conversa com uma estória. Cantavam algumas canções.
Dibs não estava muito afastado. Continuava quieto em seu esconderijo. De sua localização estratégica, poderia ouvir tudo o que falavam e ver o que mostravam, desde que lhe interessasse. Teria ele previsto essa atividade do grupo quando se acocorou debaixo da mesa? Era difícil de dizer. Ele permaneceu ali até que o círculo se dissolveu e seus participantes foram se dedicar a outras atividades. Então, buscou um outro entretenimento.
Engatinhou em volta da sala, conservando-se próximo à parede. De quando em quando, parava para examinar diversas coisas que encontrava.
Chegando próximo ao peitoril de uma janela, onde estavam um aquário e um viveiro, Dibs ergueu-se fixando neles o olhar perscrutador.
Então, esticou a mãozinha e procurou tocar um dos bichinhos. O contato era leve e rápido. Ele ficou ali por meia hora, parecendo absorvido nessa observação.
Sua trajetória em volta da sala era interrompida a todo instante pelo exame de um objeto, que, no entanto, não lhe cativava o interesse por muito tempo, sendo logo substituído por outro.
Enfim, quando chegou ao recanto dos livros, Dibs passou a mão sobre cada um dos que estavam sobre a mesa,

escolheu um, apanhou uma cadeira, e arrastando-a cruzou a sala em direção a um canto, sentou-se nela, de frente para a parede. Abriu o livro nas páginas iniciais e calmamente examinou cada folha, virando-as cuidadosamente. Estaria ele lendo? Estaria pelo menos compreendendo as ilustrações? Uma das professoras aproximou-se dele.
- Ah! sim - comentou. - Você está olhando o livro dos pássaros. Que tal se conversássemos sobre eles? - perguntou-lhe suave e carinhosamente.
Arremessando com violência para longe o livro, Dibs respondeu com seu eloqüente silêncio. E atirou-se ao chão, rígido como um cadáver, com o rosto para baixo, imóvel.
- Desculpe-me - falou a professora. - Não queria aborrecê-lo, Dibs. - Ela apanhou o livro, colocando-o de novo sobre a mesa, caminhando em minha direção.
- Isso é rotineiro - explicou-me. - Já aprendemos a não perturbá-lo. Mas eu queria que você visse.
Dibs, ainda rígido, virou a cabeça a fim de poder ver a professora. Fingíamos não o estar observando. Finalmente, levantou-se e, de novo, caminhou vagarosamente em volta da classe. Em sua passagem, ia pegando frascos de tinta, lápis de cores, porções de argila, pregos, martelo, diferentes pedaços de madeira, tambor, címbalos. Um após o outro. Escolhia-os e os abandonava, de imediato. As outras crianças, envolvidas em suas tarefas, pareciam ignorar sua presença. Dibs evitava qualquer contato físico com elas e elas o deixavam em paz.
Chegou a hora de brincar ao ar livre.
- Nunca sabemos se ele irá ou não. Também nisso, é realmente imprevisível - disse-me uma das professoras.
A hora do recreio foi, então, anunciada. E Dibs foi consultado se gostaria ou não de ir.
- Não vou - disse num tom seco e pesado.
Eu disse que achava que ia sair, pois estava lindo o dia. Vesti meu casaco.
- Dibs vai - disse ele de repente.
A professora vestiu-lhe o agasalho. Com o caminhar trôpego e vacilante, dirigiu-se ao pátio de recreação. Sua coordenação de movimentos era deficiente e reveladora de que Dibs estava amarrado, física e emocionalmente.
As crianças brincavam na caixa de areia e nos balanços, nas barras de ginástica e nas bicicletas, de bola, luta, esconde-esconde.
Como corriam, deslizavam, trepavam e pulavam! Mas Dibs, não. Saiu para um canto afastado, apanhou um pequeno bastão, agachou-se e começou a arranhar para a frente e para trás o chão coberto de detritos. Para a frente e para trás. Para trás e para a frente. Traçando vincos na sujeira. Sem olhar para qualquer pessoa. Olhos no bastão e fixos no chão. Curvado em sua atividade solitária. Silencioso. Recolhido. Distante.
Decidimos que, quando as crianças voltassem para a classe e tivessem seu período de repouso, levaria Dibs para a sala de brinquedos, no final do corredor. Se ele se dispusesse a ir

comigo.
Quando a professora tocou o sino, todas as crianças entraram.
Até Dibs. Miss Jane ajudou-o a tirar o casaco. Ele deu-lhe o gorro, dessa vez. A professora colocou uma música suave e relaxante na radiola.
Cada criança apanhou seu colchãozinho, abriu-o sobre o piso para o período de descanso. Dibs também pegou o seu e desenrolou-o, colocando-o sob a mesa da biblioteca, longe das outras crianças. Deitou-se debruçado e com o polegar na boca, descansando com os outros. O que estaria ele pensando sobre seu solitário pequeno mundo? Quais seriam seus sentimentos? Por que ele se comportava dessa maneira? Que aconteceu a essa criança para causar tal espécie de afastamento das pessoas?
Poderíamos captar seu mistério?
Depois de alguns minutos de repouso, a criançada levantou-se e, uma a uma, guardou seu pequeno acolchoado. Dibs enrolou o seu e recolocou-o no lugar correto, na prateleira. As crianças foram divididas em grupos menores. Um deles trabalharia com madeira. O outro pintaria ou brincaria com argila.
Dibs permaneceu junto à porta. Atravessei a sala e perguntei-lhe se gostaria de vir comigo para uma salinha de brinquedos. Expliquei-lhe que ficava em seu colégio, no fim do hall. Estendi-lhe minha mão. Ele hesitou por um momento, e, depois, segurou-a, sem dizer uma palavra.
Juntos caminhamos. Durante o percurso, escutava-o murmurando palavras que não consegui entender. Não lhe perguntei o que havia dito. Estava curiosa para conhecer sua reação. Estava surpresa pelo fato de ele ter aceito o convite de uma pessoa estranha e com ela ter saído de sua sala sem olhar para trás. Senti o forte aperto enquanto ele segurava minha mão. Estava tenso, embora quisesse ir.
No final do hall, sob a escada de trás, havia uma pequena sala designada como sala de ludoterapia. Era um ambiente sóbrio, sem grandes atrativos, um pouco monótona

pela sua falta de cores e decoração. Pela janela estreita, alguns raios de sol penetravam, mas o recinto ainda ficava escuro, até mesmo quando as luzes estavam acesas. As paredes eram de um marrom esquálido, cor de couro escuro, com diferentes manchas, já lavadas aqui e ali. Algumas marcas tinham também nódoas de tinta, que se uniam à rústica superfície dos remendos de gesso. O piso, recoberto por um linóleo castanho, apresentava-se riscado pela recente passagem de esfregões. Pairava no ar um cheiro de barro úmido, de areia molhada e de tintas velhas de aquarela. Os brinquedos encontravam-se na mesa, espalhados no piso e em algumas prateleiras que circundavam a sala. No chão havia uma casa de bonecas. Os compartimentos eram modestamente mobiliados com peças fortes e simples. Uma família de bonequinhos encontrava-se em frente à casa.
Todos ali amontoados: mãe, pai, filhos e filhas e também um bebê.
Próximo, ainda estava uma caixa aberta contendo outras miniaturas

de bonecas e alguns animaizinhos de borracha, como um cavalo, um leão, um cachorro, um gato, um elefante e um coelho. Havia carrinhos e aviões.
Caixas de blocos para armar e construir. No grande depósito de areia, várias panelas, colheres e pratos estavam espalhados; sobre a mesa, encontrava-se uma jarra de argila e algumas tintas. No cavalete, papéis para desenhos e pinturas. Uma mamadeira cheia de água estava exposta na prateleira. Uma grande boneca de pano exibia-se em uma cadeira. No canto, ficava um alto boneco de borracha inflado que, pela sua base pesada, poderia reassumir sua posição inicial logo depois de esmurrado.
Os brinquedos eram feitos com material resistente, mas pareciam muito usados e até gastos.
Nada havia naquela sala que tendesse a refrear qualquer atividade da criança. Nada parecia ser tão fraco ou requintado a ponto de não poder ser tocado ou mesmo socado. O ingrediente da experiência pessoal de cada criança faria o ambiente único e diferente para ela.
Aqui cada uma pode buscar, no silêncio, o entendimento dos velhos sons, gritar suas descobertas e encontros com seu profundo eu e escapar da prisão de incertezas, ansiedades e medos. Cada uma pode trazer para dentro da sala o impacto de todas as configurações e vozes, o choque das cores e dos movimentos e reconstruir seu mundo, aqui reduzido a um tamanho que ela pode manipular.
Enfim, esse recinto proporciona a cada pequeno uma zona segura, onde pode extravasar seus sentimentos sem receios e, assim, aceitando-os e entendendo-os, desabrochar a original unicidade do seu ser.
- Nós ficaremos uma hora juntos aqui nesta sala de brinquedos - disse-lhe quando entramos. - Você poderá ver e examinar todo o material que temos. E então decidir o que gostaria de fazer.
Sentei-me em uma cadeirinha perto da porta. Dibs permaneceu no meio da sala, de costas para mim, torcendo as duas mãozinhas. Esperei.
Tínhamos bastante tempo. Não havia pressa para executar qualquer coisa.
Poderia brincar ou não brincar. Conversar ou manter-se silencioso. Aqui, não faria nenhuma diferença. A sala era pequena e em qualquer local em que ficasse não estaria longe demais de mim. Havia uma mesa, sob a qual poderia esconder-se, se quisesse. Cadeira, brinquedos, tudo à sua disposição. No entanto, Dibs continuava parado no centro da sala.
Observava. Então, vagarosamente, virou-se e começou a andar com muita vacilação, atravessando a sala e, depois, passeando em volta, junto às paredes. Trocava um brinquedo por outro, na ânsia de experimentar todos.
Não olhava diretamente para mim. Em raras ocasiões, quando tentava ver-me, desviava os seus quando nossos olhos se encontravam. Continuava sua tediosa caminhada ao redor da sala. Seus passos eram pesados.
Parecia não haver alegria ou felicidade naquela criança. A vida para ele era um negócio horrível.
Caminhou até a casa de bonecas, passou sua mão no telhado,

ajoelhou-se perto e, assim, diminuindo de tamanho, penetrou no seu interior. Vagarosamente, segurava, uma a uma, as peças do mobiliário.
Como havia feito antes, enquanto caminhávamos pelo corredor, ia murmurando com pausado questionamento e inflexão de voz. Falava muito baixo e com monotonia.
- Cama? Cadeira? Mesa? Berço? Guarda-roupa? Rádio? Chuveiro? Banheiro? - Cada objeto da casinha foi, assim, erguido, indagado em sua denominação e recolocado em seus lugares. Virou-se para o monte de bonequinhos e identificou-os um a um. Escolheu um homem, uma mulher, um garoto, uma garota e um bebê. Foi como se ele tentasse reconhecê-los, ao dizer: - Mamãe? Papai? Irmã? Bebê? - Então escolheu os pequenos animais.
- Cachorro? Gato? Coelho? - Seu olhar era insistente e profundo. Parecia difícil e dolorosa aquela tarefa que ele se havia imposto. Cada vez que ele inquiria sobre a denominação de um

objeto, tentava comunicar-lhe minha compreensão da palavra falada e dizia:
- "Sim. Isso é uma cama", ou, "Acho que é um guarda-roupa", ou, ainda, "Parece um coelho". - Tentava responder de uma maneira breve, de acordo com o que havia dito, mas com a variação necessária para escapar à monotonia. Quando ele ergueu o boneco pai e disse: - Papai? - respondi-lhe: - Pode ser papai.
E foi assim que começamos nossa conversa. Imaginei que aquela fora sua maneira de iniciar uma comunicação verbal. Denominar os objetos parecia ser um início bastante seguro.
Então, sentou-se no chão, olhando fixamente a casa de bonecas por um longo tempo. Não o estimulei a qualquer atividade. Se o que desejava era sentar-se ali em silêncio, assim o faria. Deveria haver alguma razão para o que ele estava fazendo. Queria que a iniciativa de tecer os laços de nossas relações fosse dele. Muitas vezes, essa abertura do ser pela comunicação é realizada pelos adultos, em sua ansiedade, privando a criança de construí-la.
Dibs apertava as mãozinhas juntas contra o peito e dizia, repetindo várias vezes:
- Portas trancadas, não. Portas trancadas, não. Portas trancadas, não.
Sua voz trazia um apelo de desesperada ansiedade.
- Dibs não gosta de portas trancadas - disse ele. Havia um soluço em sua voz.
- Você não gosta que as portas sejam trancadas - disse a ele.
Dibs parecia estar sofrendo. Sua voz tornou-se um sussurro.
- Dibs não gosta de portas fechadas. Não gosta de portas fechadas e trancadas. Dibs não gosta de paredes à sua volta.
Obviamente, ele vivenciou algumas experiências infelizes com portas fechadas e trancadas. Reconheci o que sentia e expressava.
Começou, então, a tirar um após outro os bonecos da casa onde os havia colocado. Primeiro foi o boneco pai e a boneca mãe, a quem ordenou:
- Vão para a loja. Vão para a loja. Vão embora para a loja. Vão

embora - ordenava enquanto os colocava longe da casa.
- Então a mamãe vai para a loja - comentei. - E o papai também? E a irmã?
Descobriu então que as paredes divisórias da casa de bonecas podiam ser removidas. Deslocou-as, uma a uma, dizendo:
- Não gosto de paredes. Dibs não gosta de paredes. Jogue fora, bem longe, todas as paredes, Dibs.
E nessa sala de ludoterapia, Dibs começou a libertar-se das asfixiantes paredes que havia construído ao redor de si.
Era dessa maneira que ele, lenta e quase dolorosamente, brincava.
Quando a hora se passou, falei-lhe que nosso período de brincadeira ali estava quase terminado e que deveríamos voltar para sua classe.
- Temos mais cinco minutos e então deveremos ir - disse-lhe.
Sentou-se no chão, bem em frente à casa de bonecas. Não se moveu, nem falou. Tampouco eu o fiz. Logo que os minutos se esgotassem, voltaríamos.
Não lhe perguntei se queria ir. Na verdade, não havia escolha para ele. Não lhe perguntei se desejaria retornar àquela brincadeira.
Não estaria em condições de comprometer-se consigo mesmo. Além disso, não se tratava de uma opção exclusivamente dele. Não prometi reencontrá-lo na semana seguinte, pois nada havia decidido com sua mãe.
O garoto já tinha sofrido o suficiente, sem minhas promessas que poderiam não se concretizar. Não lhe perguntei se havia se divertido.
Por que deveria espicaçá-lo, obrigando-o a avaliar uma experiência que apenas começava? Se uma brincadeira de criança é seu meio natural de expressão, por que tentarmos enquadrá-la em um esquema rígido de uma resposta estereotipada? Uma criança apenas se confunde com questões que tenham sido respondidas por alguém antes de ela ser perguntada.
- Está na hora de irmos agora, Dibs. - falei quando os cinco minutos se esgotaram.
Lentamente, ele ergueu-se, tomou minha mão, e deixamos a sala.
Retornamos pelo mesmo hall. A meio caminho, quando já visualizávamos a porta de sua sala, perguntei-lhe se ele julgava que poderia ir sozinho até lá.
- Está bem - respondeu.
Soltou minha mão e, por si mesmo, dirigiu-se à porta de sua sala de aula.
Assim procedi, pois desejava que Dibs fosse gradualmente tornando-se mais e mais seguro de si mesmo e mais responsável. Queria comunicar-lhe minha confiança em sua

capacidade de corresponder às expeciativas. Acreditava que ele poderia fazê-lo. Se ele tivesse hesitado, mostrando sinais de que eu lhe estava pedindo demais nesse primeiro dia, eu teria seguido um pouco mais adiante com ele. Teria percorrido todo o caminho até a porta de sua sala, se ele demonstrasse necessitar desse maior apoio. Mas ele quis ir sozinho.

- Até logo, Dibs! - disse-lhe.
- Está bem! - falou. Sua voz estava suave e gentil.
Ele seguiu pelo hall, abriu a porta de sua sala, e então olhou para trás. Acenei-lhe com a mão. A expressão de seu rosto era interessante. Parecia surpreso - quase satisfeito. Entrou em sua sala e firmemente fechou a porta atrás de si. Foi essa a primeira vez que Dibs foi sozinho a algum lugar.
Um de meus objetivos no estabelecimento dessa relação com Dibs era ajudá-lo a conseguir independência emocional. Não gostaria de complicar seu problema, promovendo-me como um elemento de apoio tão indispensável, que o fizesse dependente de mim. Isso adiaria o desenvolvimento mais completo de seus sentimentos de segurança interior.
Se Dibs fosse uma criança com carências na esfera emocional - e as indicações eram de que sim -, tentar desenvolver uma fixação afetiva a essa altura poderia parecer a satisfação de uma necessidade profunda da criança, mas criaria um problema que, em última instância, só poderia ser resolvido por ela.
Quando saí daquela primeira ludoterapia com Dibs, pude compreender por que os professores e os outros membros da escola não conseguiram inscrevê-lo no livro dos casos perdidos e sem esperança.
Senti um profundo respeito pela sua força e capacidade interiores. Dibs era uma criança de extraordinária coragem.

Capítulo III

Telefonei para a mãe de Dibs, solicitando um encontro com ela o mais cedo possível. Respondeu-me que estava aguardando minha chamada.
Teria o maior prazer em receber-me em sua casa para um chá, no dia seguinte, às quatro horas. Agradeci-lhe e aceitei o convite.

A família morava em uma bela mansão antiga, revestida de pedras, no luxuoso lado leste da cidade. O exterior havia sido conservado com grande cuidado e meticulosamente. A porta de entrada estava muito bem polida, o puxador de metal brilhando. Privilegiada em sua localização, a vivenda compunha uma requintada rua tradicional. A essência da época em que aquelas lindas antigas mansões foram construídas parecia ali preservada. Abri o portão de ferro todo trabalhado, subi os degraus e toquei a campainha da porta. Através da porta fechada, podia ouvir gritos abafados:
- Portas fechadas, não. Portas fechadas, não. Não! Não! Não! - a voz repetia até que foi mergulhada no silêncio. Pressenti que Dibs não iria participar de nosso chá. A empregada uniformizada abriu a porta.
Apresentei-me e fui então conduzida a uma formal e requintada sala de visitas. O ambiente, caracterizado pela beleza e sobriedade do mobiliário, exibia tão impecável ordem, que ninguém ousaria afirmar que ali houvesse estado uma criança, ainda que por cinco minutos. De fato, não havia sinais de que qualquer pessoa vivesse naquela casa.
A criada, muito sisuda, aparentava tal seriedade que parecia estar com a família há bastante tempo. Era precisa, protocolar e

distante. Vendo-a, mil cogitações ocorreram-me: Será que essa criatura já sorriu alguma vez? Será que já experimentou o lado bom da vida? Se, na verdade, isso aconteceu, uma rígida disciplina a envolve, anulando seus

aspectos de identificação individual e de espontaneidade. A mãe de Dibs cumprimentou-me cortesmente, embora bastante séria. Fizemos os costumeiros comentários acerca do clima e sobre o prazer de nos encontrarmos.
O chá foi então servido. O serviço era deslumbrante. Ela não perdeu muito tempo expondo a situação:
- Sabemos que você foi chamada à escola como psicóloga para observar Dibs - disse ela. - É muita gentileza sua assumir essa tarefa. Gostaríamos que você soubesse que nós não esperamos nenhum milagre. Já aceitamos a tragédia de Dibs. Conhecemos sua reputação profissional e temos um grande respeito pela pesquisa em todas as áreas científicas, inclusive nas ciências do comportamento humano. Não mantemos expectativas de obter qualquer mudança na conduta de Dibs; mas, se o estudo de seu caso lhe proporcionar uma melhor compreensão do fenômeno humano, creia que estamos mais que disponíveis para prestar nossa cooperação.
Era inacreditável! Uma mãe, em nome da ciência, oferecia-me alguns dados para estudos. Não uma criança doente e torturada. Uma criança que era seu próprio filho. Não. Apenas alguns elementos para pesquisas. E fez questão de esclarecer que não esperava nenhuma alteração nos dados fornecidos. Pelo menos nenhuma melhora. Passou a relatar informações estatísticas em relação à vida de Dibs. Data de seu nascimento. Seu lento progresso. Seu retardamento óbvio e a possibilidade de uma deficiência orgânica.
Sentada à minha frente, demonstrava terrível nervosismo. Tentava sufocá-lo, dominando-o sob controle. Mas, de quando em quando, mordia os lábios desconcertadamente. Sua face estava pálida. Os cabelos acinzentados estavam presos na nuca. Os olhos eram azul-claros. Os lábios, finos. Era uma bela senhora, porém fria e fugidia em seu relacionamento. Usava um vestido cinza em estilo simples e clássico.
Seria difícil calcular sua idade. Aparentava estar aproximando-se dos cinqüenta anos, mas provavelmente era bem mais nova. Expressava-se com elegância e inteligência. Parecia assumir a coragem e a estatura de um guerreiro. Não obstante, muito provavelmente, era tão profunda e tragicamente infeliz quanto Dibs.
Perguntou-me, então, se pretendia observar Dibs em sua própria casa, em seu quarto de brinquedos, que se localizava no andar superior, nos fundos da residência.
- É um recanto tranqüilo e ninguém os interromperá ou aborrecerá lá. Ele tem grande número de brinquedos. E teremos o maior prazer em adquirir qualquer outro que a senhora queira ou julgue necessário.
- Não, muito obrigada - respondi-lhe. - Será melhor que as sessões sejam realizadas na sala de ludoterapia do Centro de Orientação

Infantil. Teremos uma entrevista semanal com a duração de uma hora.
A minha firme decisão causou-lhe impacto, mas não a impediu de apresentar novos argumentos.
- Dibs possui um incalculável número de brinquedos encantadores. E teremos a maior satisfação em aumentar seus honorários para que venha em casa.
- Lamento, mas não posso atendê-la - disse-lhe. - E, além disso, a terapia não será paga de maneira alguma.
- Oh! mas nós podemos pagar - retorquiu imediatamente. - Insisto mesmo em que lhe paguemos por esse estudo.
- É uma gentileza sua - respondi-lhe. - Mas, de fato, não recebemos remuneração. O que nós solicitamos é que o levem regularmente ao Centro, na hora certa, e, só em caso de doença, o deixem faltar. Gostaria de sua aquiescência para escrever os relatórios completos de todas as entrevistas para nossos estudos. De minha parte, dar-lhe-ei uma declaração por escrito, afirmando que, se por uma eventualidade esse material assim recolhido for usado para fins de ensino ou qualquer tipo de publicação, todas as informações identificadoras de Dibs e de sua família serão de tal forma omitidas, que ninguém será capaz de reconhecê-las. - Entreguei-lhe a declaração que já havia sido assinada antes do encontro. Ela estudou-a cuidadosamente.
- Muito bem - disse depois de algum tempo. - Poderei guardar esta via?
- Sem dúvida. E a senhora e o seu marido poderiam assinar o consentimento para a elaboração dos relatórios? - indaguei-lhe, apresentando o documento já redigido.
- Poderia guardá-lo para discuti-lo com meu marido e enviá-lo pelo correio se o aceitarmos na íntegra?
- Certamente - respondi-lhe. - Apreciaria muito se me fizesse ciente de sua resolução tão logo a tomem.
Segurou a folha de papel com cuidado. Umedeceu os lábios.
Provavelmente, sentia-se constrangida diante do momento presente e de suas implicações para o futuro desconhecido. Seu filho iria iniciar uma ludoterapia. Mas seria sua a deliberação. Percebi que deveria aceitar o período necessário para que a decisão fosse assumida. Assim, poderia

contar com a presença de Dibs no Centro de Orientação Infantil.
- Logo que optarmos, avisá-la-ei - declarou.
Meu coração parou. Será que essa oportunidade de escolha ajudá-la-ia a fugir do confronto consigo, a que a terapia do filho poderia conduzi-la? Mas, por outro lado, caso aceitasse nossa ajuda, estaria comprometida até seu final. E cumpriria sua tarefa, como um dever livremente escolhido. Mas, se o tratamento lhe fosse impingido, não poderíamos esperar uma freqüência regular.
- Não compreendo por que, quando uma família tem condições de oferecer uma remuneração substancial, que lhe possibilitaria dar assistência a uma outra criança cujos pais não têm recursos financeiros, a senhora formalmente se recusa a não receber -

insistiu depois de uma longa pausa.
- Meu trabalho é fundamentalmente dedicado à pesquisa, visando a uma maior compreensão da psicologia infantil - expliquei-lhe. - Já recebo meu salário pelo trabalho que desenvolvo. Isso, portanto, independe de sua possibilidade de pagar. E não posso receber honorários de ninguém.
Se a senhora quiser, poderá oferecer uma contribuição ao Centro, sem nenhum vínculo com nosso caso particular. A senhora poderá decidir à vontade. Aliás, as pesquisas são basicamente financiadas por fundo assim coletados.
- Entendo - respondeu. - Mas ainda continuo querendo pagá-la, pessoalmente.
- Estou certa disso - respondi-lhe. - E agradeço toda a sua preocupação a meu respeito. Entretanto, já fui bastante clara sobre as condições em que posso atender Dibs.
Mantive minha posição com firmeza. Sabia que, com a velocidade de uma serra elétrica, suas palavras poderiam cortar todos os liames que me uniam a Dibs. Mas, se conseguíssemos contornar aquela pequena controvérsia, estaríamos construindo importante degrau inicial, no edifício de sua responsabilidade como mãe. Seria, sem dúvida, mais confortável pagar por sua omissão em relação ao filho. Por isso mesmo, decidi que seria da maior importância eliminar esse elemento.
Percebi-a estarrecida por alguns minutos. Apertava as mãos, com sofreguidão, sobre seu colo. Olhava-as. De repente, lembrei-me de Dibs, jogando-se no chão, rosto para baixo, imóvel, rígido. Novamente, senti entre ambos uma identidade de problemas. Levantou a vista e, ao encontro de meus olhos, desviou os seus.
- Devo dizer-lhe alguma coisa mais - confessou. - Em caso de necessitar de maiores detalhes sobre o caso de Dibs, posso apenas lhe indicar a escola como a melhor fonte para obtê-los. Pessoalmente, nada mais posso acrescentar. E nem tampouco comparecer a entrevistas. Se suas condições de trabalho implicam um assíduo contato com a mãe da criança, prefiro que cancele o compromisso que assumiu há pouco. Nenhuma informação tenho para adicionar às que já lhe forneci. É uma tragédia - uma enorme tragédia. Dibs é... Bem, Dibs... é... um retardado mental. Já nasceu assim. Quanto a mim, não me sinto em condições de responder a questionários e participar de discussões sobre seu caso - enfatizou, olhando-me por segundos, de novo.
Ficava aterrorizada com a perspectiva de ser submetida a quaisquer entrevistas.
- Compreendo - tranqüilizei-a. - E esteja certa de que respeitarei sua vontade. Entretanto, gostaria de lhe dizer que, se em alguma ocasião, quando quer que seja, desejar falar-me sobre Dibs, creia que será muito bem-vinda. Isso ficará a seu critério.
Por minutos, senti-a menos contraída. Um pouco aliviada, talvez.
- Meu marido também não gostaria de ser solicitado para reuniões - continuou.
- Está certo - concordei. - O que decidirem será respeitado.
- Bem, quando for levar Dibs ao Centro, não poderei esperá-lo. Voltarei mais tarde, para apanhá-lo, quando estiver na hora.
- Não haverá problema - assegurei-lhe. - A senhora poderá deixá-lo

no Centro e esperá-lo no horário combinado. Ou ainda, se preferir, poderá enviar uma pessoa de sua confiança.
- Muito obrigada. A senhora não imagina como apreciei sua compreensão - expressou-se depois de um longo silêncio.
Terminamos nosso chá. Conversamos sobre assuntos superficiais.
Dorothy foi lembrada com as estatísticas indicadoras de sua sanidade, característica evidente de uma "criança perfeita".
A mãe de Dibs havia demonstrado muito maior medo, ansiedade e pânico em sua primeira entrevista do que Dibs na sessão inicial de terapia. Senti que não havia clima propício para persuadi-la dos benefícios de um tratamento pessoal.

Seria ameaçá-la demais. E não quis assumir esse risco.
Representaria a possibilidade de perder Dibs. E acreditava no potencial emergente daquela criança que a impulsionava a protestar contra a permanência de portas trancadas. Queria abri-las. Entendi seu esforço, percebendo as inúmeras portas que sua mãe fechara em sua vida. Na realidade, quantas tentativas partiram dela para impedir-nos de entreabrir a porta da ajuda terapêutica? Ainda na saída, voltou a insistir na modificação de nossas condições de trabalho.
- Está certa de que não prefere atendê-lo em seu quarto de brinquedos? - perguntou-me. - Seus jogos são variados e atraentes. E poderíamos comprar qualquer outro objeto que a senhora indicasse. Qualquer um.
Percebi seu visível desespero. Agradeci o oferecimento, e, de novo, afirmei que só poderia atendê-lo no Centro.
- Comunicar-lhe-ei logo que decidamos - disse-me balançando o papel, que não mais soltou das mãos.
- Muito obrigada - respondi-lhe, já saindo.
No percurso até meu carro sentia o peso opressor de uma família acorrentada. Pensei em Dibs e em seu quarto de brinquedos maravilhosamente equipado. Nunca tinha entrado lá. Mas estava convicta de que todos os objetos para fins lúdicos que o dinheiro pudesse comprar ali estariam reunidos. E mais. Tudo zelosamente guardado por trás de uma sofisticada porta polida. E... trancada por uma fechadura segura!
Lembrei-me da mãe de Dibs. Será que, mais tarde, ela decidiria relatar os fatos relevantes da história de seu filho? Sem dúvida, ser-lhe-ia uma penosa tarefa caracterizar as dinâmicas do relacionamento de sua família. Como se sentiria diante do drama de sua criança? Que papel atribuía a si nessa tragédia, que a tornava apavorada perante a perspectiva de ser entrevistada ou questionada sobre o assunto?
Perguntei-me se havia conduzido a entrevista pelo caminho mais proveitoso ou se, pelo contrário, minha posição firme e radical a havia pressionado a tal ponto que estimulara seu recuo, impedindo-nos de estudar a problemática de Dibs.
Senti forte desejo de adivinhar a decisão que aquele casal assumiria. Será que aceitariam as condições propostas? Será que teria outra oportunidade de rever Dibs? E se, em nome da

esperança, sua e de seus pais, eu o encontrasse na sala de ludoterapia, quais seriam os resultados que dali adviriam?

Capítulo IV

Por várias semanas, a família de Dihs manteve-se em completo silêncio. Telefonei para a escola e indaguei da diretora se recebera alguma comunicação de seus pais. Respondeu-me que nada lhe haviam dito sobre o assunto. Perguntei sobre Dibs. Soube que sua conduta continuava sem alterações. Permanecia freqüentando a escola com assiduidade. Todos lá apoiando-o, enquanto aguardavam o início da ludoterapia, que desejavam ansiosamente não tardasse.

Enfim, certa manhã, recebi a folha liberatória, assinada por seus pais, dando-me permissão para escrever os relatórios das sessões.

Uma pequena observação ao final da página reafirmava seu desejo de cooperar com o nosso trabalho. Sugeriam, também, que telefonássemos para sua casa com o objetivo de marcar a entrevista inicial com Dibs.

Marquei a sessão para a quinta-feira seguinte, à tarde, na sala de ludoterapia do Centro. Pedi a minha secretária que confirmasse, com sua mãe, a possibilidade de atendimento naquele horário, por parte dela e de Dibs. Não houve nenhum inconveniente.

Foi um verdadeiro alívio! A julgar pelo tempo consumido, seus pais não tomaram a decisão com facilidade. Era bastante significativa tal demora. E o que estaria acontecendo com Dibs durante esse intervalo?

Seus pais o teriam examinado com olhares proféticos, tentando avaliar suas possibilidades? De qualquer maneira, vacilaram, medindo e pesando todos os ângulos e aspectos envolvidos na aventura. Uma grande tentação me aconselhava a telefonar para sua mãe, pressionando-a a trazer Dibs ao consultório ou pedindo que me desse ciência de sua deliberação. Só não obedeci a esse impulso porque compreendia que nada de importante conseguiríamos ao forçar uma decisão, caso não a tivessem tomado, e muito perderíamos

se os perturbássemos no período de considerações. Foi uma longa espera, cheia de frustrações e perguntas.

No dia combinado, Dibs chegou ao Centro com sua mãe. Ela dirigiu-se à recepcionista dizendo que voltaria para buscá-lo dentro de uma hora e que ele poderia aguardá-la, ali mesmo, na sala de espera.

Caminhei a seu encontro para cumprimentá-lo. Estava imóvel, no exato lugar em que sua mãe o havia deixado. Muito bem agasalhado, com casaco, chapéu, luvas e botas.

- Boa tarde, Dibs - saudei-o. - Como é bom vê-lo de novo! Vamos para nossa sala de brinquedos. Fica bem no final do hall.

Dibs estendeu sua mãozinha ao encontro da minha.

Silenciosamente. Juntos, dirigimo-nos para a sala de ludoterapia.

- Esta é uma outra sala - disse-lhe. - Mas bem parecida com aquela onde estivemos há várias semanas.

- Está bem - falou hesitante.
A sala ficava no andar térreo. Cheia de luz solar. Mais atraente que a outra, embora o equipamento não diferisse significativamente do outro. As janelas abriam-se para um parque de estacionamento de carros, e, mais adiante, podia-se ver uma grande igreja revestida de pedras cinzentas.
Logo que entramos, Dibs percorreu o recinto vagarosamente, tocando o material, nomeando os objetos com a mesma inflexão de voz que havia usado em sua primeira visita à outra sala de terapia.
- Caixa de areia? Cavalete? Carteira? Tinta? Carro? Boneca? Casa de bonecas? - Cada um era segurado e indagado sobre sua identidade.
Depois variou um pouco.
- Isto é um carro? Sim, é um carro. Isto é areia? Sim, é areia. Isto é tinta? Sim, é tinta.
Quando concluiu o circuito completo da sala, falei-lhe:
- É mesmo. Quantos objetos diferentes estão neste compartimento, não é? E você segurou-os dizendo seus nomes.
- É - respondeu suavemente.
Não desejava apressá-lo. Por isso dava-lhe tempo para ver e examinar o que o cercava. Toda criança precisa de tempo para explorar seu mundo, a seu modo.
Parou inerte no centro da sala.
- Dibs, será que você gostaria de tirar seu chapéu e casaco? - perguntei-lhe, depois de um período de espera.
- Está bem - respondeu.
- Tire seu chapéu. E seu agasalho, Dibs.
Falava, mas não fazia a mais leve menção de movimento.
- Bem, você falou-me que gostaria de tirar seu casaco e chapéu, não foi, Dibs? Ótimo! Vá. Tire-os, então.
- Tire as luvas e as botas também - completou ele.
- Está certo - respondi. - Tire suas luvas e botas também, se você quer.
- Está bem - sussurrou.
Mas ali permaneceu estático e sem conforto dentro de seu casaco de mangas compridas. Começou a choramingar. Mantinha-se à minha frente, com a cabeça inclinada, chorando baixinho.
- Bem, você gostaria de ficar sem os agasalhos, mas quer que o ajude a retirá-los. É isso?
- Sim - concordou, com um soluço na voz.
- Está certo, Dibs. Você quer que o ajude a tirar seu casaco e chapéu. Venha até aqui que eu o farei.
Estava sentada em uma cadeirinha e mantive-me nessa posição com um propósito: oferecia-lhe meu auxílio, mas como estava um pouco afastada, ele deveria andar alguns passos para obtê-lo.
Dibs caminhou em minha direção. Trôpego e vacilante.
- As botas também - falou em tom áspero.
- Pois não. Vou tirar suas botas.
- E as luvas - insistiu, torcendo as mãos.
- Claro, as luvas também - respondi-lhe.
Quando terminei, Dibs estava mais leve, sem dúvida. Coloquei as luvas nos bolsos do casaco e entreguei a ele junto com o chapéu.
Deixou-os cair no chão. Ergui-os e dependurei-os na maçaneta da

porta.
- Vamos dependurá-los aqui, até a hora da saída - disse-lhe. - Ficaremos juntos por uma hora. E, depois, você voltará para casa.
Nada respondeu. Dirigiu-se ao cavalete e examinou as tintas.
Ficou ali por um longo tempo. Pronunciou o nome das cores das tintas que ali encontrara. Reorganizou-as com calma. Colocou o vermelho, o amarelo e o azul na prateleira do cavalete. Com cuidado, separou-os nos seus espaços adequados e acrescentou as outras cores, completando assim o numero das seis cores básicas do espectro. Colocou então as cores terciárias nos lugares corretos, adicionou o branco e o preto, e assim organizou uma escala com todas as cores de acordo com seus valores hierárquicos. Tudo foi por ele

elaborado com calma e em silêncio. Quando os percebeu em ordem exata, escolheu um pote e examinou-o. Observou seu interior. Misturou a tinta dentro com o pincel. Suspendeu-o para melhor vê-lo sob a luz. Correu os dedos suavemente sobre o rótulo. Leu a marca comercial da tinta e o nome da cor.
- Tinta Favor Ruhl. Vermelho. Tinta Favor Ruhl. Azul. Tinta Favor Ruhl. Preto.
Essa era uma parcial resposta a uma antiga indagação. Sim, Dibs sabia ler. Estava agora obviamente lendo os rótulos de uma maneira completa. E, ainda, a escala de cores foi por ele corretamente organizada e denominada.
- Bom, você sabe ler os rótulos dos potes de tinta - disse-lhe eu.
- E sabe muito bem os nomes das cores.
- É verdade - respondeu com vacilação.
Então, sentou-se na mesinha e apanhou a caixa de lápis de cor.
Leu o nome que estava escrito no estojo. Tomou o lápis vermelho e escreveu com letras de imprensa em letras firmes e bem definidas: VERMELHO. Fez o mesmo com todas as outras cores, escrevendo o nome na seqüência exata, formando um círculo. Escrevia e soletrava em voz alta.
Olhei-o. Tentei responder-lhe verbalmente que estava reconhecendo seu esforço para comunicar-se comigo por meio daquela atividade.
- Você está dizendo os nomes das cores e registrando-os com o lápis correspondente, não é? Estou percebendo. V-E-R-M-E-L-H-O, forma vermelho.
- É - concordou.
- E ainda está elaborando um arco de cores, não é verdade?
- É - repetiu.
Apanhou, em seguida, a caixa de aquarelas. Leu o nome registrado na caixa. Deu pequenos toques de tinta colorida em um pedaço de papel de desenho, obedecendo à mesma rígida e deliberada hierarquia das cores.
Tentava manter meus comentários de acordo com sua ação, evitando falar em demasia para não indicar qualquer orientação ou demonstrar alguma expectativa específica, para ele concretizar. O que queria era comunicar-lhe compreensão ou simplesmente reconhecimento de sua exteriorização referencial. Desejava que

fosse ele quem abrisse os caminhos. Deveria segui-lo, respeitá-lo e entendê-lo. Desejava fazê-lo sentir que a ele caberiam as iniciativas a serem assumidas naquele recinto. Quanto a mim, reconheceria seu esforço, numa dupla comunicação, baseada na realidade concreta, que funcionaria como experiências compartilhadas por nós dois. Não queria proclamar admiração pelas suas habilidades. Por que surpreender-me diante da evidência de sua capacidade? Quando a liberdade de iniciativas se abre para um indivíduo, sua escolha recai sobre as atividades em que se sente mais seguro.
Qualquer exclamação de surpresa ou elogio pode ser interpretada como indicadora da direção a seguir. E, com isso, outras esferas de exploração são fechadas, representando perdas da maior importância para ele.
Todas as pessoas procedem com precauções para proteger a integridade de sua personalidade. Estávamos familiarizando-nos um com o outro. Aqueles objetos que Dibs mencionou, ao situar-se na sala, eram realidades que não estavam envolvidas em nenhum contexto afetivo sério.
Constituíam, no entanto, ingredientes compartilhados por nós dois, uma ponte para nossa comunicação. Para Dibs, eram conceitos seguros.
De quando em quando, relanceava os olhos em minha direção, mas logo os desviava.
Sem dúvida, essas atividades iniciais transbordavam uma riqueza de revelações. Hedda tinha, de fato, soberbas razões para ter fé em Dibs. Na verdade, aquela criança estava não somente pronta para emergir, mas já começando a longa aventura do desabrochar. Qualquer que fosse seu problema, podíamos agora retirar-lhe o rótulo de retardado mental.
Dibs entrou no depósito de areia. Enfileirou os soldados combinando os pares, dois a dois. A areia penetrou-lhe os sapatos. Olhou-me, apontou para os pezinhos, choramingando.
- Que é isso? - perguntei-lhe. - A areia está entrando em seus sapatos?
Acenou com a cabeça afirmativamente.
- Se você quiser, poderá tirá-los.
- Está bem - respondeu-me em tom áspero.
Mas não fez nenhum movimento. Pelo contrário, sentou-se, fitando os calçados e lamuriando-se. Esperei.
- Você tirará seus sapatos - falou com grande esforço.
- Você gostaria de tirar os seus e quer que o ajude, não é?
Assentiu com um movimento de cabeça. Prestei-lhe a assistência solicitada. Desamarrei os laços e retirei-lhe os sapatos

dos pés. Com muita cautela, colocou os pés na areia. Mas não por muito tempo. Logo quis sair.
Aproximou-se da mesa e observou os blocos e peças de jogos de armar. Então, calma e deliberadamente, começou a sobrepor peça por peça.
O grande bloco assim formado tremeu e se desmoronou. Dibs esfregou

as mãos uma na outra.
- Miss A.! - gritou, chamando-me pelo nome, com que, a partir daí, iria tratar-me. - Ajude-me, e bem depressa.
- De fato, você gosta de pedir minha ajuda, não é verdade?
- Sim - respondeu, com um relancear de olhos.
- Bem, que quer que eu faça? Diga-me, Dibs.
Perto da mesa, Dibs olhava os blocos, apertando as mãozinhas contra o peito. Silencioso. Ele e eu.
Em que estaria pensando? O que estaria procurando? Qual seria a melhor maneira de ajudá-lo? Queria comunicar-lhe meu esforço de compreendê-lo. Pouco sabia sobre seu mistério. E ele também. Mas nessa nossa ignorância repousava parte de nossa esperança. Por isso esperava.
Seria um ato de violência invadir seu mundo privado para tentar arrancar-lhe respostas. Se conseguisse fazê-lo sentir minha confiança nele, como pessoa que tem verdadeiras razões para suas atitudes, se pudesse transmitir-lhe a convicção de que não há respostas escondidas para ele adivinhar, nem padrões de conduta estandardizados, nem uma solução pronta para seu problema em minha mente, e nem pressa para fazer qualquer coisa - Dibs poderia conquistar, mais e mais, um sentimento de segurança em si mesmo, para entender e aceitar suas próprias reações.
Isso levaria tempo, verdadeiro esforço, grande paciência por parte de nós dois.
De repente, levantou-se, estendeu os braços, segurando um bloquinho de construir em cada mão e os fez colidir com estampido.
- Uma destruição! - exclamou.
- Foi uma destruição?
- Foi sim - respondeu. - Uma destruição!
Um caminhão entrou no parque de estacionamento e parou junto de nossa janela aberta: Dibs correu para fechá-la, apesar do calor que fazia.
- Feche a janela - dizia.
- Você quer fechar a janela? - perguntei. - Mas está quente aqui dentro com a janela aberta.
- É verdade - respondeu.
- Feche você a janela, Dibs. Ah! Você a quer mesmo fechada.
- É isso mesmo - disse. - Dibs vai fechá-la - falou com bastante firmeza.
- Realmente, você sabe o que quer, não é?
Esfregava desajeitadamente seu rosto, onde as lágrimas haviam deixado tantos vestígios. Teria sido tão fácil tomá-lo nos braços e consolá-lo, estender o horário, tentar abertamente dar-lhe demonstração de afeto e simpatia. Mas qual o valor que tal atitude teria diante dos problemas emocionais da vida daquela criança? Não teria ele que voltar para casa independentemente de sua vontade? Evitar enfrentar a realidade não o ajudaria. Dibs precisava desenvolver sua força para encarar seu mundo, mas essa fortaleza deveria brotar de seu interior, e o exterior deveria ser experimentado tal qual se apresentava. Qualquer mudança significativa para Dibs deveria vir de seu interior. Não podíamos transferi-la para seu meio ambiente.
A hora se havia esgotado e Dibs estava pronto para sair. Tomou

minha mão e encaminhamo-nos para a sala de recepção. Sua mãe lá o aguardava e parecia muito bem. Dibs intranqüilo, inseguro de si e da situação. Quando Dibs a viu, atirou-se no chão, esperneando e gritando seu protesto. Despedi-me dele, cumprimentei sua mãe, disse-lhe que gostaria de vê-lo na semana seguinte e os deixei. Houve um tremendo alarido na sala de espera, enquanto sua mãe tentava levá-lo. Seu embaraço crescia com a resistência de Dibs.
Não estava satisfeita comigo mesma por ter-me omitido, mas nada podia fazer a não ser deixá-los resolver o problema à sua maneira. Pareceu-me que, se eu permanecesse ali observando-os ou interferindo, somente iria confundi-los e complicar a situação. Não poderia ficar a favor ou contra Dibs ou sua mãe. Não queria tomar nenhuma posição que implicasse crítica sobre o comportamento da mãe ou do filho. Assim, parecia que o melhor procedimento seria deixar a cena sem envolver-me pessoalmente.

Capítulo V

Na semana seguinte, Dibs retornou ao Centro de Orientação Infantil, exatamente na hora marcada para a terapia. Encontrava-me em meu escritório, quando a recepcionista tocou a campainha que anunciava sua chegada. Fui imediatamente para a sala de recepção e encontrei-o perto da porta. Sua mãe já havia saído.
- Boa tarde, Dibs - cumprimentei-o, aproximando-me.
Nada respondeu. Mantinha-se de olhos baixos.
- Vamos para a sala de brinquedos - disse-lhe, estendendo-lhe minha mão. Tomou-a e percorremos o hall até a sala de brinquedos.
Esperei a seu lado que tomasse a iniciativa de entrar. Depois de ter penetrado no recinto, Dibs recuou repentinamente, segurando a porta.
Havia nela uma placa dependurada. Ergueu-se e retirou-a.
- "Não perturbe" - leu.
Virou o letreiro e olhou as palavras no verso. - "Ludo" - leu pausadamente.
Bateu de leve com um dedo sobre o final da palavra. Era um nome novo para ele. Terapia. Estudou-o em todos os detalhes. - "Terapia" - pronunciou.
- Terapia - repeti com a pronúncia correta.
- Sala de ludoterapia? - indagou.
- Exatamente - respondi.
- Sala de ludoterapia - repetiu, entrando e fechando a porta atrás de nós. - Você vai tirar seu chapéu e o casaco - disse ele.
Sabia que ele se referia a si mesmo. Dibs raramente se tratava a si próprio como eu.
- Você quer que eu tire meu casaco e meu chapéu? perguntei-lhe.
- Sim - concordou.
- Mas eu não estou usando chapéu e casaco.
Dibs olhou-me confusamente.
- Você tira seu chapéu e seu casaco - falou puxando sua roupa.
- Gostaria que eu o ajudasse a tirar seu casaco e chapéu? É isso?
Tinha desejado focalizar sua atenção no eu quando o pronunciei com ênfase. Mas esse era um problema muito complexo.

- Sim - respondeu-me.
- Bem, vou ajudá-lo.
Dessa vez, no entanto, ele participou bem mais ativamente.
Entreguei-lhe então o chapéu e o sobretudo.
Relanceou sobre mim seu olhar, pegou-os e caminhou em direção a porta.
- Você vai dependurá-los aqui - disse, colocando-os na maçaneta.
- Coloquei-os aí na semana passada. Hoje quem vai fazer isso é você.
Sentou-se ao lado da caixa de areia e enfileirou os soldados aos pares. Depois, foi à casa de bonecas e arrumou a mobília.
- Onde está a porta? Onde está a porta? - perguntava, apontando para a abertura da frente da casa de bonecas.
- Acho que está dentro do armário, aqui perto. Dibs foi até lá e apanhou o painel frontal, onde estavam representadas as janelas e a porta. Em seu retorno, bateu, por acidente, na casinha. Uma de suas principais paredes caiu. Levantou-a, recolocando-a em seu encaixe correto. Tentou colocar o painel no lugar previsto. Era uma tarefa difícil. Tentou repetidas vezes e em todas falhava na conexão das peças.
- Tranca! - murmurou. - Tranca!
- Você quer a casinha trancada?
- Trancada - insistiu, tentando fixar a peça, de novo. - Agora, sim, está bem trancada.
- Pois é, você encontrou o painel e fechou a casa.
Dibs olhou-me e esboçou a promessa de um sorriso.
- Eu fiz isso - disse vaidosamente.
- De fato, você o fez, e sozinho - comentei. Dibs sorriu gratificado consigo mesmo.
Circulou a casa de bonecas, e fechou todas as janelas e portas.
- Todas fechadas. Todas! - exclamou.

- Verdade, todas as janelas e portas estão fechadas agora - concordei.
Abaixou-se para observar a parte de baixo da casa. Havia duas portinhas ali. Ele as abriu.
- Aqui é o porão - disse. - Jogue tudo fora. Paredes, mais paredes e divisórias. Paredes sem portas. - No porão estavam guardadas várias divisórias e muitos móveis de casa de boneca. - Faça uma fechadura - disse a si mesmo. E, obedecendo, apanhou meu lápis e com cuidado desenhou a maçaneta da porta.
- Você acha que deve haver uma fechadura na porta? - perguntei-lhe.
- Sim - murmurou. Desenhou uma maçaneta na porta. - Agora a porta tem uma maçaneta, também.
- Sim! você pôs uma maçaneta e uma fechadura na porta.
- É uma fechadura que tranca com uma chave. E paredes altas e fortes! E uma porta. Uma porta trancada!
- Estou vendo - comentei.
A casinha balançou ligeiramente quando Dibs a tocou. Deteve-se, então, a examiná-la. Apanhou uma das divisórias, tentando encaixá-

la em um de seus cantos para manter firme a casa. Continuava a oscilar.
Depois, tentando colocar a divisória sob dois dos cantos, empurrou-a sob o terceiro canto e a casa parou de balançar.
- Pronto! - anunciou. - Não balança mais. Não treme e não balança, agora.
Levantou uma parte do telhado, mexeu em alguns móveis. A divisória escorregou e, de novo, a casinha oscilou. Dibs recuou um pouco para olhá-la.
- Miss A., ponha algumas rodinhas na base, assim ela não irá mais tremer e balançar.
- Você acha que isso solucionará o problema? - perguntei.
- Resolverá - respondeu. - Resolverá, sem dúvida.
Assim, ficou claro que Dibs tinha um vocabulário rico, embora não o usasse. Podia observar e definir problemas. E conseguia solucioná-los. Por que desenhara uma fechadura com todos os acessórios na porta da casa de bonecas? As portas fechadas que havia encontrado em sua vida, sem dúvida, o haviam impressionado profundamente.
Dirigiu-se à caixa de areia e saltou dentro. Escolheu alguns dos soldados que se encontravam espalhados na areia. Examinava cada um à medida que os segurava. - Dibs ganhou uns parecidos com estes no Natal - disse-me, exibindo-me um exemplar.
- Você ganhou soldadinhos no Natal? - repeti.
- Sim. Exatamente iguais a estes. Bem, não exatamente. Mas do mesmo tipo. Aqueles têm fuzis nas mãos. Aqueles têm as armas bem aqui. Eles atiram. Armas, armas de verdade, atiram. Estes carregam os fuzis nos ombros. Estes estão em posição de atirar. Veja. Aqui há quatro que são muito parecidos. E, logo ali, quatro mais. Estes três com armas apontadas nesta direção. E aqui um outro igual. Quatro e quatro são oito. Somando três e mais um, são doze.
- Isso mesmo - concordei, enquanto ele agrupava os soldadinhos. - Você pode juntar os conjuntos de soldados e somá-los corretamente.
- É verdade - Dibs falou. Então, com hesitação, acrescentou: - Eu... Eu... Eu posso.
- Sim, você pode, Dibs - falei.
- Aqueles dois homens estão com bandeiras - continuou, apontando duas outras figuras. Enfileirou-os todos ao lado da caixa de areia. - Todos estes têm armas. E estão disparando-as. Mas estão de costas para este lado.
- Você quer dizer que todos estão atirando na mesma direção? - perguntei indicando um tanto vagamente na direção dos soldados.
Dibs encarou-me. Olhou para as figuras e inclinou a cabeça.
- Eles não estão atirando... em você - falou com firmeza.
- Compreendo. Eles não estão atirando em mim.
- É isso mesmo - disse.
Enterrou a mão na areia e encontrou mais alguns soldados de brinquedo. Retirou-os e alinhou-os. Enterrou os pés calçados na areia.
- Tire os sapatos - falou de repente. Desamarrou os cordões e tirou os sapatos. Então, reorganizou os soldados.
- Tudo pronto. Estão em fila, todos juntos. Estão todos juntos.
Selecionou, em seguida, três soldados e preparou com eles uma nova

fila. Com cuidado e firmeza, empurrou-os, um a um, para dentro da areia. O terceiro não ficou tão soterrado quanto ele desejava. Retirou-o para reenterrá-lo em um ponto mais profundo, apanhou um punhado de areia e jogou-a sobre todos os soldados sepultados.
- Ele se foi! - exclamou.

- E você libertou-se dele, não foi? - comentei.
- É verdade - concordou. Com uma pá, encheu um balde com areia e despejou-a sobre os soldados enterrados.
O carrilhão da igreja próxima ao parque de estacionamento tocou, anunciando o fim da hora. Dibs interrompeu sua atividade.
- Ouça - disse. - Um, dois, três, quatro. São quatro horas!
- Sim, são quatro horas. Logo será hora de você voltar para casa - disse.
Dibs ignorou minha observação. Saiu da caixa de areia e correu para a mesa. Observou os potes de tinta-a-dedo e perguntou: - O que é isto?
- Tintas para serem usadas com os dedos - expliquei-lhe.
- Tintas para serem usadas com os dedos? Como?
- Primeiro, você molha o papel. Depois põe um pouco de tinta sobre ele e a distribui da maneira que desejar com o auxílio de seus dedos ou mãos. Assim. Do jeito que você quiser usá-la.
Ele ouviu e observou minha rápida demonstração.
- Tinta-a-dedo? - perguntou.
- Sim, tinta-a-dedo. Introduziu o dedo no pote de tinta vermelha.
- Espalhe um pouco aqui e ali - disse. Mas não pôde suportar o contato com a tinta. Esfregou as mãos no papel molhado. Decidiu pegar uma espátula de madeira, enfiou-a na tinta, distribuindo-a sobre o papel.
- Acho que esta é uma tinta-a-dedo - disse. - Sim, você disse que ela é tinta-a-dedo. Espalhe-a aqui e ali com seus dedos. - Novamente, pegou a tinta com os dedos. - Oh! Limpe-os - disse.
Dei-lhe uma toalha de papel e ele retirou a tinta.
- Você não gosta que a tinta grude em suas mãos, não é? - perguntei.
- É uma tinta melada. - disse. - Melada e gordurosa. Suspendeu o recipiente e leu o rótulo. - Isto é tinta-a-dedo vermelha - afirmou. - Vermelha.
Colocou o pote sobre a mesa e circulou-o com a palma da mão aberta, sem contudo tocá-lo. Rapidamente, tocou a tinta com as pontas dos dedos.
- Espalhe-a - disse. - Pegue a tinta vermelha e espalhe, Dibs. Com um dedo, dois ou três. Primeiro a vermelha. Depois a amarela. Depois a azul. Coloque-as em ordem.
- Você gostaria de tentar usar as tintas, não é?
- Estas são as instruções - disse, olhando para mim e apontando os rótulos.
- Sim, aquelas são as indicações.
Enterrou os dedos na tinta de novo. - Oh, limpe - disse. Apanhou outra toalha de papel e retirou a tinta vigorosamente.
- Você tem vontade de pintar, mas ao mesmo tempo não gosta -

comentei.
- Aqueles lápis são diferentes - observou Dibs. - Foi a American Crayon Company que os fabricou. Estes são da Shaw Finger Paint. E as aquarelas são feitas pela Prang.
- É verdade - disse.
- Bem, estas são tintas-a-dedo - disse, enterrando os dedos na tinta amarela e espalhando-a calma e decididamente sobre cada um dos outros dedos. Em seguida, limpou-os com a toalha de papel. Depois meteu os dedos na tinta azul. Pousou sua mão no papel e debruçou-se sobre ela, absorto no que estava fazendo. Espalhou a tinta cuidadosamente em volta de cada dedo.
- Agora! Olhe! - gritou triunfalmente, levantando as mãos.
- Você, de fato, conseguiu desta vez, não foi?
- Olhe! Todos os dedos azuis, agora - exclamou, examinando as mãos. - Agora estão verdes - disse, trocando a tinta. - Primeiro, eu os tornei vermelhos - disse. - Depois amarelos. Depois azuis. Depois verdes. Depois marrons. Pintei cada dedo. E retirei a tinta. Limpei-os e apliquei nova cor. Por isso chama-se tinta-a-dedo! Oh! vamos embora, Dibs. Esta é uma maneira muito tola de pintar. Vamos embora.
Retirou a tinta das mãos, amassou a toalha de papel usada, atirando-a no cesto. Balançou sua cabeça em sinal de desagrado.
- Tintas-a-dedo - disse. - Não são interessantes. Pintarei uma gravura.
- Você prefere fazer uma gravura?
- Sim - respondeu. - E com aquarela.
- Temos apenas cinco minutos mais - disse-lhe. - Você acha que poderia pintar uma gravura nesse tempo?
- Dibs pintará - afirmou, apanhando a caixa de tintas. - Onde há água?
Indiquei-lhe a pia e ele encheu um pequeno recipiente.

- Você terá tempo apenas para pintar uma gravura. - disse. - Depois teremos de ir.
Foi uma afirmação arriscada. Dibs poderia estender sua pintura pelo tempo que desejasse, pois com meu aviso o tempo limite havia se tornado flexível. Tendo resolvido que o período restante era de cinco minutos, deveria sustentar tal decisão e não complicar a situação introduzindo um segundo elemento.
Entretanto, Dibs ignorou minha ordem.
- A pintura vai indo - afirmou. - Enxugarei as sobras de tinta com a toalha de papel. Isso ajudará a secá-la. Isto será uma gravura.
- Com rápidos e cuidadosos gestos, iniciou a pintura com tinta vermelha, fazendo sobre o papel o que à primeira vista pareciam ser pequenos borrões, colocando-os em vários pontos do papel, acrescentando cada cor segundo sua ordem no espectro solar. Quando acrescentou mais cores, a figura emergiu. Ele havia pintado uma casa, uma árvore, céu, grama, flores e sol. Todas as cores foram usadas. Concluída a pintura, havia nela unidade, forma e significado.
- Isto é... Isto é... - Estava gaguejando e titubeava com o

pincel, balançando a cabeça, parecendo de repente muito tímido. - Esta é a casa de Miss A. - ele disse. - Miss A., vou dar-lhe esta casa.
- Você quer dar-me este presente, não é? - disse, mostrando a pintura. Ele concordou. Minha intenção, respondendo-lhe com uma questão ao invés do rotineiro muito obrigado ou de um elogio, era preservar a dinâmica de nosso processo de comunicação, aprofundando-o. Assim, se desejasse, poderia expressar-se mais sobre seus sentimentos e pensamentos, e não seria cortado abruptamente por uma resposta formal e estandardizada.
Dibs segurou o lápis e, com o maior esmero desenhou uma fechadura na porta. Nas janelinhas do primeiro pavimento acrescentou barras. Havia também uma janela ampla pintada em amarelo vibrante. No peitoril, pintou um jarro com flores vermelhas. Era uma perfeita e admirável criação artística e que havia sido conseguida de uma maneira original.
Dibs fitou-me. Seus olhos apresentavam um azul brilhante. A expressão de seu rosto transbordava medo e infelicidade. Apontou para a porta na pintura. - Ela tem uma fechadura - disse. - Fecha depressa com uma chave. Tem um porão que é escuro.
Olhei para sua gravura e depois para ele.
- Entendo - comentei. - Esta casa também tem fechadura e um porão escuro.
Parou diante da casa. Tocou na fechadura da porta. Olhou para mim.
- Esta casa é para você - falou, torcendo os dedos juntos. - É sua casa, agora - acrescentou. Respirou profundamente. Então falou com grande esforço: - Esta casa tem também um quarto de brinquedos - disse, indicando a janela amarela com o vaso de flores vermelhas.
- Oh, sim. Esta é a janela do quarto de brinquedos, não é?
- É - aquiesceu, acenando com a cabeça.
Caminhou até a pia e esvaziou o recipiente de água já misturada à tinta. Abriu a torneira com toda a força. O carrilhão da igreja encheu de som o ambiente. Era hora de terminar a sessão.
- Ouça, Dibs. Agora é hora de irmos. Você ouviu os sinos?
Dibs ignorou meu aviso.
- Tinta marrom cobre a água de marrom e tinta laranja torna a água laranja - falou.
- Bem, é isso mesmo - repliquei. Sabia que ele havia ouvido meu lembrete sobre o final do horário e não queria agir como se ele julgasse o contrário.
- Isto é água Q-U-E-N-T-E. Quente - disse. - E F-R-I-A. Fria. Quente. Fria. Liga. Desliga. Liga. Desliga.
- Você acha a água fria e quente interessantes também, agora? - perguntei.
- Sim - respondeu.
- Mas que lhe disse sobre nosso tempo, Dibs? - perguntei.
Dibs torcia as mãos e virou-se para mim, parecendo infeliz e miserável.
- Miss A. diz fazer uma pintura de uma casa e então deixar você - falou energicamente. Observei como sua linguagem havia se tornado confusa. Ali estava uma criança muito capaz, de um alto nível intelectual, cujas habilidades estavam dominadas por seu distúrbio emocional.

- É. Foi isso que disse, Dibs - repliquei suavemente. Você já terminou sua pintura e está na hora de irmos.
- Bem, mas preciso um pouco mais de grama aqui e algumas flores - disse de súbito.
- Não há mais tempo para isso. Nosso tempo já se esgotou por hoje.

Dibs encaminhou-se para a casa de bonecas. - Tenho que consertar a casinha. Tenho que fechá-la - declarou.
- Você pode pensar em diversas coisas a fazer e assim adiar sua ida para casa, não é? Mas nosso tempo terminou agora, Dibs, e você terá de ir para casa.
- Não. Espere. Espere - Dibs gritava.
- Sei que você não quer ir, Dibs. Mas nosso tempo, por hoje, já terminou.
- Não ir agora - soluçava. - Não ir agora. Não ir nunca mais.
- Você se sente infeliz quando lhe digo que tem de ir, não é, Dibs? Mas você voltará de novo, na próxima semana. Na quinta-feira que vem.
Apanhei seu chapéu, casaco e botas. Dibs sentou-se em uma cadeirinha da mesa. Fitou-me com os olhos cheios de lágrimas, enquanto colocava o chapéu na cabeça.
De repente, ele se entusiasmou. - Sexta-feira? - perguntou. - Voltar sexta-feira?
- Você retornará na próxima quinta-feira. Sabe, Dibs, quinta-feira é o seu dia de vir à sala de brinquedos.
Dibs levantou-se de repente.
- Não. Dibs não sai daqui. Dibs não vai para casa. Nunca mais.
- Sei que você não quer ir, Dibs. Mas você e eu temos somente uma hora em cada semana para ficarmos juntos aqui, nesta sala de brinquedos. Sendo assim, quando este tempo termina, não importa como você se sente sobre a questão, não importa como eu me sinta ou como qualquer pessoa se sinta sobre isso, o tempo se esgotou e nós dois temos que deixar a sala de brinquedos. Agora, está na hora de sairmos. Na verdade, já ultrapassamos nosso tempo.
- Não pode fazer outra pintura? - Dibs perguntou com lágrimas correndo-lhe pela face.
- Não hoje - disse-lhe.
- Uma pintura para você? - insistiu. - Uma pintura mais, especialmente para você?
- Não. Nosso tempo terminou, por hoje.
Ele permaneceu em pé diante de mim. Eu segurava seu casaco.
- Vamos, Dibs. Coloque seus braços nas mangas do casaco. - Obedeceu. - Agora, sente-se enquanto coloco suas botas.
Sentou-se, murmurando:
- Não ir para casa. Não quer ir para casa. Não sente vontade de ir para casa.
- Sei como você se sente - disse-lhe.
Uma criança adquire seus sentimentos de segurança a partir de conhecimentos previsíveis e limitações reais. Desejava ajudar Dibs a diferenciar seus sentimentos de suas ações. Parecia que ele já havia conseguido um pouco disso. Também desejava comunicar-lhe que

essa nossa hora era apenas uma parte de sua existência, que ela não poderia e não deveria ter prioridade sobre todos os outros relacionamentos e experiências, que todo o tempo decorrido entre as sessões era também importante. O valor de qualquer processo terapêutico bem-sucedido, em minha opinião, depende do equilíbrio mantido entre o que a pessoa traz para a sessão e o que dela leva. Tenho sérias dúvidas sobre a eficiência de um tratamento que se torna uma influência predominante e controladora na vida cotidiana de um ser humano. Queria que Dibs sentisse que tinha responsabilidade de conduzir sua vida com sua crescente habilidade de assumir sua autonomia pessoal, conquistando sua independência psicológica.
Quando lhe calcei as botas, relanceei um rápido olhar sobre ele. Havia se esticado e apanhado do outro lado da mesa uma mamadeira que continha água. Estava sugando-a, como se fosse um bebê pequenino.
- Pronto, as botas já estão nos seus devidos lugares.
- Coloco as tampinhas nos potes de tinta? - perguntou, tentando ter uma nova oportunidade de permanência.
- Não agora.
- Elas não vão secar? - insistiu.
- Bem, se, de fato, forem deixadas sem tampa secarão, mas vou fechá-las daqui a pouco.
- E as tampinhas da tinta-a-dedo? - perguntou.
- Vou cuidar delas também.
- Limpa os pincéis?
- Sim. Não esquecerei de fazê-lo.
Dibs levantou o olhar. Aparentemente havia esgotado todas as suas fontes de apelação. Ergueu-se e encaminhou-se para fora da sala. Logo que saiu, parou abruptamente. Ficou nas pontas dos pés e virou a placa da porta. Ao invés de Não perturbe expôs Sala de Ludoterapia. E acariciou a porta com pequenas pancadas, dizendo baixinho:
- Nossa sala de brinquedos.
Caminhou até o salão de recepção, onde surpreendeu sua mãe com a suave aquiescência de acompanhá-la a casa.

Capítulo VI

Quando Dibs retornou, na semana seguinte, seu primeiro cuidado foi observar a situação real dos frascos que continham tinta-a-dedo. Apanhou pote por pote, examinando as tampas e recolocando-os na sua caixa comprida e estreita.
- Ah! Dibs, não esqueci de cuidar deles, você viu?
- É, estou vendo - confirmou.
Sentiu-se novamente atraído pela mamadeira e avisou-me de que gostaria de sugá-la. Segurou e começou a mamar, olhando fixamente para mim. Em seguida, colocou-a sobre a mesa.
- Tire suas roupas - ele disse.
Desabotoou seu casaco, retirou-o sem nenhuma ajuda e foi pendurá-lo na maçaneta da porta. Tirou o chapéu, colocando-o sobre uma cadeira. Encaminhou-se para a casa de bonecas, abrindo, de par em

par, todas as janelas.
- Olhe, todas as janelas estão abertas -anunciou. Agora vou fechá-las.
Apanhou, decididamente, o painel da casa. Mas algo o fez modificar os planos de repente. Deixou-o cair no chão e voltou para a mesa, segurando, de novo, a mamadeira.
- Vou tomar a mamadeira - afirmou.
- Você gosta de mamadeira?
A minha questão visava deixar aberto nosso canal de comunicação e não acrescentar qualquer esclarecimento à nossa conversa.
- Gosto - respondeu.
Mamou em silêncio por um longo tempo, olhando-me. Depois, colocou a mamadeira sobre a mesa e dirigiu-se ao armário, abrindo-lhe as portas e examinando seu interior. Apanhou uma caixa vazia que continha pequenos blocos.
- Os cubos de contagem cabem exatamente aqui - concluiu.
Colocou então vários blocos ali.
- Viu? Esta é a caixa destes blocos. Veja o que diz o rótulo - argumentou, enquanto apontava para a tampa da caixa.
- Sim, eu sei - confirmei.
Estava vivamente interessada na maneira com que Dibs vinha demonstrando sua habilidade de ler, contar e resolver problemas.
Parecia-me que quando ele se aproximava de qualquer tipo de referência emocional retraía-se, fugindo para uma área mais objetiva, a leitura, por exemplo. Talvez sentisse maior segurança em manipular conceitos intelectuais do que em sondar com profundidade seus sentimentos. Talvez isso evidenciasse um dos conflitos básicos por ele vivenciados: de um lado a pressão de uma forte expectativa em relação a suas aquisições intelectuais, e do outro a luta em busca de sua afirmação pessoal. Dibs oscilava entre o brilhantismo invulgar e as freqüentes atitudes típicas de um bebé. Já havia assumido a posição de fuga em variadas ocasiões na sala de ludoterapia. Talvez ainda sentisse que sua capacidade intelectual fosse a única parte dele valorizada pelos outros. Por que, então, havia lutado tão extenuadamente para impedir a exteriorização dessa sua capacidade, em casa e na escola?
Seria porque, acima de tudo, o que de fato desejava era ser aceito como a pessoa que era, em toda a sua polivalência e multiformidade de aspectos?
Seria porque desejava ser amado e respeitado em sua heterogênea globalidade?
Como pode uma criança esconder tão bem sua riqueza intelectual atrás de um comportamento paradoxal?
Como teria Dibs aprendido a ler, a contar, e resolver seus problemas? Sua habilidade nesse aspecto ultrapassa qualquer previsão para o nível de sua idade cronológica. Como as teria adquirido, sem demonstrar a evidência de uma coordenada e significativa linguagem verbal? Sua astúcia e o seu vigor eram inacreditáveis. Como pôde ocultar essas habilidades de sua família, como até então o fizera?
Seria extremamente interessante preencher todas essas respostas vazias. Mas a mãe de Dibs e eu tínhamos feito um acordo de que não tocaríamos em tais questões. Apesar disso, desejava e acreditava

que um dia ela se sentisse bastante segura e que partilhasse comigo o que ela sabia sobre o desenvolvimento de Dibs. Além de tudo, é evidente que o aprimoramento intelectual sem o devido apoio emocional e

estímulo à maturidade social não é suficiente. Seria essa a razão pela qual Dibs vivia insatisfeito com sua família? Ou sua mãe amedrontava-se diante de sua incapacidade de compreender Dibs?
Em qualquer das alternativas, havia muitas e complexas razões para explicar a deficiência daquele relacionamento familiar. Precisava observar Dibs. Seria muito útil ter mais respostas às questões que me vinham à mente enquanto observava Dibs flutuar entre o ato de sugar a mamadeira, retorno a um nível elementar de comportamento infantil, e uma precisa, quase compulsiva, demonstração intelectual.
Dibs continuava sentado na cadeira, mamando satisfeito, tranqüilo, olhando para mim. De súbito, sentou-se de uma maneira ereta e firme, removeu o bico da mamadeira e bebeu a água diretamente do frasco, entornando boa dose no chão.
- Aquelas são campainhas! - disse, apontando para duas cigarras na parede.
- Sim, parecem campainhas - respondi.
Segurou de novo o bico, mastigou-o, chupou-o, sempre com os olhos presos em mim. Finalmente, aproximou-se, olhando para meus pés.
Estava usando galochas vermelhas. Ele usava botas.
- Tire minhas galochas - ordenou, sacudindo seu dedo para mim.
- Você acha que devo tirar minhas galochas? - perguntei-lhe.
- Claro, sempre que estivermos dentro de casa, devemos retirá-las.
Inclinei-me e atendi sua sugestão, colocando minhas galochas a um canto da sala.
- Que tal agora?
- Melhor - respondeu-me.
Tentou recolocar o bocal na mamadeira, mas não o conseguiu.
Trouxe-a para mim.
- Eu não posso. Ajude-me - pediu-me.
- Está bem, vou ajudá-lo.
Logo que acabei de recompor a mamadeira, ele imediatamente removeu o bocal, derramando a água na pia. Virou-se e mostrou-me o recipiente vazio.
- Está vazia - disse.
- Sim. Você a esvaziou.
Dibs permaneceu perto da pia, segurando firme a mamadeira vazia de encontro ao peito. Fitou-me por um longo tempo. Olhei-o também, esperando que ele tomasse a iniciativa de nossa conversa ou atividade, ou continuasse ali, observando e pensando em silêncio, se assim decidisse.
- Estou pensando - falou.
- Está pensando?
- Sim. Eu estou pensando - reafirmou.
Não o pressionei para que dissesse em que pensava. Queria que experimentasse mais que um simples exercício de perguntas e

respostas.
Queria que sentisse e vivenciasse o seu eu total em nosso relacionamento. Não desejava confiná-lo a um tipo restritivo de comportamento. Queria que aprendesse que era uma pessoa com seus múltiplos aspectos, seus altos e baixos, seus amores e seus ódios, seus atos de pavor e coragem, seus desejos infantis e seus interesses maduros. Queria que aprendesse pela experiência a responsabilidade de assumir a iniciativa de usar suas capacidades em seu relacionamento com as pessoas. Não desejava dirigi-lo para um único canal por meio de elogios, sugestões ou perguntas insinuadoras. Poderia perder a essência da personalidade dessa criança sem lhe impingisse conclusões prematuras.
Esperava enquanto Dibs refletia em silêncio. Um leve e rápido esboço de sorriso aflorou em seus lábios.
- Vou usar a tinta-a-dedo, brincar na areia e fazer uma festa com chá - decidiu.
- Está planejando o que fará durante o resto de nossa hora?
- É verdade - respondeu com um sorriso um pouco mais descontraído.
- Quase sempre você acerta - acrescentou.
- Bem, isso é encorajador para mim - disse.
Ele riu. Foi um riso rápido. Mas foi a primeira vez que ouvi sua risada.
- Vou preparar tudo para o chá - anunciou enquanto pegava a bandeja com as xícaras.
- Você vai preparar uma festa com chá em primeiro lugar?
- Sim. Penso que sim - replicou. Encheu a mamadeira com água, mordeu o bico, que ainda não havia recolocado no frasco. Entornou a água
com toda a força e fechou as portas do armário, onde a pia estava colocada. Olhou-me, obviamente aguardando minha reação a sua atitude.
Nada disse. Atravessou a sala, encostou o cotovelo no peitoril, segurando a mamadeira em uma das mãos e mastigando o bico. Fitava-me com insistência. Então, riu de novo,

correndo na sala em direção ao armário. Abriu as portas e entornou a água na pia. Depois de ver a mamadeira vazia, reencheu-a. Mastigou e
sugou o bico. Em seguida, abriu uma das portas do armário e olhou para a prateleira onde o suprimento de variados artigos estava armazenado.
Olhou-me de novo.
- Vou tirar minhas calças de neve agora - disse, apontando para a roupa que vinha usando desde o primeiro dia e que nunca havia tirado.
- Você quer tirá-las agora?
- Quero - respondeu.
No entanto, ao invés de executar sua vontade, voltou ao armário e começou a examinar todos os objetos que se encontravam na prateleira.
Pegou as caixas de argila. Expliquei-lhe que havia uma jarra com

material idêntico àquele já em uso sobre a mesa, e que as caixas fechadas seriam abertas e usadas à medida que a outra estivesse terminada. Falei-lhe que todo o suprimento ali guardado só deveria ser usado quando fosse necessário.
- Ah! eu sei. - disse. - Este é seu armário de suprimentos.
- Isso mesmo!
- Minhas calças de neve! - reclamou, olhando com ar de reprovação para elas.
- Que você acha delas?
- Há um vento gelado aí fora hoje. - disse.
- Sim, está muito frio lá fora.
- Aqui também está frio - disse.
- Sim.
- Então, tiro minhas calças? - perguntou indeciso.
- Isso quem decide é você. Se quiser tirá-las, não há problema. Mas se não quiser, está certo também. Está frio aqui dentro hoje.
- É - concordou. - Muito, muito frio.
O carrilhão da igreja anunciou as quatro horas, mas parecia que ele não se havia apercebido do fato. Correu para a areia, subindo na caixa. Brincou com aviões e soldados. Suspirou.
- Tire suas botas sempre que estiver dentro de casa - recomendou.
- Mas deixe as calças de neve porque esta frio aqui, hoje.
- Parece que há uma série de coisas que devemos tirar sempre que entramos em casa e outras que podemos continuar usando em recinto fechado ou ao ar livre - comentei.
- É verdade - disse Dibs. - Confunde as pessoas.
- Essas regras geram confusão, às vezes.
- E muitas! - comentou, sacudindo a cabeça como em sinal de sua compreensão do problema.
Havia uma pequenina casa de bonecas, de sala e quarto, na caixa de areia. Estava com uma das folhas da janela quebrada. Dibs encontrou-a e consertou-a com eficiência. Ergueu uma caixa de cartão grosso que representava uma miniatura de fazenda e que era sustentada por uma plataforma de madeira.
- Miss A. ajudará você a consertá-la, Dibs - falou para si mesmo.
- Você vai ajudar-me a endireitar, não é, Miss A.?
- O que você acha?
- Você vai ajudar-me - respondeu.
Iniciou sua tarefa, recolocando os animais na plataforma sem nenhuma assistência. Começou a cantar baixinho, colocou a casinha no centro da caixa de areia e os animaizinhos em volta, em diferentes lugares. Parecia estar completamente absorvido em sua atividade.
- Gatos vivem nesta casa - falou. - O homem que luta tem um gato. Um gato de verdade. E aqui mora um pato. O pato não tem lagoa, mas queria ter uma. Veja, aqui estão dois patos. Este é o pato grande e bravo. E aqui um patinho que não é tão bravo. O pato grande pode ter um lindo lago em algum lugar. Mas o patinho não tem um lago que seja seu, embora queira ter seu próprio lago. Mas agora estes dois patos se encontraram aqui e estão juntos, olhando o caminhão fora da janela.
Sua linguagem fluía com facilidade e eficiência, traduzindo suas buscas e desejos. Observei que, enquanto ele falava, um grande

caminhão entrou no parque de estacionamento.
- Então o patinho quer seu próprio lago seguro, talvez como aquele que o pato grande tem?
- É isso mesmo - respondeu. - Juntos estão olhando o enorme caminhão movimentando-se. O caminhão estaciona, o homem vai até o edifício e traz o carregamento para seu caminhão, e quando terminar de transportar, irá embora para longe.
Dibs pegou o caminhão de brinquedo e movimentava-o

da maneira como tinha me falado. Depois ficou em silêncio por longo tempo.
- Dibs, você terá mais cinco minutos. - Como de costume, ele ignorou meu aviso. Repeti-o.
- Sim, já ouvi - anunciou exausto.
- Bem, você me ouviu dizer que daqui a cinco minutos deveremos deixar esta sala, mas ainda nada fez que indicasse que realmente me entendeu.
- Está certo. Mas já respondi - disse.
- Sim, depois que lhe perguntei. - Estava tentando suavizar o final da hora, para que não terminasse abruptamente sem uma preparação.
- Muitas coisas vão acontecer em cinco minutos - Dibs prenunciou. Fez então uma estrada na areia, em frente e em volta da casinha. - Isso faz um barulho engraçado enquanto corre na areia - disse, olhando-me e rindo. - O caminhão está cheio. Quando ele anda, faz uma marca, um caminho, e vai jogando a areia aqui. - Rapidamente agrupou os soldadinhos e selecionou três deles e os colocou no caminhão. Cobriu-os então com areia. - Esta é uma estrada de mão única, e estas três pessoas que tomaram o caminhão não vão mais voltar.
- Elas vão embora e ficarão longe?
- É verdade - confirmou. - E para sempre. - Empurrou o caminhão na areia. Em seguida o enterrou com os três soldados. Jogou mais areia
sobre ele. Sentou-se e fitou o volumoso monte que havia feito.
- Veja! Dibs - falei. - Faltam estes minutinhos mais - mostrei-lhe três dedos.
Reclamou com o seu olhar sôfrego.
- Três minutos mais - repetiu.
Acrescentou mais areia em cima do monte já feito, reforçando o enterro do caminhão e das três pessoas até então não especificadas.
- Agora, patinho - falou ele gentilmente. - Você viu o que aconteceu. Eles foram embora. - Tomou, então, o patinho e colocou-o bem no topo da colina que fez com a areia sobre o caminhão enterrado. Limpou as mãos, sacudindo a areia, e afastou-se dali.
- Ah! Hoje é dia de São Valentim - falou subitamente.
- É, sim.
- Deixe-os aqui durante toda a noite e todo o dia - disse. - Não os tire daí debaixo.
- Você quer que sejam mantidos justamente no lugar em que você os

deixou?
- Sim - respondeu.
Veio até junto de mim e tocou no pequenino bloco de anotações que estava sobre meu joelho.
- Escreva também isso em suas anotações - sugeriu. - Dibs veio. Ele achou a areia interessante hoje. Dibs brincou com a casinha e os soldados pela última vez. Adeus!
Apanhou seu casaco e chapéu e retirou-se da sala de ludoterapia, dirigindo-se pelo hall para a recepção. Sua mãe ajudou-o a vestir seu
agasalho e colocou seu gorro. Foi embora sem mais nenhuma palavra.
Voltei para meu escritório e sentei-me à mesa. Que criança!
Alguém poderia especular, interpretar e provavelmente ser muito justo na avaliação do significado dos símbolos de suas brincadeiras. Entretanto, isso me pareceu desnecessário, redundante, e talvez até mesmo restritivo - ter de verbalizar interpretações.
Em minha opinião, o valor terapêutico desse tipo de ajuda psicológica é baseado na experiência da própria criança, como um ser capaz, como uma pessoa responsável em um relacionamento que tenta comunicar-lhe duas verdades básicas: que ninguém conhece realmente tanto do mundo interior de um ser humano quanto o próprio indivíduo; e que a liberdade responsável cresce e desenvolve-se a partir do interior da pessoa. A criança deve, antes de tudo, aprender a respeitar a si mesma e a experimentar um sentimento de dignidade que desabrocha de seu crescente auto-entendimento. Só então lhe será possível apreciar com autenticidade as personalidades, direitos e diferenças dos outros.

Capítulo VII

Dibs sorriu ao entrar, na semana seguinte, no Centro de Orientação Infantil. Cumprimentou-me, e estava ansioso para retornar à sala de brinquedos. Encaminhou-se à minha frente. Logo que penetrou no recinto procurou a casinha de bonecas.
- Isto está diferente! - reclamou. - As coisas foram trocadas de lugares.
- Alguém deve, provavelmente, ter brincado com elas.
- Sim - concordou Dibs.
Ele rodopiou em volta, inspecionando o depósito de areia.
- E os animais também não estão no lugar em que os deixei - queixou-se.
- Possivelmente, uma outra criança esteve brincando com eles também.
- Veja como ficou tudo! - disse. Parando no meio da sala, ficou atento a escutar algo. - Você está ouvindo o barulho da máquina de escrever? Alguém deve estar datilografando, estou ouvindo.
- Sim.
Dibs tinha seu esquema de restabelecer segurança, usando os objetos inanimados como motivo para sua conversação. Isso servia-lhe de
defensiva, quando qualquer atitude lhe desagradava. Estava triste

porque os brinquedos não estavam nos lugares onde os havia colocado. Ele havia pedido para que não fossem trocados de lugar, quando saíra da última sessão, mas nenhuma promessa ou explicação lhe foi dada.
Aliás, foram mesmo, propositadamente, evitadas justificativas, pois parecia-me importante para Dibs, como para todas as crianças, aprender, pela experiência, que nenhuma parte de seu mundo é estática e controlável. Agora que havia se defrontado com a prova concreta da mutabilidade de seu ambiente, seria prioritário trabalhar com suas reações e não tentar tranqüilizações superficiais, longas explicações ou mesmo desculpas. Todas essas alternativas seriam traduzidas em palavras, palavras, palavras. Mas a experiência lhe possibilitaria avaliar sua própria habilidade em assumir a dinâmica surpreendente do mundo em permanente mutação.
Aproximou-se mais ainda do depósito de areia e observou a planície em que sua colina havia sido transformada. Examinou as figuras espalhadas ao seu redor.
- Onde está meu patinho? - perguntou.
- Você está imaginando o que teria acontecido com seu patinho depois que o deixou no cume do monte de areia?
- Sim - respondeu zangado, virando-se para poder fitar-me. - Onde está meu patinho?
- Você disse que o queria no mesmo lugar em que o deixou, mas alguém mexeu nele. - Tentei recapitular a situação, de modo a ter um conhecimento mais profundo de suas reações e uma identificação mais apurada de seus sentimentos e pensamentos.
Dibs veio caminhando para bem perto de mim e penetrou o seu olhar no meu.
- Por que você permitiu isso? - inquiriu em tom enfático.
- Você acha que seria minha obrigação zelar para que seus brinquedos permanecessem inalterados?
- Acho - respondeu. - E sinto raiva. Raiva de você. Não devia ter deixado que isso acontecesse.
Agora era a minha vez de fazer as perguntas.
- Por quê? Prometi a você que o faria?
Baixou o olhar e respondeu que não, com a voz sussurrante.
- Mas você queria que eu o fizesse?
- Sim - murmurou. - Queria muito que os mantivesse em seus lugares, só para mim.
- Outras crianças também freqüentam esta sala e brincam com estes objetos. Alguma delas, sem dúvida, pegou o seu patinho.
- E a minha montanha? - insistiu. - O pato estava bem em cima da montanha.
- Bem sei. E agora sua montanha também não está como antes, não é?
- Tudo estragado! - lamuriou-se.

- E você está zangado e desapontado por causa disso, não é, Dibs?
Sacudiu a cabeça concordando. Olhou para mim. Olhei para ele. O que poderia de fato ajudá-lo não seria a montanha de areia, nem o poderoso patinho de plástico, mas o sentimento de segurança e

adequação que eles simbolizaram na criação que ele construíra na semana anterior.
Agora que os símbolos objetivos haviam desaparecido, esperava que pudesse vivenciar sua coragem ao enfrentar esse desapontamento e abrir-se para as surpresas do desconhecido.
Embora, algumas vezes, possamos controlar em parte o ambiente à nossa volta, nada mais decisivo que aprender a utilizar nossas infinitas forças interiores. Com elas carregamos a segurança ao nosso redor.
Dibs sentou-se na beirada da caixa de areia olhando silenciosamente as figuras dispersas. Começou então a recolhê-las e agrupá-las segundo sua semelhança. Levantou-se, pegou meu lápis e tentou esgaravatar um dos buracos onde estava um dos animais. Quebrou a ponta do lápis.
- Ah! Olhe só! A ponta quebrada! E agora, o que vai fazer? - perguntou-me enquanto me devolvia o lápis.
- Vou lá fora apontar o lápis, Dibs. Voltarei logo. Você me espera aqui.
A sala de ludoterapia era freqüentemente usada para pesquisas sobre o comportamento infantil. Também era o local onde desenvolvíamos nosso programa de aperfeiçoamento profissional. O que parecia ser um imenso espelho decorativo, revestindo toda a parede, era, na realidade, um vidro transparente que permitia a visão de um único lado. Atrás dele, em um quarto escuro, um ou mais observadores, selecionados com critério
e especialmente treinados, acionavam gravadores e elaboravam relatórios com descrições cronometradas dos comportamentos. Mais tarde, as gravações eram transcritas e, novamente, redigidas, incluindo a conduta observada, da criança e da psicóloga. Esse material constituía uma fonte de dados para pesquisas e discussões em nossos seminários de doutoramento. Todos os nomes e informações identificadoras eram mudados antes de serem utilizados. Em nosso trabalho há tanta semelhança em torno dos problemas psicológicos que, embora uma pessoa possa sentir que o material divulgado seja identificável, no caso de brincadeiras de crianças os dados não oferecem nenhuma indicação significativa.
Assim, quando saí da sala para apontar o lápis, o observador por trás do espelho continuava com seus registros.
Dibs apanhou a pá e enterrou-a na areia.
- Está bem, areia - falou. - Você acha que pode permanecer aqui agora e não ser mais perturbada? E todos os animais e pessoas também? Vou mostrar-lhe várias coisas. Vou escavar. Vou encontrar o que procuro. Encontrarei o homem que enterrei. Vou cavar e escavar até encontrá-lo.
E assim fez. Trabalhou com agilidade e obstinação, até que encontrou um dos soldados.
- Bem, aqui está você - disse, vitorioso. - Agora pegarei você, seu homem lutador, em pé, tão duro e firme. Parece até um ferro velho pendurado numa cerca. Logo que o ache, vou colocá-lo aqui de cabeça para baixo. Vou enterrá-lo nesta areia.
Empurrou o soldado de cabeça para baixo na areia, até que ele desapareceu, enterrado. Limpou as mãos uma de encontro à outra. Sorriu.

Gargalhou. Então sua voz transformou-se num tom alegre e melodioso, e disse:
- Tire seu chapéu e casaco, Dibs. Está frio aqui.
Voltei com o meu lápis apontado. Dibs olhou-me.
- Está frio aqui - repetiu. - Tira meu casaco?
- Bem, está mesmo frio. Talvez seja melhor conservar sua jaqueta hoje.
- Ligue o aquecedor - disse, atravessando a sala e tocando-o. - O aquecedor está frio - disse.
- Sim. Eu sei.
- Vou ligá-lo - anunciou, enquanto tentava executar seu plano.
- Você acha que vai ficar mais agradável agora?
- Sem dúvida, desde que tenha fogo no porão.
- Fogo no porão? - perguntei.
- Na caldeira - respondeu. - A que fica no porão.
- Ah! Ela não está funcionando hoje. Os homens estão lá embaixo consertando-a.
- O que é que há com ela? - perguntou.
- Nao sei.
- Mas poderia procurar saber - comentou.
- Poderia? Como?
- Poderia ir lá embaixo, e ficar rondando à distância, mas perto o suficiente para ver e ouvir o que eles dizem - falou.
- Acho que poderia - repliquei.

- Então, por que não o faz? - perguntou.
- Para falar a verdade, Dibs, não me ocorreu tal idéia. Quantas coisas interessantes você poderia aprender desse modo - disse. - Estou certa disso - falei.
Estava certa de que Dibs havia aprendido muitas, muitas coisas daquela forma.
Atravessou a sala, abriu o armário e examinou dentro.
- Aqui está tudo vazio - comentou.
- É verdade - disse. Dibs queria exibir-me todas as suas observações.
- Está muito frio para tirar minhas calças de neve, hoje - afirmou.
- Também acho.
- A caldeira já não estava funcionando bem desde quinta-feira passada - falou.
- Provavelmente - concordei.
- Mas por que parou de vez? Por quê? - insistiu.
- Não sei. Nunca estudei desarranjo de caldeiras. Não sei muita coisa sobre isso.
Dibs riu.
- Você apenas percebe quando está frio - disse.
- É isso mesmo, Dibs. Enquanto está aquecendo adequadamente, creio que tudo deve estar funcionando bem. Quando o aquecimento fica interrompido, sei que o aparelho está precisando de reparos.
- Sim. Só então você percebe que está com defeito.
- É. Só assim eu noto.

Dibs vagueou, aproximou-se da mesa e apanhou a mamadeira, sugando a água que ela continha. Parava, de vez em quando, para um comentário.
- Miss A. não está usando galochas hoje - observou.
- Não. Não as uso aqui dentro hoje.
- Que bom! - expressou-se, empurrando uma cadeira para um armário de três quinas que estava em um dos cantos da sala.
Uma de suas portas havia sido cortada em forma de um quadrado e nela fora colocada uma cortina. Era um teatro de fantoches. Dibs subiu
na cadeira, abriu a cortina e olhou para dentro do palco.
- Vazio! - exclamou.
De novo, empurrou a cadeira para perto da pia, e dela examinou o interior do armário, verificando que também estava vazio.
- Não há nada nesses armários altos - falei. Ele, no entanto, quis comprovar por si mesmo a veracidade de minhas palavras. Verificou os armários um por um. Puxou a cadeira para o lado, a fim de deixar livre a pia. Abriu a torneira, tirou o bocal da mamadeira, enquanto a água penetrava no recipiente e transbordava com força. Encheu a mamadeira, despejou em seguida a água e colocou o bico sobre a mesa.
Fechou a torneira, pegou o revólver, enchendo-o de areia, acionou o gatilho e tentou atirar. Não conseguiu. A areia se espalhava pelo chão.
Sentou-se na beirada da caixa de areia e renovou a carga. De novo, tentou disparar.
- Isto não funciona deste jeito - concluiu.
Limpou a borda da caixa de areia e sentou de frente para mim.
Começou a apanhar os animais que estavam espalhados, conversando enquanto agia.
- O galo canta, mas a galinha põe ovos. E os dois patos estão nadando. Ah!, já sei, eles conseguiram ter seu próprio lago, seu próprio
laguinho. O patinho diz "quá-quá" e o pato grande diz "quá-quá". E nadam juntos em seu laguinho seguro. E há dois coelhos, dois cachorros, duas vacas, dois cavalos, dois gatos. Sempre aos pares, dois a dois. Ninguém está sozinho aqui!
Apanhou a caixa vazia, onde os soldados eram geralmente guardados.
- Esta é a caixa de todos os soldados - disse. - Deve ser guardada sempre bem fechada.
Ajoelhou-se na borda da caixa de areia para melhor examinar a casinha. Circulou em torno dela.
- Marshmallaw é o nome do coelho - comentou. - Nenhuma pessoa mora nesta casa, somente um gato coelho de nossa escola - acrescentou, dirigindo-me o olhar. - Nós o guardamos em uma grande jaula num canto de uma de nossas salas. Às vezes o deixamos sair para correr e pular em volta, para sentar e pensar.
- O gato e o coelho moram juntos na casinha? E o nome do coelho é Marshmallow?
- Bem, o nome do coelho da escola - interrompeu-me Dibs para fazer a distinção. - Não este coelhinho que mora nesta casa com o gato, mas, sim, o coelho que temos em nossa escola. Aquele é chamado Marshmallow. É muito grande e todo branco, um pouco parecido com

este aqui, este

coelhinho de brinquedo. Foi por isso que ele me lembrou o outro.
- Ah! o coelhinho domesticado está na escola.
- O coelho enjaulado - corrigiu-me. - Mas vez por outra deixamos que ele saia. E, algumas vezes, quando ninguém me está vendo, eu abro a porta para que ele saia.
Essa foi a primeira referência que Dibs fez à sua escola.
Imaginava como estaria procedendo lá, agora. Seria sua conduta semelhante à que observei no dia em que nos encontramos pela primeira vez?
Logo que recebi o consentimento da mãe de Dibs para iniciar as sessões de ludoterapia, avisei a diretora do estabelecimento de ensino.
Disse-lhe, com honestidade, que não sabia como Dibs reagiria a elas. E queria colocar-nos à disposição da equipe docente e administrativa.
Aceitaria, sempre de bom grado, qualquer convocação para participar de outra reunião relacionada à problemática de Dibs ou para receber qualquer informação que julgassem oportuna e importante para meu conhecimento.
Assim procedi, porque seria mais objetivo obter informações não solicitadas diretamente por mim do que respostas às minhas questões, uma vez que estava envolvida na terapia. No entanto, nada me foi notificado pela escola.
Estava interessada na observação que Dibs havia feito sobre o coelhinho da escola. Era um indício de que, embora não fosse um membro ativo e participante do grupo, estava observando, aprendendo, refletindo, extraindo conclusões, enquanto sondava, à margem dos acontecimentos. Seria interessante saber qual seu comportamento na escola e em casa. Sem dúvida, seria também interessante, para aqueles que conheciam Dibs, saber como ele se expressava na ludoterapia.
Entretanto, não tencionava mudar a orientação que vinha adotando, pois minha preocupação prioritária era com a percepção atual de Dibs a respeito do seu mundo, seu relacionamento, de seus sentimentos, do desenvolvimento de seus conceitos, suas conclusões, deduções e inferências. Podia imaginar Dibs abrindo a porta para que o coelho enjaulado vivesse sua liberdade. Podia compreender o impulso que o predispôs a essa atitude.
Dibs continuava seu brinquedo. Ergueu a cerca de papelão em volta dos animais.
- Farei uma porta na cerca - avisou, enquanto cortava e dobrava o papelão para fazer a abertura. - Assim os animais poderão sair quando bem quiserem.
- Estou vendo.
Apanhou, então, vários pedacinhos de papelão de formas muito originais para delimitar a cerca, e os examinou detalhada e criticamente.
- Isto é... Isto é... - falava, tentando definir o objeto. - Bem, isto é um pedaço de nada. Assim é que o nada deve ser - concluiu

levantando-os para que eu pudesse vê-las.
Ouvindo-o, percebi quão acurada havia sido aquela sua inferência.
- Este homem aqui tem uma espingarda - comentou. - Este está montado a cavalo. Aqui estão mais soldados. Que tal enfileirá-los à borda da caixa de areia? Ah!, já sei! Vou colocá-los na caixa - disse, executando seus planos. - Este caminhão está, mais uma vez, abrindo uma estrada em volta da casa. O coelho e o gato estão olhando pela janela: Apenas observando.
Dibs sentou-se ali com as mãos entrelaçadas em seu colo, olhando para mim, em completo silêncio. A expressão de seu rosto era séria, mas seus olhos faiscavam, revelando seus pensamentos. Inclinou-se para aproximar-se mais de mim.
- Hoje não é o dia da Independência - falou. - E não será até que chegue o dia 4 de julho. Mas 4 de julho será uma quinta-feira. Faltam quatro meses e duas semanas para esse dia, uma quinta-feira, e eu virei aqui e encontrarei Miss A. Olhei no calendário para saber se 1° de julho caía numa segunda-feira. Então, terça-feira é dia 2, quarta-feira é dia 3. Quarta é quase o dia da Independência, mas ainda não é. Então, vem 4 de julho, que é o dia da Independência e é justamente uma quinta-feira, dia da semana em que me encontro com você - comentou, segurando o coelhinho de brinquedo. - Quarta-feira, 3 de julho, será um longo dia, terá como todos os dias do ano uma manhã, uma tarde, uma noite. Então virá a luz da manhã seguinte. Dia da Independência! Quatro de julho!, quinta-feira, e eu estarei aqui!
- Você deve gostar realmente de vir aqui.
- Ah!, e como gosto. Gosto tanto! - reafirmou, sorrindo. O dia da Independência é o dia dos soldados e marinheiros - falou, alterando sua voz para uma tonalidade suave e moderada. - Os tambores tocam: bum-bum-bum. E as bandeiras são penduradas fora das casas - acrescentou, cantarolando uma marcha.

Parou a conversa e voltou a escavar a areia. Com ela encheu o caminhão. Empurrou-o por ali.
- É um dia alegre - continuou. - Dia da Independência! E os soldados estão todos vibrando de alegria. Na verdade, estão proclamando a liberdade e destrancando todas as portas!
A beleza e a força da linguagem dessa criança eram impressionantes. E pensar que toda essa capacidade de expressão havia crescido e florescido, embora reprimida e encoberta, na impetuosidade de seu medo, solidão e ansiedade. Mas, agora que começava a entender seu medo e a descobrir verdades, Dibs ia crescendo e desabrochando. Estava trocando seu pavor, sua raiva e suas angústias pela esperança, confiança e alegria. Sua profunda tristeza e seu sentimento de derrota estavam se dissolvendo.
- Você também sente aquela alegria, não é verdade, Dibs? - perguntei-lhe depois de um pequeno intervalo.
- É uma alegria que não quero perder - confessou. - Eu venho com alegria a esta sala.
Examinei-o, sentado na beirada da caixa de areia, irradiando o sentimento de paz que estava experimentando naquele instante.

Parecia
tão pequenino, e assim mesmo tão cheio de fé, coragem e grandeza, que percebi e senti a força de sua dignidade e firmeza.
- Venho com alegria para esta sala - disse novamente. - E deixo-a com tristeza.
- É assim? E nenhuma dessas alegrias aqui experimentadas vai com você? - perguntei.
Dibs enterrou três soldadinhos na areia.
- Isto os faz infelizes. Não podem ver, não podem ouvir, não podem respirar. Dibs, desenterre-os logo - ordenou a si mesmo. - Você não sabe que está quase mi hora de ir embora? Será que quer deixá-los enterrados, Dibs?
- Daqui a cinco minutos será hora de ir. Decidiu deixá-los enterrados?
- Vou brincar com os soldados aqui no chão - disse, saltando rapidamente para fora da caixa de areia. - Vou fazer uma fila com eles de acordo com o tamanho.
Saltou para o chão e arrumou os soldados. Voltou para a areia em busca dos restantes que havia soterrado. Escolheu um deles, verificou com cuidado todos os seus detalhes e, segurando-o, exibiu-o para mim.
- Este é papai - declarou.
- Ah! Aquele é o papai, não é? - reafirmei casualmente.
- Sim - respondeu. Dibs colocou-o no chão à sua frente, fechou o punho, espancou-o, ergueu-o e socou-o mais e mais. E, de novo, repetiu a surra por várias vezes. Então, olhou para mim.
- Estão faltando quatro minutos? - perguntou.
- Certo. Faltam quatro minutos.
- Então, estará na hora de voltar para casa - afirmou.
- Exatamente.
Continuou a brincar com o "papai" soldado, colocando-o em pé para em seguida fazê-lo cair pelo efeito de suas pancadas. Novamente, interrompeu para confirmar se, de fato, ainda lhe restavam três minutos.
- Certo. E então estará na hora de você voltar para casa. - Repeti sua previsão anterior mais para reforçá-la do que para chamar-lhe a atenção sobre um fato de seu conhecimento.
- É verdade. E mesmo que não queira ir para casa, estará na hora de ir para casa - Dibs concluiu.
- É, sim. Mesmo que você não queira ir, estará na hora de ir.
Dibs concordou e deu um longo suspiro. Manteve-se em absoluto silêncio durante um minuto. Que extraordinário sentido de tempo tinha aquele garoto!
- Dois minutos mais? - perguntou.
- Sim.
- Voltarei na próxima quinta-feira - afirmou.
- Voltará, é claro.
- Amanhã é o dia do aniversário de Washington. E sexta-feira.
Sábado é um dia vazio. Sem significado. Domingo é dia 24. Então virá segunda-feira e voltarei para a escola - anunciou com um lampejo de alegria no olhar.
Embora seu comportamento não indicasse, a escola significava muito para ele. Embora seus professores se sentissem perplexos,

frustrados e derrotados, haviam atingido Dibs. Ele sabia o que ocorria em sua classe. A marcha que há pouco cantava, provavelmente, era uma das que haviam sido ensinadas às crianças na escola. Marshmallow era seu animalzinho de estimação, mais que um bichinho enjaulado. E também compunha uma das experiências escolares. Pensei na reunião de que participamos em seu colégio. A narrativa

de Miss Jane sobre seu monólogo acerca dos princípios da atração magnética ocorreu à minha memória. As professoras deveriam estar sendo guiadas pelo seu coração. Na verdade, nunca sabemos quanto do que apresentamos a uma criança é por ela aceito. Cada uma tem seu próprio caminho para integrar o novo conhecimento em sua estrutura de experiências, na qual se apóia na busca e construção de seu mundo.

- Receberemos a revista da escola primária na segunda-feira - falou Dibs. - E sabe? Desta vez, sairá com uma capa colorida amarelo-brilhante, azul e branco. Terá trinta páginas. Há um cartaz no jornal mural, na entrada, que anuncia todos esses detalhes. O dia seguinte será terça-feira. Depois virá a quarta-feira. E então quinta-feira. Na quinta-feira estarei aqui, de novo.

- Você já fez uma previsão geral da próxima semana, não foi? Dia do aniversário de Washington, o jornalzinho da escola, todos os outros dias e enfim de volta à nossa sala de brinquedos.

- Sim - respondeu.

"E você já pode ler com compreensão e eficiência", pensei, sem nada exteriorizar a esse respeito. Estava aceitando sua habilidade na leitura como natural. Embora fosse obviamente um excelente leitor, isso não era suficiente para ajudá-lo efetivamente em seu desenvolvimento global.

- Um minuto mais? - perguntou.

- Sim, um minuto mais.

Segurou a figura que havia identificado como "papai" e arremessou-a dentro da caixa de areia.

- Papai é quem vem me buscar hoje aqui - falou.

- É? - exclamei, toda ouvidos, pois senti que "papai" estava começando a emergir no mundo de Dibs.

- Sim - respondeu fitando-me.

E olhamo-nos então em silêncio. O tempo esgotara-se e nós dois o sabíamos, mas nenhum de nós se pronunciou a respeito. Finalmente, Dibs levantou-se.

- O tempo acabou! - anunciou com um profundo suspiro.

- É, acabou.

- Eu quero pintar - disse Dibs.

- Você quer dizer que não quer ir embora, mesmo sabendo que está na hora.

Dibs levantou os olhos ao encontro dos meus. Havia a vacilante luz da promessa de um sorriso em sua face. Inclinou-se e com rapidez movimentou todos os soldadinhos que estavam enfileirados no solo. Alinhou-os todos com a mira em minha direção.

- As armas são úteis quando começam a atirar - exclamou.
- É, sim - repliquei.
Apanhou seu chapéu e caminhou para a entrada. Fui com ele.
Desejava conhecer "papai".
- Até mais - despediu-se Dibs.
- Até mais. Até quinta-feira, Dibs.
"Papai" olhou-me furtivamente, cumprimentando-me. Parecia muito intranqüilo.
- Papai - disse Dibs. - Você sabe que hoje não é o dia da Independência?
- Vamos, Dibs, estou com pressa.
- E não será antes de julho - persistiu. - Mas cairá numa quinta-feira, daqui a quatro meses e duas semanas.
- Vamos, Dibs - respondeu, como se se sentisse constrangido ao máximo pela conversa de Dibs, que, possivelmente, lhe soava sem sentido e vexatória - isso, se, na realidade, o estivesse escutando.
- O dia da Independência - Dibs tentou de novo. - 4 de julho.
O pai empurrou-o para fora da porta, resmungando entre dentes:
- Será que você não pode parar esse bate-boca sem sentido?
Dibs suspirou. Desanimou. Saiu silenciosamente com o pai.
A recepcionista olhou-me. Não havia outras pessoas na sala de espera.
- Bode velho! - exclamou ela, indignada. - Por que não vai dar seus pulos às margens do rio?
- É sim - concordei. - Seria uma boa idéia.
Voltei à sala de ludoterapia para arrumá-la para a próxima criança. Os observadores vieram ajudar-me. Um deles falou-me o que Dibs havia dito, enquanto saí do recinto para apontar o lápis. Colocou o gravador para reproduzir o monólogo.
- Puxa! Que garoto! - um deles comentou.
"E como é perceptivo", pensei. "Tão duro e firme. Parece até um ferro velho pendurado numa cerca." Foi o que Dibs havia dito. Senti vontade de enterrar "papai" na areia e conservá-lo ali por uma semana.
Ele não ouvira a criança. Dibs tentou falar com ele, mas o pai cortara a conversa como se ela fosse uma tagarelice sem sentido. Dibs deve ter uma

força interior extraordinária para não deixar sucumbir sua personalidade face a essas agressões.
Às vezes, é muito difícil ter-se presente o fato de que também os pais têm razões para explicar sua conduta, razões fechadas nas profundezas de suas personalidades e que os impede de amar, de compreender e de dar-se a suas próprias crianças.

O telefone chamou-me na manhã seguinte. Era a mãe de Dibs, que solicitava uma entrevista. Desculpou-se por fazer tal pedido e, a seguir, acrescentou que entenderia se não a pudesse receber face a meus compromissos. Estudei as possibilidades em minha agenda, e ofereci-lhe várias alternativas de horários: naquela mesma manhã,

à tarde ou na segunda, terça ou quarta-feira, à tarde, ela tinha ampla possibilidade de escolha. Hesitou, perguntou qual o horário que eu preferia, sugerindo que eu determinasse a hora. Expliquei-lhe que para mim não faria nenhuma diferença e o que lhe parecesse melhor seria satisfatório para mim.
Disse-lhe que estaria no Centro em todos aqueles horários e que assim poderia ficar à vontade para optar pelo que preferisse. De novo vacilou.
Depois de um considerável intervalo tomou sua decisão.
- Então irei hoje mesmo às dez horas. Muito obrigada. Agradeço sua consideração.
Fiquei imaginando o que a havia estimulado a tomar aquela decisão. Estaria contente, insatisfeita ou aborrecida com Dibs? Teria seu marido reagido desfavoravelmente com relação à sua rápida visita ao Centro, no dia anterior, quando veio apanhár Dibs? Ela chegaria ao Centro em menos de uma hora, e então poderíamos descobrir algo mais sobre a situação.
Seria difícil prever como a reunião se desenvolveria. A mãe devia estar confusa, não mais conseguindo exercer o controle sobre a situação como antes. Então, de novo, estaria tão cheia de infelicidade, de frustração, e um sentido de incapacidade e de derrota, que lhe seria bem-vinda a oportunidade de dividir pelo menos parte disso com uma outra pessoa. Seria extremamente importante não assustá-la com veladas ameaças e tentar comunicar-lhe um sentimento de segura confiança naquela reunião. Estava certa de que essa entrevista deveria ser-lhe extremamente difícil e emocionalmente

exaustiva, independentemente de como ela usasse o tempo - quer permanecesse silenciosa, ou conversasse sobre assuntos superficiais mas seguros, ou formulasse perguntas e falasse um pouco sobre sua tão bem-guardada história. Seria minha responsabilidade comunicar-lhe da melhor maneira que pudesse, principalmente através de minhas atitudes e filosofia, que sua intimidade, seu mundo pessoal lhe pertenciam, de fato, e que só a ela caberia decidir se queria abrir a porta e deixar-me compartilhar de alguns aspectos dele. E se ela assim o decidisse, não a apressaria e nem tentaria arrancar-lhe nada que pela sua livre vontade não oferecesse, mas confiaria em sua habilidade em dividir seu mundo com outra pessoa. E se, porventura, ela decidisse conservar suas portas
fechadas, eu certamente não tentaria sequer bater nelas. Deixaria que, à hora certa, ela mesma tentasse abri-las sem pressões exteriores.
Seria muito interessante ouvi-la falar sobre Dibs e sobre si mesma, mas, bem mais importante, possibilitar-lhe a experiência de sentir sua dignidade de pessoa respeitada e reconhecida como um ser único, dono de sua vida íntima e pessoal.
À hora combinada, a mãe de Dibs chegou ao Centro. Fomos, então, imediatamente, para meu escritório. Ela havia dito que não se sentiria bem se tivesse que esperar na sala de recepção. Já que

ela marcara sua entrevista para a hora mais próxima que lhe foi oferecida, pareceu-me que seria indelicado expô-la a esperas, sem necessidade.
Sentou-se na cadeira junto de minha escrivaninha, à minha frente. Estava muito pálida. Esfregava as mãos uma na outra. Seus olhos moviam-se em várias direções, e, de quando em quando, um relance me era especialmente dirigido. E o olhar, de novo, empreendia sua fuga. Parecia Dibs quando o observei pela primeira vez na sala de ludoterapia.
Ofereci-lhe um cigarro.
- Não, muito obrigada - respondeu.
Deixei o maço sobre a mesa e ela entendeu o gesto.
- Não fumo - disse. - Mas se você fuma, por favor, fique à vontade.
- Também não fumo.
Guardei o maço na gaveta da mesa mais para quebrar a tensão dos primeiros minutos do que por qualquer outro motivo. Depois, voltei a olhá-la. Havia uma expressão de ansiedade e pânico em seu olhar. Sentia ser importante não empurrá-la para a discussão de seus problemas; não tomaria a iniciativa na formulação das perguntas. Seria importante não fazer daquela sessão uma discussão de trivialidades. Se ela encaminhasse a entrevista para um desses caminhos, seria totalmente diferente. Se eu o fizesse, estaria desviando os propósitos daquele encontro. Fora ela quem solicitara a entrevista. E deveria ter suficientes razões para fazê-lo. Se eu tivesse pedido para ela vir, seria minha a responsabilidade de conduzir a conversação.
Momentos cruciais e decisivos em qualquer entrevista são os iniciais, que condicionam, em parte, a eficiência da experiência total.
Tentar explicar as finalidades de tal etapa ê algo tão estéril, que não me deterei em maiores explicações ou em qualquer "estruturação da experiência", como, em termos gerais, se denomina. O silêncio não me provocou embaraço. Estava confiante em que ela poderia enfrentá-lo muito mais construtivamente do que qualquer esforço que eu pudesse fazer para iniciar uma conversa. Não queríamos uma conversa que nada significasse.
- Não sei por onde começar - falou.
- Compreendo. As vezes é difícil começar.
Ela sorriu, embora seu sorriso não transbordasse nenhuma alegria.
- Tanto a dizer - falou. - E tanto a não dizer!
- Geralmente é assim.
- Algumas coisas são melhores quando não são ditas - disse, olhando-me diretamente.
- Às vezes, assim parece.
- Mas muitas coisas não ditas podem tornar-se um fardo - falou.
- Sim. Isso pode acontecer também - comentei.
Sentou-se ali, olhando em silêncio para além da janela por um longo tempo. Estava começando a relaxar.
- Que vista linda se descortina de sua janela! Aquela igreja é encantadora. Parece tão grande, tão forte, tão cheia de paz.
- Sim, é verdade - disse.
Baixou seu olhar. Deparou com as mãos fortemente entrelaçadas.

Nossos olhares se encontraram. Havia lágrimas em seus olhos.
- Estou tão preocupada com Dibs. Terrivelmente preocupada.
Não havia previsto esse comentário, mas tentei aceitá-lo com toda a naturalidade.
- Preocupada com Dibs? - Nada mais perguntei, nem mesmo o porque.

- Sim - reafirmou. - Estou muito, muito preocupada. Nestes últimos dias ele parece estar muito infeliz. Permanece perto de mim, olhando-me, sempre silencioso. Sai de seu quarto com maior freqüência, mas mantém-se à margem das coisas como uma constante sombra. E, quando falo com ele, então, foge para longe. Somente retorna para de novo acusar-me com a trágica tristeza de seu olhar - confessou-me, enquanto apanhava um lenço para enxugar os olhos.
Essa era, na verdade, uma informação preciosa. Dibs agora estava saindo de seu quarto com maior freqüência. E de acordo com sua narrativa, utimamente parecia mais infeliz. Poderia ser que ela estivesse mais consciente de seu sofrimento, agora, mais do que nunca.
Poderia ser que Dibs estivesse demonstrando seus sentimentos em casa de uma maneira mais franca. E o fato de manter-se silencioso, quando já possuía desenvolvido domínio verbal, indicava enorme força interior e controle.
- Sinto-me muito constrangida quando ele se comporta assim - acrescentou, depois de uma longa pausa. - É como se estivesse pedindo alguma coisa - alguma coisa que não lhe posso dar. Ele é uma criança muito difícil de entender. Tenho tentado. Na verdade, tenho tentado com todas as minhas forças entendê-lo. Mas tenho falhado. Aliás desde o início, quando ele era apenas um bebê. Nunca havia cuidado de nenhuma criança antes de Dibs. Não tinha experiência como mulher, para ter contato com crianças e recémnascidos. Não intuía, de forma nenhuma, como eles eram... pessoas semelhantes a nós. Bem, conhecia-os perfeitamente sob seus aspectos biológico, físico e médico. Entretanto, nunca pude entender Dibs. Ele foi um desgosto... um desapontamento desde seu nascimento. Não tínhamos planejado ter uma criança, sua concepção foi um acidente. Ele desmoronou todos os nossos planos. Eu tinha minha vida profissional também. Meu marido vivia muito orgulhoso de minhas conquistas. Éramos um casal muito feliz antes de Dibs. Mas que bebê estranho era quando nasceu. Tão grande e tão feio. Tão grande e sem forma, como um pedaço de qualquer coisa. Não reagia a nada. De fato, rejeitou-me desde o exato momento em que nasceu. Ele se enrijecia e gritava cada vez que o tirava do berço.
As lágrimas rolavam em sua face e ela as tentava enxugar com um lencinho, enquanto entre soluços narrava sua história. Tentei falar, mas
silenciei a seu pedido.
- Por favor, não diga nada. Estou conseguindo colocar tudo para fora, pelo menos desta vez. Tenho carregado há tanto tempo este fardo, que o sinto como uma pesada pedra no meio de meu coração. Pense o que quiser de mim, mas, por favor, deixe-me contar-lhe. Não pretendia falar-lhe assim. Quando lhe telefonei pedindo a

entrevista, planejava perguntar-lhe sobre Dibs. Seu pai ficou muito contrariado ontem. Chegou a pensar que a terapia o está tornando pior. Mas há alguma coisa sobre a qual devo conversar com você. Tenho mantido isso tudo fechado dentro de
mim há tanto tempo.
"Minha gravidez foi bastante difícil. Estive doente durante quase todo o tempo. Meu marido ressentiu-se com minha gestação. Sempre achou que deveria tê-la evitado. Oh! - não o estou censurando. Eu também me ressenti com o fato. Não podíamos fazer nenhuma das coisas que costumávamos realizar juntos, ir a lugar algum. Suponho que deveria dizer que não fazíamos ao invés de afirmar que não podíamos. Meu marido afastava-se mais e mais de mim, enterrando-se em seu trabalho. Ele é cientista. Um homem brilhante, mas fechado. E muito, muito sensível.
Talvez a surpreenda. Nunca mais falei sobre este assunto. Nunca o mencionei nem mesmo na escola", acrescentou com um ar infeliz e um sorriso melancólico nos lábios.
- Antes de ficar grávida, era cirurgiã. Adorava meu trabalho. E esperava alcançar sucesso como cirurgiã. Havia realizado duas operações muito complexas de coração. Meu marido orgulhava-se de mim. Nosso círculo de amizades compunha-se de homens e mulheres brilhantes, encantadores e bem-sucedidos. E, então, Dibs nasceu e destruiu todos os nossos planos e nossa vida. Senti que havia falhado miseravelmente.
Decidi que deveria abandonar meu trabalho. Alguns de meus amigos profissionais mais íntimos não puderam compreender minha atitude, ou minha decisão. Nada lhes falei sobre Dibs. Oh! - apenas sabiam que estava grávida. Mas não chegaram a conhecê-lo. Logo tornou-se evidente que Dibs não era normal. Já era bastante desagradável ter um filho, mas ter uma criança retardada mental era muito mais do que eu podia suportar.
Ficamos envergonhados. Ficamos humilhados! Nunca havia acontecido algo parecido em nossas famílias. Meu marido é conhecido em todo O país por sua genialidade. E meu currículo sempre revelou um desempenho invulgar.
Todos os nossos valores haviam sido persistentemente orientados no sentido da inteligência de uma realização intelectual admirável, precisa, notável.

"E nossas famílias! Nós dois crescemos em famílias onde essas qualidades eram valorizadas acima de tudo. E, então, aparece Dibs! Tão peculiar! Tão estranho! Tão excêntrico. Tão intocável. Sem falar. Sem brincar. Atrasado no andar. Batendo nas pessoas como um animalzinho selvagem. Estávamos envergonhados. Não queríamos que nenhum de nossos amigos soubesse como era Dibs. Afastamo-nos, mais e mais, de seu convívio, porque, se eles continuassem a freqüentar nossa casa, naturalmente iriam ver o bebê. E não desejávamos que ninguém o conhecesse. Seria uma humilhação catastrófica! Havia perdido toda a confiança em mim mesma. E já não podia continuar meu trabalho. Sabia-me incapaz de realizar uma operação de novo.
"Desconhecia um lugar para onde pudéssemos enviá-lo. Tentamos

resolver o problema da melhor maneira possível. Não queríamos que ninguém viesse a saber do seu triste caso. Levamos Dibs uma vez a um neurologista. Mas em outra cidade, na região ocidental do país. Usamos um outro nome. Não queríamos que nenhuma pessoa soubesse do que suspeitávamos. Entretanto, o neurologista não encontrou nada organicamente errado nele. Então, há pouco mais de um ano levamo-lo a um psiquiatra, também em uma cidade distante. Pensávamos que poderíamos deixá-lo em uma casa particular para o diagnóstico psicológico e psiquiátrico. Sentíamos que Dibs sofria de esquizofrenia. Ou de autismo, se não fosse retardado mental. Percebíamos que seus sintomas sugeriam claramente lesão cerebral. O psiquiatra insistiu em entrevistar, várias vezes, meu marido e a mim. Essa foi a primeira e única vez que revelamos nossa identidade numa clínica que procuramos para esclarecer o diagnóstico de Dibs.

"Foi uma experiência chocante. O psiquiatra afrontou-nos.
Investigou sem misericórdia nossa vida particular e íntima. Quando reagimos, porque avançava muito além da necessidade profissional no questionamento, fomos, então, advertidos pelas assistentes sociais de que nossa reação expressava hostilidade e resistência. Parecia-me que eles sentiam um prazer sádico em sua cruel perseguição. O psiquiatra falou-nos que, considerando nossas experiências, seria muito franco conosco. Segundo sua opinião, Dibs não apresentava deficiência mental, nem psicose, nem lesão cerebral. Era apenas a criança mais rejeitada e emocionalmente carente que até então havia conhecido. E continuou afirmando que quem necessitava de ajuda clínica éramos meu marido e eu.
E por isso sugeria tratamento para nós dois. Foi a experiência mais chocante que ele e eu vivenciamos. Qualquer pessoa poderia comprovar que meu marido e eu estávamos bem. Nunca fomos inclinados a uma vida social livre e fácil, mas
poucos amigos e colegas de trabalho que tínhamos respeitavam-nos e aceitavam nosso desejo de ter uma vida íntima e particular a nosso próprio gosto. Nunca tivemos qualquer problema pessoal que não pudéssemos superar por nós mesmos.

"Trouxemos Dibs de volta para casa e temos tentado conviver com ele do melhor modo. Mas isso esteve perto de destruir nosso casamento.

"Jamais confidenciamos a qualquer pessoa essa nossa experiência.
Nunca a revelamos a nossos familiares. Tampouco nos pronunciamos sobre ela na escola. Mas meu marido ficava cada vez mais distante. Dorothy nasceu um ano depois de Dibs. Julgávamos que uma outra criança poderia ajudá-lo. Mas eles nunca se relacionaram bem. Na verdade, Dorothy sempre foi uma criança perfeita. Sem dúvida ela é a prova de que a deficiência não é nossa. Então, colocamos Dibs na escola particular onde você o conheceu.

"Confesso-lhe que ninguém conhece a terrível tragédia e agonia de ter um filho deficiente! A única pessoa com quem Dibs tem se relacionado é com sua avó. Ela esteve conosco durante o primeiro mês de sua vida e visitou-nos uma vez por mês durante três anos, até mudar-se para a Flórida. Então, passou a vir duas vezes por ano e permanece conosco por um mês cada vez que vem ver-nos. Dibs sempre se lembra dela, sempre demonstra sua afeição e alegria

quando ela chega e sempre sente desesperadamente sua falta quando ela vai embora. E parece que fica a contar os dias até que ela possa voltar.
"Tenho feito tudo o que posso por Dibs. Com todas as coisas que o dinheiro pode comprar o temos presenteado, esperando que isso possa ajudar. Seu quarto de brinquedos está repleto de discos, jogos, livros, enfim, de todos os objetos que julgamos possam diverti-lo, educá-lo e entretê-lo. E, algumas vezes, ele parece ser feliz em seu quarto, em casa. Sempre se sentiu mais feliz sozinho. Por isso enviamos Dorothy para um internato perto daqui. Só nos fins de semana e nas férias ela vem para casa. Penso que Dibs é mais feliz longe da irmã. É difícil a convivência entre os dois. Dibs a espanca e a agride como um animal feroz, caso ela se aproxime dele ou de seu quarto.
"Entretanto, ultimamente, sua infelicidade cresceu. Ontem,

quando meu marido o trouxe para casa, ele estava muito perturbado. Ambos estavam perturbados. Ele falou que Dibs estava balbuciando como um idiota. Assim se expressou na frente do garoto." Inclinando-se sobre a mesa, a mãe de Dibs soluçava amargamente. - Perguntei-lhe o que Dibs dissera e ele reafirmou que Dibs balbuciava como um idiota. Dibs atravessou a sala, agarrou uma cadeira e atirou-a longe, derrubou várias peças da mesa de café com um movimento de mão e gritou para o pai: "Odeio você! Odeio você", correndo em sua direção e batendo nele diversas
vezes. Então meu marido o agarrou e, depois de alguma luta, carregou-o para seu quarto, trancando-o ali. Quando desceu, eu estava chorando. Sei que de nada adiantam as lágrimas, sei que meu marido odeia cenas e desdenha o pranto. Mas não podia suportar aquilo e disse a ele: "Dibs não estava balbuciando como um idiota agora. E ele disse que odeia você!"
Meu marido sentou-se em uma cadeira e chorou de verdade. Foi terrível!
Nunca havia visto um homem chorar. Jamais havia suposto que alguma coisa pudesse fazer com que meu marido mergulhasse em um turbilhão de lágrimas. Fiquei apavorada, de repente, aterrorizada, pois ele parecia tão amedrontado quanto eu. Creio que nunca estivemos tão próximos um do outro como naquele instante. De súbito, éramos tão-somente duas pessoas amedrontadas, solitárias e infelizes, com nossas defesas se desfazendo e nos abandonando. Foi terrível. E sinto um alívio em pensar que somos humanos, que podemos falhar e admitir que falhamos! Finalmente a dor nos empurrou um de encontro ao outro, e ele falou que talvez tivéssemos falhado em relação à nossa conduta com Dibs. Respondi-lhe que viria até você, ouvir sua opinião sobre nosso garoto. - Olhou-me com uma expressão de medo e pânico nos olhos e falou: - Diga-me com sinceridade, você acha que Dibs é um deficiente mental?
- Não - repliquei, respondendo à sua pergunta e não dizendo nada além do que ela havia questionado. - Não creio que Dibs seja mentalmente deficiente.
Houve uma longa pausa. Ela suspirava profundamente.

- Você... você... acha que ele ficará bom e que aprenderá a comportar-se como as outras crianças? - perguntou-me.
- Creio que sim. Mas, mais importante, acho que você mesma poderá responder a essa questão muito melhor que eu, uma vez que você vive com ele em casa, conversa e brinca com ele e observa-o. Acredito que você poderia tentar responder a ela agora - disse.
Sacudiu a cabeça vagarosamente.
- Sim - respondeu com a voz declinando até o sussurro. - Tenho notado muitos aspectos no comportamento de Dibs que indicam ter ele alguma habilidade. Mas parece-me tão infeliz, à medida que fica mais e mais em casa. Os seus ataques de raiva desapareceram. Não os teve mais em casa ou na escola. A cena de ontem não foi um acesso de raiva. Foi seu protesto ante a observação de seu pai, que sentiu como um verdadeiro insulto. Não chupa mais o dedo a toda hora. E tem conversado muito mais em casa. Conversa consigo mesmo. Não conosco. Exceto por aquela gritaria com o pai, ontem.
Está transformando-se. E melhorando. Somente espero em Deus que ele fique bom - disse ela com muita fé.
- Assim o desejo também - respondi. E um longo silêncio seguiu-se. Ela apanhou na bolsa seu estojo e empoou o rosto. - Não me lembro de outra oportunidade em que houvesse chorado assim - falou, apontando para a caixa de lenços de papel. - Mas você parece estar preparada para isso. Sem dúvida, não sou a única a chorar em seu ombro.
- Não. Você tem bastante companhia.
Um sorriso pairou em sua fisionomia. Ela e Dibs tinham muito em comum. - Não posso dizer-lhe o que isso significou para mim. Parece impossível já ter-se passado uma hora. Mas ouvi os sinos. São onze horas.
Não ficaria surpresa se afirmasse, àquela altura, que não queria voltar para casa! - O tempo parece às vezes fugir de nós aqui - eu disse.
- Sim. - Levantou-se, vestiu seu casaco e agradeceu-me por tudo.
Depois saiu.
Não obstante a freqüência com que ouvia esse tipo de expansão, a complexidade da motivação e do comportamento humano é demonstrada repetidamente. Não há uma experiência isolada que acione determinados padrões de reação. Há sempre uma acumulação de experiências entrelaçadas com emoções altamente vivenciadas pela pessoa e articuladas com seus próprios objetivos e valores, que a motivam e determinam sua reação. O que ela falara seria um prefácio de sua história? "Tanto a dizer e tanto a não dizer! Algumas Coisas são melhores quando não são ditas. Mas muitas coisas não ditas podem tornar-se um fardo." Ela estava ciente dos elementos que pesavam dentro de

si. Provavelmente os mais conhecidos eram os que ela mantinha guardados.
Sua vigilância constante para preservá-los em segredo tornava-os mais presentes em sua mente. Possivelmente ela e o marido haviam aprendido, muito cedo, que, com suas aguçadas inteligências,

poderiam erigir um escudo à sua volta, isolando-se das emoções que não aprenderam a compreender e a manejar construtivamente.
Dibs também havia aprendido isso. Lia qualquer coisa que tinha à vista, e manifestava essa habilidade quando confrontado por uma reação emocional desconfortável, como uma evasiva que o livrava de uma confrontação com o sentimento. Era um esquema de proteção.
Sua mãe e seu pai eram também vítimas de sua falta de compreensão e maturidade emocional. Sentiram com grande perspicácia sua total inabilidade para se relacionar com Dibs afetivamente. E provavelmente com Dorothy também. Estavam se debatendo nas profundezas de seus sentimentos de incapacidade e insegurança.
Quando ela me inquiriu sobre o comprometimento da saúde mental de Dibs, poderia ter-lhe falado com ênfase que ele, em absoluto, não tinha nenhuma deficiência mental, e que, provavelmente, era uma criança dotada de inteligência superior. E mais, fazer tal avaliação naquele momento poderia comprometer seu melhor propósito: compreender Dibs em sua totalidade. Além disso, poderia intensificar um sentimento de culpa, já indicado pela cena por ela descrita entre Dibs e o pai, e por suas reações a ela no dia anterior. Se os pais de Dibs se sentissem encorajados pela minha avaliação, poderiam concentrar-se nos talentos intelectuais de Dibs, como parte central de seu desenvolvimento. Ele, na verdade, já estava utilizando quase completamente sua inteligência. Era a falta de equilíbrio em seu desenvolvimento global que criava o problema. Ou talvez, bem inconscientemente, seus pais preferissem vê-lo como um deficiente mental a aceitá-lo como uma personificação intensificada de sua própria incapacidade emocional e social. Tudo era especulação.
O âmago do problema não estava no diagnóstico intelectual das razões que estavam por trás de seus comportamentos - embora muitas pessoas aceitem esse princípio como básico para promover o desenvolvimento pessoal. Se você compreende por que age de certa maneira ou sente determinadas emoções, muitos estudiosos acreditam que você venceu a etapa que lhe possibilitará modificar sua conduta.
Entretanto, penso que as maiores modificações que tal compreensão acarreta são mudanças nas atitudes exteriores que, pouco a pouco, vão alterando as motivações e sentimentos. Creio que a alteração profunda exige tempo bem mais longo. Algumas vezes, parece requerer uma preocupação intensa com o eu que tem uma visão distorcida de seu lugar como indivíduo no relacionamento com o grupo social - faz seu mundo mais egocêntrico, embora suas atividades possam tentar desmentir isso.
Há muitas e diferentes formulações teóricas sobre a estrutura da personalidade e terapia.
Parecia-me ser bastante improvável que a mãe de Dibs ignorasse os talentos intelectuais de seu filho - pelo menos em certo grau. Para ela a realização intelectual isolada não tinha sido uma resposta muito satisfatória. Sua incapacidade em relacionar-se com o filho com amor, respeito e compreensão era, sem dúvida, devido à sua própria deficiência emocional. Quem pode amar, respeitar e compreender uma outra pessoa se não teve por si próprio tais experiências fundamentais? Pareceu-me que nada poderia ser-lhe

mais útil nessa entrevista do que ter aprendido que era respeitada e compreendida e que também ela tinha razões para o que fazia, que tinha capacidade para mudar, que essas mudanças precisam vir de seu próprio interior, que todas essas mudanças - as suas, as do marido e as de Dibs - eram motivadas pela soma de muitas experiências.
Como ela havia dito isso? "Duas pessoas apavoradas, solitárias e infelizes com suas defesas destruídas e abandonando-as... um alívio saber que somos humanos, que podemos falhar e admitir que falhamos."

Capítulo IX

Dibs retornou bastante feliz à sala de ludoterapia, na quinta-feira seguinte. Sua mãe havia telefonado perguntando se seria possível levá-lo quinze minutos mais cedo, pois ele deveria ir ao pediatra para algumas vacinações. Foi feito o arranjo.
- Hoje vou ao médico tomar vacinas. A hora já está marcada - Dibs falou ao entrar.
- Sim, eu soube. E você poderá chegar lá na hora.
- Estou contente com a troca do horário - falou com um sorriso muito amplo.
- Está. Por quê?
- Estou contente porque me sinto contente - disse ele finalizando a questão. Caminhou até a casa de bonecas. - Vejo que tenho um serviço para fazer aqui.
- Qual é?
- Este - respondeu, indicando com um gesto a casa de bonecas. - Devo consertá-la e trancá-la. Fechar as janelas!
- Então, você já decidiu o que vai fazer?
- O sol está brilhando! Está muito, muito quente lá fora, hoje! Vou tirar meus agasalhos - anunciou, depois de ter olhado pela janela.
Tirou o chapéu, o casaco, as calças de ginástica, sem nenhuma ajuda, atravessou a sala e dependurou-os na maçaneta da porta.
- Gostaria muito de pintar hoje - disse.
- Bem, isso quem decide é você.
- Sim. Bem sei que sou eu quem decide sobre isso - respondeu Dibs, caminhando em direção ao cavalete. - Tirarei todas as tampas dos potes de tinta e em cada cor porei um pincel. Agora vou colocá-los em ordem. Vermelho. Laranja. Amarelo. Azul. Verde. É assim, posso decidir
algumas coisas, outras não.
- É, suponho que seja verdade.

- É verdade - reafirmou enfaticamente, continuando o arranjo das cores. Iniciou então a pintura de camadas de tinta em seu papel. - Puxa! A tinta corre! Os lápis não correm assim. Ficam onde os colocamos. Mas as tintas? Não. Correm. Vou pintar uma bolinha laranja. Viu como corre?

Agora uma listra verde. Escorre em gotas para baixo. Ela vai escorrendo, eu vou limpando.
Atravessou a sala e, dando algumas pancadinhas na parede espelhada, declarou:
- Há alguém naquela sala. Antes, algumas pessoas estavam sentadas naquela sala escura, mas hoje não.
Fiquei surpresa ante o inesperado de sua observação.
- Você acha?
- Bem, eu sei que sim. Um murmúrio de vozes e pequenos sons me disseram que sim - confirmou.
Essa pequena prova revela o quanto as crianças estão informadas sobre as coisas que as circundam, embora nem sempre as comentem na ocasião da descoberta. Isso é verdadeiro não só quanto a Dibs e todas as crianças, mas também em relação a nós, adultos. Não expressamos verbalmente tudo quanto ouvimos, vemos, pensamos e inferimos.
Provavelmente, apenas uma porcentagem mínima de nossa aprendizagem é comunicada a outros.
- Você também já sabia disso? - perguntou.
- Sim - respondi.
Voltou-se então para o cavalete e recomeçou a pintar listras de cor no papel.
- Estas são as listras de meu pensamento - disse.
- São?
- Sim. E agora mesmo vou expulsar os homens lutadores. Especialmente aquele soldado!
Enquanto caminhava em direção à caixa de areia, fez uma pequena pausa para olhar minhas anotações. Havia abreviado o nome das cores que
ele usava registrando apenas a primeira letra. Dibs estudou minhas anotações, que consistiam no registro de suas ações, não de suas palavras. Essas estavam sendo gravadas por observadores mais silenciosos, que controlavam os gravadores.
Oh! soletre os nomes. V é para o vermelho. V-E-R-M-E-L-H-O.
L para laranja. L-A-R-A-N-J-A. A é para amarelo. A-M-A-R-E-L-O. - E soletrou todos os nomes à sua maneira.
- Então, só porque você sabe soletrar os nomes das

cores, acha que devo fazê-lo também? Não acha que posso abreviá-los, se sinto vontade?
- Hum? - disse. - Bem... Sim. Mas não faça isso com os nomes das cores. Sempre faça as coisas corretamente. Soletre-os com todas as letras. Faça isso direito.
- Por quê? - perguntei.
Dibs olhou-me e sorriu.
- Porque estou dizendo - respondeu.
- E essa é uma razão suficiente?
- É, sim. A não ser que você prefira escrever do seu modo - concluiu, sorrindo. Encaminhou-se para a mesa, retirou um pouco de argila da jarra, atirou-a para o ar, conseguiu apanhá-la e recolocou-a no recipiente de origem. Havia uma gravura no chão,

perto do cesto de papel. Logo que Dibs a viu, inclinou-se para pegá-la. - Ah, quero isto! Quero recortar estas figuras. Onde está a tesoura?
Dei-lhe a tesoura. Ele cortou a gravura.
Em seguida, voltou-se para a casa de bonecas.
- Tenho um trabalho a fazer hoje - anunciou.
- Tem?
- Sim. - Com muito cuidado, removeu todas as paredes da casinha, carregando-as para a caixa de areia. Pegou uma pá e cavou um grande buraco, onde enterrou as paredes. Retornou à casa de bonecas e com uma pesada pá de metal ergueu a porta e enterrou-a também na areia.
Trabalhou com eficiência e intenção definida, no mais completo silêncio.
Quando completou seu trabalho, olhou-me.
- Livrei-me das paredes e da porta - anunciou.
- Sim. Vi que o fez.
Pegou então a parede da frente da casa de bonecas, que agora tinha apenas um buraco, mas não a porta, e tentou armá-la na areia.
Depois de várias tentativas, conseguiu. Procurou um carrinho especial e empurrou-o, dando voltas na areia. Estava mal sentado sobre a borda da caixa de areia, inclinado, parecendo estar em posição incômoda. Examinou a situação.
- Entrarei completamente na caixa de areia agora - disse.
Engatinhou para dentro da caixa de areia, sentou-se no meio dela, olhou-me, sorriu. - Hoje, entrei na areia. Pouco a pouco consegui entrar. Um pouquinho da penúltima vez, depois outro na última vez, e agora desta vez.
- Sim, você conseguiu. Hoje você está completamente dentro.

- A areia está penetrando em meus sapatos. Vou tirá-los. - Tirou um dos sapatos. Empurrou o pé para dentro da areia. Deitou-se na areia. Esfregou nela suas bochechas. Colocou sua língua para fora e provou-a. Sentiu a areia entre os dentes. Olhou para mim.
- Por que esta areia é tão áspera e tem gosto de nada? - disse. - O gosto do nada é assim. - Apanhou um punhado de areia, despejando-a sobre a cabeça e esfregando-a nos cabelos. Ele ria. De repente, levantou o pé no ar. - Veja, estou com a meia furada. Minha meia tem um buraco - gritou.
- Estou vendo - comentei.
Estirou-se completamente na caixa de areia. Rolou. Virou-se de um lado para outro. Cobriu-se de areia. Seus movimentos eram livres, expansivos, relaxados. - Dê-me a mamadeira - pediu. Dei-a a ele. - Vou fazer de conta que este é o meu bercinho. Ficarei encolhidinho como uma bola e fingirei que sou bebê de novo. - Sugou a mamadeira com alegria.
De súbito, sentou-se e sorriu para mim.
- Vou cantar para você - anunciou num tom festivo. - Inventarei uma canção, para cantá-la apenas para você. Está certo?
- Claro.
Sentou-se com as pernas cruzadas e disse:

- Estou pensando.
- Está bem. Você pensa, se sente que é isso o que quer fazer - repliquei.
Dibs riu.
- Vou compor os versos enquanto for cantando.
- Está bem.
Respirou profundamente. E começou a cantar. Parecia estar compondo a música também. Sua voz era clara, melodiosa e suave. A música contrastava com a maior parte dos versos da canção. Suas mãos estavam entrelaçadas. Sua expressão era de seriedade. Assemelhava-se a um
participante de coral infantil, só que suas palavras não eram as de uma criança de coral.
- Oh! eu odeio, odeio, odeio - cantou. - Odeio as paredes e as portas que fecham, e as pessoas que nos trancam lá dentro. Odeio as lágrimas e as palavras de ódio. Vou matar a todos com minha machadinha. Martelarei seus ossos e cuspirei neles. - Inclinou-se e apanhou na areia um soldado de brinquedo, golpeou-o com a machadinha de borracha, cuspiu nele. - Cuspo-lhe na cara. Cuspo-lhe no olho.

Enterro sua cabeça no fundo da areia - cantou com a voz clara e suave. - E os pássaros voam de leste para oeste, e é um pássaro que quero ser. Então voarei para longe das paredes, fora das portas, longe, longe, longe de todos os meus inimigos. Voarei e voarei pelo mundo e voltarei para a areia, para a sala de brinquedos, para minha amiga. Cavarei a areia, enterrarei coisas na areia. Jogarei areia. Brincarei na areia. Contarei todos os grãos de areia e, de novo, serei um bebê.
Sugou a mamadeira e rindo perguntou:
- Que tal minha canção?
- Uma canção perfeita.
- É, sim, uma canção perfeita - concordou, saltando da areia e aproximando-se de mim para olhar meu relógio.
- Dez minutos mais - disse, mostrando os dez dedos.
- Justamente dez minutos.
- Você acha que só restam dez minutos e depois estará na hora em que devo voltar para casa? - indagou.
- Certo. É exatamente o que eu penso. E você, o que acha?
- Ah! - exclamou.
- Quer saber? Bem, penso que daqui a pouco estará na hora de ir. Vou retirar o restante dos soldados. Aqueles dois estão com armas. E este avião. Parecido com um pássaro. O avião voa. O avião cheio de areia voa. Voa por aqui. Voa por aqui. Voa para o céu! - Ele correu pela sala de brinquedos, segurando o avião no alto com graça e ritmo. - Oh! avião, diga-me! Até que altura você pode voar? Pode voar até o céu azul, azul? Pode voar além do céu? Até as nuvens e ventos que levam rápido a chuva até lá, você pode voar? tão alto? Diga-me, lindo avião, você pode voar? Oh, avião...
- Abruptamente parou toda a atividade. Ele escutava atentamente. Deixou cair o avião na areia. De repente, toda aquela exuberância

e alegria pareciam tê-lo abandonado.
- Aqui está Dorothy - falou. Voltou para a areia e com sua pá desenterrou a porta e as janelas da casa de bonecas. - Isso ainda não pode ficar enterrado - disse, olhando-me com uma angústia a apertar-lhe os lábios e a franzir-lhe a testa. - Agora, só faltam nove minutos? - indagou num tom desolado.
- Não. Temos apenas cinco minutos mais.
- Oh! - replicou Dibs, levantando uma das mãos com os cinco dedos abertos. - E os outros quatro minutos, para onde foram?
- Não acha que os outros quatro minutos já passaram por você?
- Daqui a bem pouco estará na hora de voltar para casa - relembrou. - Mesmo que não queira ir. Ainda assim, o tempo chegará para dizer-nos que a brincadeira aqui terminou.
- É verdade, Dibs. A despeito de tudo, o tempo passa.
Um som de caminhão em movimento chegou até nós
- Lá vai nosso caminhão - comentou. - Você ouviu?
- Sim, Dibs.
- Está na hora de o caminhão ir para casa também - disse.
- É, suponho que sim.
- Talvez o caminhão também não queira voltar.
- É possível.
- Quantos minutos faltam? - perguntou.
- Três minutos.
Dibs segurou a porta da casa de bonecas e olhou-a. - Tenho que colocá-la de volta na casa de bonecas e trancar todas as janelas. Onde está o martelo para pregar a porta?
- Não há nenhum por aqui, agora. Você pode deixar a peça na prateleira ou na casa de bonecas. A arrumadeira a colocará depois.
Dibs deixou-a sobre a mesa, mudou de idéia, pegando-a e colocando-a na casa de bonecas. Fechou todas as janelas.
- Preciso de sua ajuda para me calçar - disse, entregando-me os sapatos e sentando-se numa pequena cadeira enquanto eu o calçava.
- Ajude-me a pôr meu casaco e meu chapéu - disse, tornando-se de repente muito carente. Ajudei-o. - As pessoas estão todas na casa dormindo. E é noite de primavera lá fora. Tempo escuro e de preguiça, e todos dormem e dizem que dormirão mais e mais, dormem aqui, onde algumas vezes é frio, outras vezes é morno, mas sempre seguro. Dormem e esperam. Dormem e esperam. E colocam em sua casa outro tipo de porta. Uma porta que abre por dentro e por fora. Uma porta que se abre logo que você dela se aproxima. Sem fechadura. Sem chaves. Sem batidas. Bem... agora direi até logo - acrescentou, parado diante de mim. - Não esqueça: voltarei depois.
- Está certo, Dibs. Não esquecerei. Você voltará.
Dibs notou um dos animais que havia recortado dentro do cesto de papel.

- Quero isto - disse, enquanto o apanhava. - Posso levá-lo comigo?
- Sim - respondi.
Colocou-o no bolso.
- Diga: Sim, Dibs, você pode levá-lo para casa. Se é o que você quer, então está certo.

Repeti palavra por palavra.
Um grande sorriso iluminou toda a sua figura. Aproximou-se de mim e acariciou minha mão.
- Ótimo - falou.
Abriu a porta e deu um passo para fora. Num relance voltou-se e veio verificar a hora que meu relógio marcava. Com violência, fechou a porta.
- Não, ainda não está na hora. Faltam quinze minutos para as quatro horas. Esperarei até que o sino da igreja toque.
- Você veio mais cedo hoje, então deverá sair mais cedo. Cada encontro nosso deve durar uma hora inteira.
- Minha hora de chegada foi mais cedo, mas a minha saída deve ser a de costume - declarou.
- Sim, você irá. A modificação do horário foi porque você tem de ir ao médico. Lembra-se?
- Lembrar que não há nada a fazer quanto a isso - disse.
- Você apenas não deseja ir agora. Mas...
- É verdade - interrompeu-me para confirmar. Durante um longo minuto ele mediu-me com o seu olhar.
- Você não está completamente certo quanto a isso?
Dibs suspirou.
- Creio que estou certo. Está bem. Eu vou agora. Só desejo que o doutor espete sua agulha em Dorothy. Tomara que doa tanto, que a faça gritar e chorar. Dentro de mim vou rir e sentir alegria porque ela sofre. Quanto a mim, fingirei que não me dói absolutamente nada. Até mais. Verei você na próxima quinta-feira.
Encaminhou-se para a sala de recepção, onde sua mãe e Dorothy o esperavam. Ignorou por completo a irmã, e segurando a mão da mãe deixou o Centro sem nenhuma palavra a qualquer pessoa.

90

Quando Dibs voltou na semana seguinte, caminhou para a sala de ludoterapia com passos tranqüilos e relaxados. Parou junto à porta e
virou a tabuleta, lendo-a: - "Favor não perturbar".
Entrou na sala, tirou seu chapéu e agasalho e pendurou-os no lugar habitual. Sentou-se na borda da caixa de areia e tirou os sapatos. Colocou-os no chão, sob o casaco. Recolheu as quatro espingardas que estavam espalhadas em volta da sala e colocou-as dentro do teatro de fantoches. Saiu, apanhou o chapéu e o casaco e levou-os também para o palco. De novo saiu, dessa vez para apanhar o avião de brinquedo que
estava com a hélice quebrada. Sentou-se junto à mesa, e, com rapidez e eficiência, consertou-o.
Apanhou a caixa de animais de fazenda e separou-os de acordo com as figuras, denominando-os. Dirigiu-se para a caixa de areia e examinou a casa que lá estava.
- Sabe, já vi uma casa de bonecas igual a esta em uma loja de ferragens na Lexington Avenue - comentou.
- Você viu?
- Sim - replicou. - E era igualzinha a esta, o mesmo tamanho. A mesma cor. Feita de metal. Custava dois dólares e noventa e oito

cents. Suas peças vinham todas colocadas numa caixa. Quem a comprasse deveria armá-la - e acrescentou, batendo com os dedos no metal: - Umas peças bem finas.
Voltou-se para o radiador, examinando-o.
- Está quente aqui hoje, é melhor desligá-lo - comentou, inclinando-se para fazê-lo. - Havia muitos brinquedos naquela loja. Um caminhãozinho, também parecido com este - disse, apresentando a miniatura a que se referia. - E ainda, um caminhão para carga com uma manivela que se pode girar para descarregar a areia.

91

Dibs parecia estar usando o tempo para entreter-se por uma razão ou outra. Mas parecia estar bem descontraído. - Quase igual a este. Mas não exatamente. Diria que era do mesmo tamanho e com o mesmo mecanismo. Mas a cor era outra. Além disso, estava escrito o nome da fábrica e o material de que era feito. Pesava bem mais que este. O preço era de um dólar e setenta e cinco cents.
Encheu o caminhãozinho com areia, movimentou a manivela, inclinando a carroceria. Assim descarregou a areia. Usando o dispositivo, fez o recipiente do caminhão voltar à sua posição inicial.
Repetiu essa atividade várias vezes. Um monte de areia foi-se formando.
- Formarei uma colina e nela subirei - falou. - E brincarei de que os
homens estão lutando.
Saltou fora da caixa de areia e atravessou a sala correndo para apanhar o tambor. Sentou-se na borda da caixa de areia e começou a tocar.
- Tambor engraçado! Oh! tambor tão cheio de sons. Sons suaves. Sons fortes. Sons lentos. Bate, bate, bate, tambor. "Briga, briga, briga", diz o tambor. "Vem, vem, vem", diz o tambor. "Siga-me. Siga-me. Siga-me." - Pôs o tambor cuidadosamente na borda da caixa, retornou à areia e começou a fazer uma montanha.
- Agora começarei a trabalhar. Vou construir um monte muito alto. Uma colina altíssima. E todos os soldados lutarão para atingir o seu cume. Eles querem muito subir até lá. - Rapidamente executou seu plano. Selecionou alguns soldados, colocando-os em tal posição que davam a impressão de estar subindo.
- Eles, de fato, parecem querer atingir o pico, não é mesmo? - disse eu.
- Oh! sim - Dibs respondeu. - E, na verdade, eles querem.
Recolheu todos os soldados que pôde encontrar e colocou-os em volta do monte. - Colocarei mais soldados. Muitos soldados - declarou. - E deixarei que tentem subir alto, bem alto, até atingir o topo da colina. Porque sabem que só poderão encontrar o que está bem lá no alto se conquistarem o cume. E é por isso que querem tanto alcançá-lo.
Seus olhos tinham um brilho especial, quando ele me fitou.
- Você sabe o que está lá no topo do monte? - perguntou.
- Não, o que é?

Dibs riu astutamente, mas guardou seu segredo. Fez cada soldado avançar lentamente em direção ao cume. Quando os soldados estavam a uma pequena distância do alvo, Dibs jogou mais areia no monte, tornando-o mais alto. Em seguida, virou cada soldado e lentamente, um a um, trouxe-os de novo para baixo. Um a um, fê-los marchar para a pequena casa de metal colocada na caixa de areia.
- Não foram capazes de atingir o cume hoje - explicou. - Por isso voltarão para casa. Tristemente se despedem com um aceno de mão. Queriam tanto chegar até o pico da colina. Mas nenhum deles foi capaz de atingi-lo, hoje.
- E ficaram tristes por não terem conseguido fazer o que tanto queriam? - comentei.
- Sim - respondeu e suspirou. - Queriam e tentaram. Mas não puderam fazer a escalada completa. Mas já encontraram sua montanha. Subiram nela. Alto. Alto. Alto. Foi uma verdadeira escalada! Por um momento, eles pensaram que poderiam atingir o topo. E enquanto eles pensaram que podiam, foram felizes.
- Só a tentativa de atingir o pico da colina já os fez felizes? - perguntei.
- Sim. Você já subiu num monte?
- Já. E você, Dibs?
- Também. Uma vez tentei. Mas não consegui subir até o topo - acrescentou pensativamente. - Permaneci na base e olhei para cima. Acho que cada criança deveria ter sua própria colina para escalar. E acho que toda criança deveria ter uma estrela lá no alto do céu que fosse toda sua. E acho que toda criança deveria possuir uma árvore que, de fato, lhe pertencesse. É assim que acho que deveria ser - concluiu, olhando-me e movendo a cabeça com ênfase enquanto falava.
- Essas coisas são importantes para você, não são? - perguntei.
- Sim - respondeu. - Muito importantes. Apanhou a pá de metal e calma e intencionalmente cavou um buraco muito profundo na areia. Observei que ele havia escolhido e separado um dos soldados. Quando concluiu a escavação, colocou aquele soldado no fundo do buraco, cobrindo-o com areia. Comprimiu com a pá o topo do pequeno monte formado sobre o buraco. - Este apenas conseguiu ser enterrado - anunciou. - Não teve sequer a oportunidade de tentar escalar aquela colina. Naturalmente não chegou ao topo. Oh! ele quis tanto! Quis estar com os outros. Quis ter esperança também. Quis tentar. Mas não teve oportunidade. Foi enterrado.

- Então, aquele foi enterrado. E não teve a possibilidade de subir à colina. E não chegou ao topo.
- Foi enterrado - Dibs confidenciou-me, inclinando se em minha direção à medida que falava. - E não apenas foi sepultado, como também vou construir uma outra colina alta e imponente bem em cima de sua sepultura. E nunca sairá daí. E nunca, nunca, nunca, terá a oportunidade de escalar qualquer colina, de novo. - Enchia fartamente as mãos de areia e jogava-a sobre a sepultura, fazendo um monte sobre a sepultura do soldado enterrado. Quando terminou a colina, Dibs limpou a areia das mãos, sentou-se cruzando as pernas

e contemplou seu trabalho. - Aquele soldado era papai - falou tranqüilamente, afastando-se da areia.
- Quem foi enterrado sob o monte era papai?
- Sim - respondeu. - Era papai.
O sino da igreja tocou. Dibs contou os repiques que anunciavam as horas. - Um, dois, três, quatro. Quatro horas! - disse. - Tenho um relógio em casa que me diz as horas.
- Você tem? - repliquei. - E você pode dizer as horas também.
- Sim. Há muitas espécies diferentes de relógios. Em alguns você dá corda. Outros são elétricos. Alguns têm campainha. Outros repicam
como um carrilhão.
- E de que tipo é o seu? - perguntei. Dibs parecia defender-se do enterro do pai, com seu discurso intelectualizado. Eu iria avante com ele.
Levaria tempo para trabalharmos, de parte a parte, esses sentimentos relacionados com seu pai. Se ele parecia sentir estar indo além de seu limite, e se amedrontava diante do conteúdo de sua brincadeira, procurando refugiar-se na segurança de uma conversa sobre objetos materiais - como relógios -, eu não o apressaria a enfrentar seus próprios sentimentos. Ele havia feito, até então, algumas afirmações bastante concisas e emocionantes em sua brincadeira.
- Meu relógio é um carrilhão. Dou corda nele. Também tenho um relógio de pulso. E um rádio-relógio. - Pegou de novo o tambor e tocou-o suavemente. - Estou tocando o tambor por papai.
- Então esses toques lentos são para seu papai?
- Sim - concordou Dibs.
- E o que o tambor diz agora?
- Durma. Durma. Durma - falou, batendo no tambor lenta e deliberadamente. - Durma. Durma. Durma. Dur-ma. DURMADURMADURMADURMADURMADURMA
- Enquanto pronunciava as sílabas, gradualmente fazia crescer o ritmo. Terminou com um vigoroso soar do tambor.
Dibs sentou-se e inclinou a cabeça. O tambor silenciou.
Levantou-se e tranqüilamente guardou-o no teatro de fantoches e fechou a porta.
- Coloque o tambor aqui. Ponha-o dentro deste armário e feche a porta. - falou. De novo retornou à caixa de areia e ali ficou olhando a
sepultura coberta pelo monte.
Voltou então para o teatro. Entrou, fechando a porta atrás de si. Dentro havia uma janela que dava para o parque de estacionamento.
Dali Dibs podia ver os fundos da igreja. Eu não podia vê-lo, mas ouvia suas palavras muito bem.
- Daqui, pode-se ver a parte de trás da igreja - comentou. - A Igreja que sobe para o céu. A igreja que toca música. A igreja que toca carrilhão - um, dois, três, quatro, quando são quatro horas. Uma grande igreja, toda cercada de plantas. E onde as pessoas vão.
- E silenciou por um longo intervalo. Depois, continuou a falar. - E céu. Bastante céu bem lá em cima. E um pássaro. E avião. E fumaça. - Houve outra longa pausa. - E Dibs, postado a uma pequena janela, olhando para fora, para a vastidão.

- Parece que daqui você vislumbra um mundo grande, grande - comentei.
- É verdade - respondeu suavemente. - Vastidão. Apenas vastidão!
- Tudo parece muito, muito grande - falei.
- Mas não Dibs - respondeu, saindo do teatrinho e depois de um longo suspiro. - Dibs não é do tamanho da igreja.
- Tudo é tão grande, e isso fez Dibs sentir-se pequeno?
- Aqui sou grande - disse, pulando para a caixa de areia. - Vou derrubar esta colina. Vou achatá-la. - disse. E assim o fez. Aplainou a montanha. Deixou a areia escorrer por entre seus dedos.
- Oh! Colina aplainada - disse. - Oh! montanha aplainada!
Ele olhou-me e sorriu.
- Fomos a uma loja de consertos de calçados, apanhar os sapatos de papai. Tomamos a Lexington Avenue, descemos a 72nd Street. Havia ônibus e taxis e na Third Avenue, caminhões carregados. Podíamos ter tomado um ônibus. Podíamos ter tomado um táxi ou caminhado um pouco. Mas não o fizemos. Tomamos nosso próprio carro.

- Vocês poderiam ter ido de diferentes maneiras, mas foram em seu próprio carro?
Dibs aproximou-se para bem perto de mim. Seus olhos cintilavam.
- Oh! não se esqueça - censurou-me com brandura. - Fomos apanhar os sapatos de papai.
- Oh, sim. Não devo me esquecer de que vocês foram buscar os sapatos de seu pai.
- O sapateiro colou-os - disse.
- Foram consertados?
- Colou-os e consertou-os. Ficou todo restaurado.
- Bem, Dibs. É hora de ir, agora.
- Está na hora de ir embora - Dibs concordou. Levantou-se. - Já era hora de ir há cinco minutos!
Dibs estava certo. Eu não quisera interromper seu relato anunciando a hora.
- Sim, você está certo, Dibs. Já passam cinco minutos da hora.
Dibs foi até o teatro de fantoches apanhar seu chapéu e casaco.
- Este é um armário gozado - falou, enquanto saía, vestindo seu agasalho. - Um armário engraçado que tem um buraco na porta e uma janela.
- Atravessou a sala e apanhou seus sapatos. - Meus sapatos são novos. - Sentou-se e calçou-os sem ajuda. Antes de fazê-lo, porém, levantou os
pés para mim. - Vê? Estou com meias novas também. Nenhum buraquinho. Mamãe ficou muito envergonhada no médico. - Ele riu. Deu laços bem apertados nos cadarços dos sapatos. Ergueu-se. Dirigiu-se até a porta e, parando, virou a tabuleta. - Podem perturbar - falou. - Nós estamos indo.

Capítulo XI

Quando Dibs retornou à sala de ludoterapia, na quinta-feira seguinte, estava bastante agitado. Tirou imediatamente seu gorro e jaqueta logo que entrou, arremessando-os sobre uma cadeira.

- O escritório de Miss A. é nº 12. E esta sala aqui é 17. E esta cadeira também é numerada. Seu número é 13. Viu? - falou, virando rapidamente a cadeira, mostrando o número com o dedo.
- Certo, Dibs.
Caminhou até o armário e escolheu uma caixa contendo pequenos prédios de uma cidade de brinquedo. Sentou-se no chão e agrupou as miniaturas de lojas, fábricas, igrejas e outros edifícios. Havia algumas pequenas árvores para a decoração da paisagem citadina. Dibs ficou completamente absorvido com esse material.
- Esta é uma cidade de brinquedo. Vamos ver o que temos aqui. Igrejas. Casas. Árvores. Construirei uma cidade com todas essas peças. Aqui estão duas igrejas. Começarei com as igrejas. Farei da igreja mais alta o centro de minha cidade. E essa pequenina será colocada aqui. Escolherei as minhas casas e com elas construirei ruas alinhadas. Será uma cidade pequena e por isso poderá haver mais espaço em volta das casas. Nos vilarejos e povoados sempre há igrejas. Viu o campanário no alto da igreja? Isso será um mundo todo de casas.
Deitou-se no chão com o rosto de encontro ao linóleo. Moveu alguns dos edifícios.
- Eu criei esta cidadezinha - disse. - Fiz aqui um mundo de casas. E plantei árvores à sua volta. Imaginei o céu, a chuva e os ventos suaves. Idealizei as estações. Agora está justamente surgindo a primavera. As folhas das árvores estão crescendo. Tudo é lindo, deslumbrante e agradável nesta calma cidadezinha. Há pessoas caminhando nas ruas. E as árvores crescem em silêncio

ao longo dos caminhos. As árvores são diferentes. Elas têm diferentes tipos de tronco.
Rolou no chão e olhou-me.
- Pergunte-me se ainda tenho mais algumas casas - disse.
- Você tem outras casas? - perguntei.
- Já armei todas as casas. Não tenho mais nenhuma - respondeu, colocando mais algumas árvores em volta de sua cidade. - Estas árvores têm o tronco verde - continuou. - Deverão permanecer aqui, apontando alto, alto, alto, para o céu. Elas contarão os seus segredos ao vento, quando por elas passar. "Diga-me: por onde você tem andado?", perguntarão ao vento. "Conte-me, o que tem visto? Porque tenho profundas raízes que me prendem à terra e por isso tenho de ficar aqui para sempre." O vento lhes sussurra em resposta: "Eu nunca paro, sopro durante todos os dias, todas as horas, todos os minutos. Sopro sempre. Para longe..." E a árvore pedirá aos gritos: "Não quero ficar aqui sozinha e triste. Quero ir com você. Leve-me. Não me deixe. Você parece tão feliz." Oh, bem...
Dibs levantou-se e dirigiu-se para a mesa. Apanhou um quebra-cabeça que ali havia sido deixado. Sentou-se no tapete perto de mim e rapidamente uniu as peças.
- Este é Tom-Tom, o filho do flautista. Sabe, nós aprendemos uma canção sobre ele na escola. Vou cantá-la para você. - Dibs cantou, unindo a melodia à letra corretamente. - Fim - anunciou logo que

terminou.
- Você aprendeu esta cantiga na escola, não foi, Dibs?
- Foi sim - respondeu. - Miss Jane é minha professora. Miss Jane é uma mulher adulta. Miss A. é uma mulher adulta. Ambas são adultas e adultas.
- Adultas, mas parecem muito diferentes uma da outra, não é?
- Na verdade, são muito diferentes - respondeu enfaticamente.
- Você conhece outras pessoas adultas?
- Claro que sim - respondeu. - Hedda, por exemplo. E muitas outras pessoas na escola. E, ainda, Millie, a nossa lavadeira. E Jake, que cortou uma das grandes árvores do nosso quintal, lá em casa. Havia uma árvore que crescia em frente ao meu quarto, mas ela aproximou-se tanto que eu já podia alcançá-la de minha janela e acariciá-la. Papai decidiu que deveria cortá-la. Falou que estava se encostando na casa. Eu olhei Jake subir na árvore, serrando-lhe os galhos. Abri minha janela e disse-lhe que aquela árvore era minha

amiga e que eu precisava daqueles ramos, especialmente daquele que chegava à minha janela. Falei-lhe que não queria que fosse cortado. E Jake não o cortou. Então, veio papai e ordenou que aquele galho também fosse cortado, porque estava muito perto da casa e estragava o aspecto da árvore. Jake explicou que eu gostava muito dele, pois ficava tão perto que eu podia tocá-lo de minha janela. Papai escutou, mas continuou firme em sua decisão. Declarou que não gostava que me debruçasse sobre a janela. Disse que não sabia que eu vinha fazendo isso e que colocaria uma grade de segurança, de um metal pesado, para que eu não caísse. Em seguida, mandou Jake cortar o ramo e depressa. Jake disse que cortaria um pouco, de maneira que não mais roçasse na casa, porquê eu gostava muito daquele galho. Mas papai disse que eu tinha muitas outras coisas com que brincar. Fez Jake cortá-lo até que ficasse bem distante da janela para que eu não mais pudesse tocá-lo. Mas Jake guardou a pontinha do ramo para mim. E conversou comigo, dizendo que eu poderia guardar aquela parte da árvore dentro de meu quarto. Contou-me que não são todas as árvores que têm a oportunidade de ter seu ramo favorito morando em uma casa. Falou-me que aquele cimeiro era uma árvore velha, muito velha.
E que talvez tivesse duzentos anos de vida e que, durante esse longo tempo, provavelmente, ninguém a tinha amado tanto quanto eu. Então guardei a pontinha do ramo. E até hoje ainda o tenho comigo.
- Quando isso aconteceu?
- Há um ano - respondeu Dibs. - Mas Jake não pôde impedir aquilo. Teve mesmo de serrar o ramo. Mais tarde, colocaram a grade de segurança na janela. Mandaram um homem para fazê-lo. E ele colocou uma em minha janela e outra na de Dorothy.
- Alguém soube que Jake lhe deu... a pontinha do galho?
- Não sei. Nunca falei com ninguém sobre isso. Apenas o guardei. Ainda o tenho guardado. E não deixaria ninguém tocá-lo. Chutaria e morderia a pessoa que tentasse pegá-lo.
- Aquele ramo significa muito para você, não é, Dibs?

- Oh! muito! respondeu.
- E você esteve muito tempo junto com Jake?
- Sim. Cada vez que podia escapar de casa para o quintal, ficava perto dele. Ele conversava comigo. Eu prestava atenção a qualquer coisa que ele me falasse. Sabe, ele contou-me

todos os tipos de histórias. Falou-me sobre São Francisco de Assis. Disse que ele viveu há muito tempo atrás e amava os pássaros, as árvores, o vento e a chuva. Para ele, todos eram amigos. E são mesmo. Mais simpáticos que as pessoas - Dibs acrescentou com ênfase.
E caminhou em volta da sala de brinquedos, sem descanso.
- Até hoje olho para aquela árvore. Na primavera as folhas aparecem, abrem-se e crescem verdes porque a chuva lhes traz a vida fresca de novo. As folhas desabrocham por causa da alegria de viver a primavera novamente. E todas as vezes que o verão chega, ela oferece sombra fresca, como uma boa amiga. Depois, no inverno, as folhas são sopradas para longe. Jake diz que, no outono, o vento vem e as recolhe todas fazendo com elas viagens em volta do mundo. E narrou-me uma história, certa vez, sobre a última folha que ficou naquela árvore. Contou-me que a folhinha estava triste, porque pensou que havia sido esquecida e que nunca estaria livre para conhecer outros lugares. Mas o vento voltou e soprou sobre aquela folhinha solitária, carregando-a para a mais maravilhosa das viagens que alguém já fizera. A folhinha foi levada ao redor do mundo, pôde ver todas as coisas belas que há nele. Quando a viagem terminou, a folhinha quis voltar para meu quintal. Sabe por quê? Jake disse que ela sentia saudades de mim. E Jake encontrou-a debaixo de uma árvore num dia de inverno. Estava cansada e fina e exausta pela sua longa viagem. Mas Jake disse que ela quis voltar, porque no mundo inteiro não encontrou ninguém a quem amasse tanto quanto a mim. Então, ele deu-me a folhinha. - Dibs levantou-se e de novo deu uma volta pela sala inquietamente. Parou bem à minha frente. - Guardei a folha. Está muito cansada e velha. Mas conservei-a. Reconstituí-a, unindo os pequenos fragmentos que se soltavam dela, e emoldurei-a. E fico imaginando todas as coisas que ela deve ter visto, voando em volta do mundo com o vento. E li em meus livros sobre os países que ela viu.
Parou a sua narrativa por instantes e encaminhou-se para a casa de bonecas.
- Vou trancá-la. Vou trancar a porta e fechar todas as janelas.
- Por que você quer trancar a porta e fechar as janelas, Dibs?
- Não sei - murmurou.
Retornou à minha frente.
- Meu sapato - disse, com um traço da antiga lamúria de desamparo na voz. - Amarre o cadarço de meu sapato para mim, Miss A.
- Está bem, Dibs. Amarrarei para você. - E o fiz. Ele apanhou a mamadeira, sugando-a, em seguida. Suspirou.
- Está sentindo uma espécie de tristeza, Dibs?
Balançou a cabeça.
- Tristeza - disse.

- Jake ainda é seu jardineiro?
- Não. Não mais. Papai disse que ele estava muito velho e não seria bom trabalhar daquela maneira, desde que sofrera um ataque do coração. Mas de vez em quando ele aparece por lá. Sempre me conta uma história. Mas há muito tempo não tem aparecido. E tenho saudade dele.
- Sim, Dibs. Estou certa de que você tem razão para sentir saudade. Jake deve ser uma ótima pessoa.
- Oh, é sim. Gosto muito, mas muito mesmo, dele. Será que ele é um amigo? - perguntou, pensativamente.
- Suponho que Jake seja um amigo. E um amigo muito, muito bom.
Dibs atravessou a sala e aproximou-se da janela. Olhou para fora, em silêncio, por longo tempo.
- Jake ia à igreja todos os domingos - Dibs comentou, apontando para o campanário. - Foi ele quem me disse.
- E você, vai à igreja, Dibs?
- Oh, não - respondeu apressadamente. - Papai e mamãe não são pessoas religiosas. Então, nem Dorothy nem eu somos religiosos.
- Ah! compreendo.
- Mas Jake é. E vovó também.
Novamente fez-se um profundo silêncio.
- Dez minutos mais? - perguntou então.
- Não.
- Nove minutos? - insistiu.
- Não.
- Oito minutos? - continuou perguntando.
- Sim. Você ainda tem mais oito minutos.
- Então, brincarei com a família de bonecas em sua casinha, durante o resto do tempo - decidiu. Apanhou um pacote de papel de escrever. - Vou colocá-lo em minha casa - disse, colocando-o em um dos compartimentos da casa de bonecas. - Alguém consertou a porta, de novo - disse.
- Sim.
- Aquele é o sótão da casa - falou, indicando o quarto que se localizava no nível mais alto, bem próximo ao telhado.
- Sim. Pode ser.

- Reúna os adultos prontos para dormir - comentou, selecionando os bonecos e colocando-os nos quartos. - Bem, agora as crianças. Aqui está o bebê. E a cozinheira, aqui. E a lavadeira. A lavadeira disse que está cansada. Quer descansar. Aqui estão as camas. Este é o quarto do pai. Você não deve entrar lá. Não deve incomodá-lo. Ele está ocupado. Bem, esta é a cama do homem. Este é o quarto da mãe. Sua cama está aqui. E cada criança tem sua própria cama. E cada uma tem seu próprio quarto. A cozinheira tem seu quarto e sua cama. Ela diz que está cansada, também. A lavadeira não tem cama. Tem que ficar em pé e cuidar das máquinas. E esta criança algumas vezes desce para a lavanderia e pergunta-lhe por que não vai para a cama, já que se sente cansada. Mas ela responde que lhe pagam para trabalhar e não para descansar. Mas a mãe fala que a lavadeira poderia sentar-se numa cadeira de balanço, ali mesmo,

embaixo. Não há razão para que não possa, se assim o deseja. Ela vem lavando para esta família há quarenta anos. "Pode-se sentar um pouco de vez em quando, pelo amor de Deus, não?", diz a cozinheira. Mas a lavadeira continua a falar que não, se a cadeira range, incomodaria o homem e "que Deus nos ajude se aborrecermos aquele homem", diz ela. Mas a cozinheira acha que não há motivo para tanta preocupação. Que se deixe o homem com seus problemas. Ela manda o garoto lá para cima, dizendo que ali na lavanderia não há suficiente diversão para ele. Assim, ele volta para cima.
Nesse momento, bati acidentalmente meu pé no quebracabeça que Dibs havia armado no chão, bem junto a mim. Inclinei-me para recompô-lo.
Dibs relanceou-me um olhar rápido.
- Que está fazendo? - inquiriu-me.
- Chutei seu quebra-cabeça e Tom-Tom, o filho do flautista, deslocou-se.
Dibs não entendeu minha resposta. Olhou-me com muita curiosidade e perguntou:
- Que foi que você disse? Não entendi o que você falou.
- Bem, acidentalmente chutei seu quebra-cabeça e Tom-Tom, o filho do flautista, ficou separado.
- Oh! - respondeu Dibs.
Certamente, Dibs estava sempre bem alerta para qualquer movimento que ocorresse naquela sala, não importando quão absorto ele parecesse estar em sua própria atividade. Ajoelhou-se e voltou-se para verificar se havia recomposto corretamente seu trabalho. Feita a inspeção, levantou-se para brincar com a chave da sala de ludoterapia.
- Tranco isto? - perguntou-me.
- Você quer que a porta fique trancada?
- Quero sim - respondeu, fechando a porta.
Depois de alguns momentos, acrescentei:
- Bem, está fechada. Agora deixe-me vê-lo abri-la, pois já está na hora de ir para casa.
- É verdade - disse Dibs. - Mesmo que você saiba que eu não quero ir.
- Sim. Ainda que eu saiba que você não sente vontade de ir para casa, há ocasiões em que precisa ir. E esta é uma delas.
Dibs permaneceu em minha frente, olhando fixamente dentro dos meus olhos. Suspirou.
- Sim - acrescentou. - Eu sei. Aqui posso fazer
tanta coisa, mas, no final, sempre tenho de ir embora. - E começou a caminhar porta afora.
- Seu chapéu e seu casaco, Dibs.
- Oh! Sim. Seu chapéu e seu casaco - disse. Voltoü-se. Vestiu o agasalho. Enfiou o chapéu na cabeça. - Meu chapéu e casaco - disse. - Até
mais, Miss A. - despediu-se, olhando-me. - Quinta estarei aqui de novo. Todas as semanas têm uma quinta-feira. Até logo. Atravessou o hall, indo para a sala de recepção. Acompanhei-o com o olhar. Virou-se, acenou com a mão. - Até mais - disse novamente.
Tão novo. Tão pequeno. E mesmo assim tão cheio de força. Pensei em Jake. Será que ele sabia o quanto sua compreensão, sabedoria e

delicadeza tornaram-se decisivas no processo de desenvolvimento daquela criança? E pensei naquela simbólica ponta de galho e na folha pequenina, cansada e rota. E pensei na sábia pergunta de Dibs: "Será que ele é um amigo?"

Capítulo XII

Todas as semanas têm uma quinta-feira e a semana seguinte não poderia constituir uma exceção. Entretanto, Dibs não pôde comparecer à
sessão de ludoterapia. Estava com sarampo. Sua mãe telefonou e cancelou a consulta. Já na semana que se seguiu, havia se recuperado o suficiente e, portanto, apareceu pronto para brincar. Seu rosto estava ainda manchado e pálido, mas assim que entrou na recepção, ele anunciou:

- O sarampo se foi. Estou melhor agora.

- Você está livre do sarampo, agora, não? - comentei, vendo mas não acreditando dessa vez.

- Sim. Estou curado. Vamos voltar para a sala de brinquedos.

Quando passamos por meu escritório, Dibs olhou para seu interior e observou dois homens que ali se encontravam, consertando alguns gravadores.

- Há dois homens em seu escritório - observou. - Quero dizer que há dois homens em seu escritório.

- É verdade. Eles ficarão trabalhando lá, enquanto nós vamos para a sala de brinquedos.

- E você deixa outras pessoas em seu escritório?

- Sim, algumas vezes.

- Que estão fazendo lá?

- Estão consertando alguns gravadores.

Logo que entramos na sala de ludoterapia, Dibs tirou seu chapéu e casaco, atirando-os sobre uma cadeira. - Senti falta da quinta-feira passada. - disse.

- Sim, eu sei, Dibs. E lamento que você tenha tido sarampo e que, por isso, não tenha podido vir.

- Recebi o cartão que você me enviou. Fiquei feliz. Gostei de receber o cartão.

- Fico contente em sabê-lo.

- Bem, você me disse no cartão que ficasse bom depressa. E, também, que você sentia saudade de mim.

- É, foi isso mesmo.

- Gostei das flores que você me enviou. Elas pareciam a primavera. Flores lindas. Flores de salgueiro em cada galho. Gostei tanto! Papai falou que aquele tipo de flor, se deixada por um longo tempo na água, desenvolve raízes, e que eu poderia plantá-las no quintal. Ele disse que elas devem crescer como arbustos. Isso pode acontecer?

- Você disse que seu pai lhe assegurou isso. Então, o que você acha?

- Espero que ele esteja certo - disse. - Mas vou verificar por mim mesmo. Tentar fazer e ver.

- Esse é um caminho para descobrir coisas - disse eu.

Estava interessada na referência de Dibs aos ensinamentos de seu pai. Era difícil saber se essa conversa significava uma nova aproximação entre ambos ou se era uma tentativa a mais, entre outras, para explicar fatos e objetos a Dibs, embora sem receber nenhuma resposta consistente de sua parte. Como Miss Jane fazia na escola. Como Jake deve ter feito muitas vezes, quando Dibs "apenas ouvia". Agora, no entanto, ele me relatava aquilo de uma maneira bastante factual.
- Que disse você a seu pai quando ele lhe falou sobre as flores? - perguntei, na esperança de captar um outro fragmento que ajudasse na compreensão.
- Nada lhe respondi - replicou Dibs. - Apenas ouvi.
- Você conversa com seu pai?
Dibs caminhou pela sala de brinquedos, olhando os potes de tinta e o material sobre a mesa. Em seguida, dirigiu-se à caixa de areia e saltou para dentro dela com um movimento livre e espontâneo. Ali se deitou.
- Você quer tirar seus sapatos, Dibs? - perguntou-se. - Não - retorquiu. - E o que você quer fazer, Dibs? Decida-se! - continuou seu monólogo, virando-se e encostando o rosto contra a areia. - Não tenho pressa. Por enquanto, serei apenas eu! - Enterrou as mãos profundamente na areia, retirando dali alguns dos pequenos edifícios que haviam sido enterrados por outra criança. - Oh! estou descobrindo coisas na areia. Pequenos edifícios. Quinquilharias. Coisas. - De repente, foi até a extremidade oposta e começou a cavar na areia. Enfim, sua pá arranhou o fundo de metal da caixa. Dibs inclinou-se e apanhou um soldado de brinquedo. Levantou-o bem alto.

- Oh! Oba! Logo este homem! - exclamou. - Viu aqui? Viu este soldado? Foi este homem que enterrei sob minha montanha. Estou feliz por saber que ele esteve enterrado durante todas estas semanas! Agora vai voltar, senhor! Vai voltar! Voltar para sua sepultura! - Enterrou de novo o soldado de brinquedo e, enquanto fazia isso, cantava:
- Oh! Você conhece o homem de pão? O homem de pão, o homem de pão? Oh! Você conhece o homem de pão, Que jaz na Rua Tristonha?
Olhou-me e riu abertamente.
- Aprendi esta canção na escola - falou. - Agora cantarei para o homem enterrado:
- Oh! Você conheceu o homem de nada? O homem de nada, o homem de nada? Oh! Você conheceu o homem de nada? Ele mora na triste sepultura.
Dibs ria. Batia com a pá sobre a sepultura para dar mais ênfase ao que cantava.
- Não - falou muito casualmente, embora houvesse decorrido um considerável intervalo de tempo entre a formulação de minha pergunta e sua resposta. - Eu não converso muito com papai.
- Não conversa?
- Não.
- Por que não conversa?

- Não sei - respondeu Dibs. - Eu acho que é porque eu apenas não converso.
E cantarolou uma outra melodia.
- Aprendi esta também na escola - comentou.
- Você a canta na escola?
- Aprendi na escola, mas cantar só aqui, para você.
- Oh! - repliquei.
Em terapia, a formulação de perguntas é tão importante quanto a obtenção de respostas precisas e honestas. Freqüentemente, fico imaginando se algumas mudanças se têm processado no comportamento de Dibs na escola. Aparentemente, não tem ocorrido nenhuma transformação significativa, uma vez que os professores nada me relataram. Foi o que combinamos. Entretanto, Dibs vinha aprendendo no colégio, em casa, e em qualquer lugar aonde ia, ainda que se comportasse de um modo tal que sua aprendizagem não podia ser avaliada ou testada.
- Tire seus sapatos, Dibs - falou para si mesmo. E assim o fez.
Depois de tirá-los, encheu-os com areia, manipulando a pá com elaborados movimentos. Em seguida, tirou uma das meias, colocando areia em seu interior. Puxou o cano da outra meia, fazendo a areia penetrar pelo
espaço entre a meia e sua perna. Então, tirou a meia e enterrou o pé na areia. Atirou a areia sobre seus pés, até enterrá-los, assim como a
parte inferior de suas pernas.
De súbito, arrancou os pés da areia, saltou da caixa e abriu a porta da sala. Alcançou a tabuleta que ali estava pendurada. Retirou-a e
com ela nas mãos voltou para a sala. Fechou a porta e exibiu-a para mim.
- Que é terapia?
- Terapia? - perguntei, surpresa. - Bem, deixe-me pensar por um minuto. - Indagava-me por que me teria feito tal pergunta. Que explicação poderia representar uma resposta sensata?
- Diria que terapia significa essa oportunidade de vir aqui brincar e falar apenas sobre o que você deseja. É um período em que você pode ser da maneira que quiser ser. É um período que você pode usar do modo que mais lhe agradar. Uma hora em que você pode ser você. - Foi a melhor explicação que pude dar.
Dibs apanhou a tabuleta de minha mão e virou-a.
- Sei o que isso significa. "Não perturbe" quer dizer para todos que, por favor, deixem sozinhos os que estão aqui dentro. Que não incomodem. Não entrem. Não batam à porta. Deixem os dois serem. Este lado quer dizer eles estão sendo. E este lado diz deixe-os ser. É assim?
- Sim, Dibs. É isso mesmo.
Alguém caminhava no hall. Dibs ouviu seus passos. - Há alguém vindo para cá. Mas esta é nossa sala. Eles não entrarão aqui, não é verdade? - indagou.
- Não creio que entrem.
- Bem, esta sala é apenas para mim, não é? - perguntou. - Apenas para mim e para mais ninguém. Não é?
- É apenas para você durante este horário semanal, se você assim o

quer.
- Para Dibs e Miss A. - falou Dibs. - Não apenas para mim. Para você também.

106 107

- Para nós dois, então - falei.
Dibs abriu a porta.
- Colocarei a tabuleta em seu lugar de novo. E, assim, não nos incomodarão.
Antes de fechar a porta, Dibs a acariciou e, então, entrou com um sorriso feliz a brincar-lhe no rosto. Caminhou em direção ao cavalete.
- Dibs, agora que você já saiu da caixa de areia, não seria melhor calçar seus sapatos e as meias?
- É verdade - Dibs concordou. - Ainda mais por causa do sarampo. Mas, primeiro, colocarei as meias e depois os sapatos.
- Oh! Sim. Naturalmente. Eu disse sapatos e meias, não foi?
- Foi sim - Dibs confirmou, sorrindo. Depois de calçar suas meias e sapatos e dar o laço apertado e seguro, voltou a brincar na areia. -
Quando fiquei com sarampo, tive de ficar na cama. E eles desceram as persianas, e o quarto ficou tão escuro que eu não podia ler, desenhar ou escrever.
- E o que você fazia então?
- Ouvia discos que colocavam para mim. Mamãe contou-me algumas histórias. E como tenho muitos discos de histórias, ouvi-os todos, repetidas vezes. Mas gosto mais de meus discos de música.
- As histórias e as músicas devem tê-lo ajudado a passar o tempo, não foi?
- Mas, senti tanta falta de meus livros!
- Você gosta muito de ler, não é verdade?
- Oh! Sim. Muito, muito mesmo. E gosto de escrever histórias sobre o que vejo e o que penso. Também gosto de desenhar e pintar. Mas do que gosto mais é de ler.
- O que você gosta de ler? Que tipo de livros você tem?
- Oh! Tenho todo tipo de livros. Tenho livros sobre pássaros e animais e sobre árvores e plantas e rochas e peixes e pessoas e estrelas e climas e países e duas enciclopédias e um dicionário - meu dicionário ilustrado que tenho há muito, muito tempo. E ainda um outro dicionário gigante, que era de papai. Tenho diversas prateleiras compridas cheias de livros. Livros de poemas também. E alguns livros de velhas histórias. Mas os livros de ciência são os meus preferidos. Porém, mais do que qualquer um deles, gosto do cartão que você me enviou. Eles permitiram que o guardasse na cama comigo. Deixaram-me abri-lo. Mamãe deixou que eu o lesse em primeiro lugar e que o guardasse e o lesse muitas, muitas vezes.
- Imagino que você passa boa parte de seu tempo lendo, não é verdade, Dibs?
- É, sim. Todo o tempo livre de que disponho - respondeu. - Mas gosto. Gosto de ler sobre as coisas que vejo. Por outro lado, gosto de conhecer as coisas sobre as quais já li. Coleciono todas as espécies de rochas e folhas e classifico insetos e borboletas.

Pilhas e máquinas fotográficas também. Algumas vezes fotografo coisas no meu quintal. E na árvore em frente à minha janela. Acontece que minhas fotografias não são lá muito boas. Meus desenhos são melhores. Mas gosto muito mais de sua sala de brinquedos - acrescentou, balançando a cabeça.
- É do que você mais gosta? Mas essas coisas são bem diferentes, não?
- Sim - respondeu. - Muito diferentes.
- De que maneira são diferentes? - perguntei. Não pude resistir a prosseguir com esse tópico.
- Tal como você disse - afirmou Dibs, com toda a seriedade. - São muito diferentes.
Deixei-o continuar. Todos esses detalhes adicionais eram, de fato, interessantes, mas não podiam explicar de que maneira Dibs havia aprendido a ler, escrever e desenhar. De acordo com as teorias do conhecimento existentes, ele não deveria ser capaz de adquirir qualquer uma dessas habilidades sem o domínio básico da linguagem verbal e sem experiências adequadas à sua aquisição. No entanto, Dibs possuía essas habilidades em grau avançado.
O caminhão de toda semana chegou e estacionou em frente à janela da sala de ludoterapia. - Olhe lá fora da janela! - Dibs exclamou. Ficou a observar o homem que descarregava o caminhão, até que ele entrou no caminhão e partiu. Abriu a janela e debruçou-se para olhar o caminhão até seu completo desaparecimento. Só então fechou a janela.
O sino da igreja começou a tocar. Dibs virou-se e olhou para mim.
- Ouça - pediu. - São quatro horas agora. Um Dois. Três. Quatro. Quantos minutos mais? - perguntou.
- Quinze minutos - disse.
- Oh!? - disse. - Contou nos dedos como um avaro, até quinze, lenta, trabalhosamente. - Quinze? Cinco minutos mais dez minutos? Dez minutos mais cinco minutos?
- Exatamente.

- Às vezes os minutos são felizes e outras são tristes. Há tempos tristes e tempos alegres.
- É verdade. Alguns minutos são tristes e alguns, felizes.
- Estou feliz agora - confessou.
- Está?
- Sim. Feliz.
Abriu a janela e debruçou-se nela.
- Oh! dia lindo! Oh! dia feliz! Com o céu tão azul. E pássaros voando. Oh! Você ouviu aquele avião. Oh! céu alegre! Oh! avião feliz! Oh! pássaro alegre! Oh! Dibs feliz! Oh! Dibs, que tem ramos de flores de salgueiro para plantar e para vê-los crescer! Oh! diga-me, o quanto você é feliz? - Virou-se e olhou-me. Então voltou para a janela aberta. - Tão feliz que vou novamente inclinar-me sobre a janela, antes que a feche! - exclamou.
- Quando os sinos tocarem outra vez, será o sinal de que nosso tempo terminou - avisei.
- Oh? - Aproximou-se de mim e rápida e silenciosamente tocou minha

mão. Encaminhou-se então para o cavalete. Arrumou os potes de tinta. Apanhou a caixa de animais de fazenda. Recolheu algumas peças para armar a cerca e examinou-as. - Vou construir uma linda fazenda - anunciou. Começou a cantar:
- Oh, farei uma fazenda. Oh, farei uma fazenda. Uma fazenda feliz, Para você e para mim.
Olhou para mim.
- Quantos minutos faltam? - perguntou. Escrevi o número cinco em um pedaço de papel que levantei no alto, para que ele pudesse visualizar. Dibs olhou-o e sorriu. Segurou meu lápis, aguardou alguns segundos, escreveu um 4, esperou um segundo, então escreveu um 3, esperou outro segundo, escreveu um 2, imediatamente, esperou um segundo, escreveu um 1. - Está na hora de ir para casa, suspirou. - Apenas os sinos da igreja ainda não tocaram.
- Você está na frente dos sinos! - comentei.
- É verdade - disse. Olhou para baixo, para a cerca que montara no chão. - Viu? - disse, apontando para ela.
- Ah! Sim. É uma cerca comprida.
- Oh, diga! Não é comprida? - E voltou a cantarolar:

- Fiz uma cerca, Uma cerca tão comprida Cujo fim nem posso ver. Por que uma cerca? Onde está a cerca? Não quero uma para mim.
Dibs ria.
- Vou pôr os animais dentro da cerca - anunciou.
Colocou um cavalo e uma vaca atrás dela.
- Agora esta vaca - disse, levantando-se para que eu a visse. - Esta vaca dá leite. É uma vaquinha amiga. Todas as vacas permanecem em fila, prontas para dar leite. - Então falou com voz aguda: - Fique em fila, vaca. Bem na fila. Está ouvindo o que lhe digo? Não se comporte como uma estúpida idiota!
Levantou o galo.
- Este é o galo - disse.
Os sinos começaram a tocar.
- Ouça, Dibs - falei.
- Sim - respondeu. - Uma hora. Três horas mais até as quatro.
- Sim, venha agora, Dibs. Será que você está tentando me fazer de boba? Não está na hora de ir para casa?
- Está sim - respondeu. - Mas vamos fingir.
- Fingir?
- Claro. Vamos fingir que é uma hora - sugeriu.
- E você imagina que fingindo mudaria de fato o tempo?
- Bem, isso não. Mas há dois tipos de fingimento - replicou.
- E quais são eles?
- Bem, o fingimento que é correto praticar e o fingimento que faz as pessoas passarem por tolas - explicou, levantando-se e dirigindo-se a mim. - E algumas vezes essas duas formas se misturam tanto, que você não pode dizer onde acaba uma e começa a outra. Estou indo agora para o consultório do médico. De fato, estávamos a caminho do consultório médico quando viemos para cá. No entanto, viemos para aqui primeiro, porque eu queria muito vir e mamãe achou que estava bem, porque disse que lhe havia

perguntado se você já tinha tido sarampo e sua resposta foi que sim. Mas talvez o médico não me tivesse permitido - continuou, vestindo o casaco e o chapéu. - Mas estou bem - reafirmou. - E não posso passar o sarampo para ninguém

agora - falou sorrindo. - Até mais! Espero vê-la na próxima quinta-feira. - E saiu.
Dibs foi embora e eu fiquei com minhas interrogações e as inferências que poderia extrair de parte dessa conversa com Dibs. Ele parecia mais tranqüilo em seu relacionamento com a mãe. Havia indicações de que Dibs estava sendo tratado com mais consideração, respeito e compreensão, em sua casa. Mesmo "papai" parecia estar permitindo que suas potencialidades humanas desabrochassem. Mas estariam eles modificando-se para melhor entender Dibs? Ou seria Dibs quem havia mudado em sua capacidade de relacionar-se com os pais e por isso podia aceitar a aproximação de ambos mais naturalmente?
Sem dúvida, eles haviam providenciado amplo e variado material para alimentar a aguçada capacidade intelectual de Dibs. Certamente, seus pais tentaram comunicar-se com ele e ensinar-lhe o que julgavam importante. Era dificílimo compreender como eles podiam sentir que seu filho era retardado mental, quando o material que lhe davam ia muito além da capacidade média de uma criança na faixa etária de Dibs.
Certamente devem ter pressentido que os problemas de Dibs não eram causados por falta de capacidade intelectual. Entretanto, por que Dibs ainda mantinha esses dois tipos de comportamento: um tão talentoso e superior e outro lamentavelmente deficiente?

Capítulo XIII

Dibs parecia completamente feliz quando retornou à sala de ludoterapia na semana seguinte.
- Mamãe deverá apanhar-me um pouco mais tarde hoje - disse.
- Sim, eu sei. Ela me disse.
- Ela tem algumas coisas a resolver e disse que deveria esperá-la aqui. Disse que combinou isso com você.
- Está tudo certo, Dibs.
Caminhou pela sala com um sorriso no rosto.
- Acho que vou cantar - anunciou.
- Se você quer cantar, cante - repliquei. Ele riu.
- E se quiser ficar quieto, fico quieto! - exclamou. - E se quiser pensar, apenas penso. E se quiser brincar, eu brinco. É assim, não?
- Sim, Dibs.
Aproximou-se do cavalete e observou atentamente as tintas. Pegou o pote de tinta azul. Começou a cantar, e enquanto cantava levantava o pote de tinta e balançava-o ritmicamente de um lado para outro.
- Oh tinta! Oh tinta tão azul! O que, oh, o que você pode fazer? Você pode pintar um céu. Você pode pintar um rio. Você pode pintar uma flor. Você pode pintar um pássaro. Todas as coisas são azuis, Se você as faz azuis. Oh tinta azul, oh tinta, tão azul!

Encaminhou-se para mim com o pote de tinta nas mãos.

- Ela vai entornar. Ela vai manchar. Ela vai derramar. Ela vai escorrer. Minha linda tinta azul, ela vai.
Continuou cantando as palavras que criava enquanto prosseguia.
- É uma cor movimento. Ela balança e balança. Oh azul! Oh azul! Oh azul!
Balançava o pote de tinta para a frente e para trás enquanto cantava. Recolocou-o no cavalete e apanhou o pote de tinta verde.
- Oh tinta verde! Tão verde! Você é calma e agradável, A meu redor na primavera, A meu redor no verão. Nas folhas, na grama, nas colinas. Oh verde! Oh verde! Oh verde!
Guardou a tinta verde e pegou o pote de tinta preta.
- Oh preto! Oh noite! Oh, terrível escuridão. Vem a mim de todos os lados. Oh sombras e sonhos, E tempestades e noite! Oh preto! Oh preto! Oh preto!
Recolocou o pote e pegou a tinta vermelha. Trouxe-a para mim, levantou-a, segurando-a com ambas as mãos. Dessa vez enfatizava cada palavra:
- Oh vermelho, tinta zangada. Oh tinta que se aborrece. Oh sangue tão vermelho. Oh ódio. Oh loucura. Oh medo. Oh lutas barulhentas e viscosas de sangue! Oh ódio. Oh sangue. Oh lágrimas.
Pouco a pouco foi baixando a tinta vermelha. Em silêncio, fixou-lhe o olhar. Suspirou profundamente antes de colocá-la no cavalete. Pegou, então, a tinta amarela. - Oh vil cor amarela - disse. - Oh cor zangada. Oh grades na janela que mantêm as árvores distantes. Oh porta fechada a chave. Eu te odeio, amarelo. Cor abjeta. Cor das prisões. Cor dos abandonados e amedrontados. Oh mesquinha cor amarela. - Recolocou-a sobre o cavalete.
Dirigiu-se à janela e olhou para fora. - Que dia lindo está hoje - comentou.
- É verdade - respondi.
Durante um longo tempo, Dibs lá permaneceu olhando para fora da janela. Sentada perto, imaginava por que havia ele projetado aquelas associações com as cores das tintas. Por que teria mostrado ligações tão negativas com o amarelo? Voltou para o cavalete. - Esta tinta turquesa é nova - disse.
- É, sim, Dibs.
Colocou duas folhas grandes de papel no cavalete e cuidadosamente mexeu a tinta turquesa com um pincel. Em seguida, levou o pincel à pia e sobre ele deixou correr a água. - Oh, veja! A água tornou-se azul. - Vedando a passagem da água com as pontas dos dedos, fez correr jatos de água por toda a sala. - A água sai, sai, sai - gritava e ria. - E eu, Dibs, posso fazer da água uma fonte e tornar azul a cor da água.
- Eu vi. Você pode.
O pincel caiu inesperadamente de sua mão e foi logo absorvido pelo escoadouro da pia. Imediatamente, Dibs tentou alcançá-lo, mas não o conseguiu. Já estava no meio do cano. - Bem - exclamou. - Que bonito desfecho! Não posso mais pegá-lo. Ele lá se foi, bem para baixo, fora do alcance de minha vista. Mas está no cano. Em sua

parte mais funda. Abriu as portas do armário sob a pia e examinou o cano. - Muito mau - comentou, rindo.
- Sim. O pincel está no meio do encanamento.
Voltou, então, a brincar com a água, fazendo-a girar em todas as direções. Apanhou a mamadeira e encheu-a. Tentou colocar-lhe o bico, mas a excessiva umidade, tornando a superfície escorregadia, dificultava a tarefa. Mordeu e apertou com os lábios o bico. Deixou a mamadeira na pia, em tal posição que a água corrente a mantinha sempre cheia. Depois, colocou o frasco bem em cima do escoadouro e logo a água começou a encher toda a pia. Abriu então a torneira de água potável, pôs nela o bico da mamadeira e baixou o

rosto para molhá-lo. - A água está saindo - anunciou. Lave. Lave. Lave. - Pegou dois potes de tinta vazios e sujos e colocou-os na pia.
Entretanto, um conjunto de pratinhos de plástico, que estavam na prateleira, pareceram a Dibs mais apropriados para sua atividade. E a
segunda opção substituiu a primeira. Ou melhor, uma escolha completou a outra. É que ele havia entornado as sobras de tinta sobre os pratos. Ao verificar o efeito, pulou, aproximando-se de mim e expressando sua decisão.
- Lavarei a louça! Eles estão nadando e ficando molhados. Tudo está molhado. E tudo fica salpicado de água! Onde está o pano de prato? E o escorredor de louça? E o sabão? Que boa água brincalhona que espirra! Que divertido!
- Você está gostando da brincadeira, não é, Dibs?
- Estou, sim. A água está subindo. Tudo está ficando molhado. Alguns pratos permanecem de cabeça para baixo, outros, para cima. Dê-me sabão. - Forneci-lhe um pouco de sabão, o pano de louça e uma toalha. Ele lavou tudo com muito cuidado. Enxaguou-os e enxugou-os.
- Já viu algum dia louças tão belas? Até parecem as que vovó me enviou pelo correio.
- Oh! E sua vovó mandou algumas louças como estas pelo correio?
- Foi, sim. Havia ido visitá-la e quando voltei para casa vovó se esqueceu de empacotar meus animaizinhos. Então, ela resolveu remetê-los para mim. Colocou junto uma surpresa. Louças parecidíssimas com estas. Lindas, exatamente como estas.
- Você gostou de sua vovó ter-lhe enviado uma surpresa, não foi?
- Oh! Claro! E no dia 12 de maio vovó virá para nossa casa! - falou com olhos brilhantes a fitar-me e um grande sorriso no rosto. - Vovó vem para nossa casa! Que alegria! - exclamou. - No dia 12 de maio vovó virá para nossa casa.
- Penso que a perspectiva dessa visita o faz sentir-se muito feliz. Você ficará contente em ver a vovó, não é mesmo?
- Certo - confirmou. - E tão, tão feliz, que posso explodir.
Tornou a cantar:
- Para Dibs, com o amor da vovó Para Dibs, com amor, com amor. Vovó vem! Vovó vem! Vovó está vindo para casa Com amor!

Bateu palmas, entusiasmado.
- Vou dar uma festa. Exatamente agora - comentou, enquanto dispunha as xícaras em fila e as enchia com água. - Para cada criança uma festa. Para todas as crianças uma bebida especial. Estou organizando uma festa e deverão vir muitas crianças.
- Você fará uma festa para as crianças agora?
- Sim. Crianças. Muitas crianças amigas. Haverá sete crianças em minha festa - deliberou, contando as xícaras.
- Você convidará sete crianças para sua festa?
- Bem, serão seis convidados e Dibs - replicou.
- Oh. Seis crianças e você entre elas.
- Isso mesmo. Seis crianças e mais Dibs somam sete crianças.
- Está certo.
Nessa brincadeira Dibs expressava seu desejo de ser uma criança entre outras.
A mamadeira que ele usara para vedar o ralo da pia deslizou. A água borbulhava. Dibs riu. - Que barulho gozado - comentou. - São quatro horas. Está ficando escuro. Está ficando tarde. Vou jogar a água que está nas xícaras fora. Colocarei uma nova para a festa. É hora de preparar as bebidas. - Encheu a jarra de plástico com água e derramou cuidadosamente um pouco em cada uma das xícaras, cantando como antes. - Oh, xícara número um, aqui está água para você. E xícara número dois e xícara número três. Cuidado para não derramar. Mas pode deixar respingar. Xícara número quatro e cinco e seis. Depoi a sete, com um jorro. Transbordou! Transbordou! Transbordou! Água por toda a pia. Água pelo chão. Água por toda parte! - Voltou a encher a jarra e derramou
água dentro da pia, no chão e na mesa. E, como ele mesmo falou, água por toda parte. Mas ele se deleitou com cada pingo e cada minuto daquela atividade.
Encontrou mais duas outras xícaras de plástico. - Oh! mais duas xícaras - exclamou com alarido. - Serão nove crianças participando de minha festa. Teremos uma festa com chá. E distribuirei chá para todos. Agora, esvaziarei todas as xícaras para prepará-las. Teremos uma festa com

chá - repetiu, derramando mais água. - Quantos minutos mais?
- Oito minutos.
- Será um chá de oito minutos - anunciou. - Usaremos nosso melhor aparelho de chá hoje. - Seu tom de voz mudou. Tornou-se retraído e distante. Imitava com perfeição a inflexão precisa e a entonação de voz de sua mãe. - Se vai haver um chá, devemos organizá-lo corretamente - afirmou. - Sim. Haverá chá. Um pouco de chá em cada xícara e, depois, leite. Esta é uma quantidade muito grande de chá - disse. - Apenas um pouquinho em cada xícara. Se você quiser um pouco mais de água, não há problema. Mas não mais chá. Não adianta argumentar - declarou, colocando água às colheradas nas xícaras. - A xícara seis está com chá demais - concluiu com um tom severo na voz. - Por favor, retire um pouco do chá da xícara seis e siga minhas instruções mais atenciosamente. E esta quantidade de açúcar é suficiente para crianças. Suficiente açúcar. E não é preciso

repetir tudo o que digo. Se você quer chá, sente-se quieto junto à mesa e espere até que cada um seja servido. Pode servir-se de um pedaço de torrada com canela. E não fale com a boca cheia.
Dibs arrumou a mesa. Puxou a cadeira para sentar-se. Suas atitudes tornaram-se humildes, submissas, quase passivas. Segurou a jarra de água e, vagarosamente, movimentou-se em volta da mesa, e, com delicadeza, colocou uma pequena quantidade de água em cada copo. - Um pouco de chá em cada xícara - insistiu num tom moderado e preciso. - Há muito chá na xícara três. Tirarei um pouco - afirmou, enquanto jogava um pouco da água fora. - Você deve colocar pouco açúcar em cada xícara. - Encarregou-se pessoalmente de servir. Uma segunda jarra ficou sendo a leiteira. Uma pequena colher de areia era acrescentada cuidadosamente como se fosse açúcar. - Segure a colher de açúcar com cuidado, Dibs - recomendava-se. - A xícara seis tem chá demais. E isso deve ser corrigido. Cuidado com o açúcar. As crianças não devem comer tanto açúcar. Tire o cotovelo da mesa. Se houver qualquer outra confusão aqui, você irá para seu quarto. Trancarei você em seu quarto.
Dibs sentou-se diante de uma das xícaras. Suas mãos estavam cuidadosamente colocadas na borda da mesa.
- Você deve comer a torrada com educação, Dibs - continuava, intransigente, a observar.
Tentando alcançar o prato de torradas situado do outro lado da mesa, Dibs derrubou uma das xícaras. Num salto, levantou-se da mesa, com uma expressão de medo no rosto.
- Acabou a festa - vociferou. - Não teremos mais festa. Derramei o chá. - Rapidamente esvaziou as xícaras, recolocando-as na prateleira.
- A festa terminou porque você entornou o chá?
- Estúpido! Estúpido! Estúpido! - gritava.
- Foi um acidente - eu disse.
- Pessoas estúpidas provocam acidentes - respondeu aos gritos e com lágrimas nos olhos. - A festa está terminada. Todas as crianças já
foram embora. Não haverá mais festa - confirmou com voz entrecortada pelo choro. - Foi um acidente, mas a festa acabou - disse.
- Isso assustou você e o fez sentir-se infeliz - falei.
O garoto que ocasionou o incidente foi mandado de castigo para seu quarto?
Caminhava em volta da sala torcendo as mãos.
- Foi, sim. Claro. Ele deveria ter sido cuidadoso. Que estupidez a dele, ser tão desastrado - acrescentou, dando pontapés na cadeira.
- Não queria uma festa - gritou. - Não queria nenhuma outra criança por perto.
- Você fica zangado e triste quando algo assim acontece - falei.
- Vamos para seu escritório - disse, aproximando-se de mim. - Quero sair daqui. Vamos embora. Eu não sou estúpido!
- Não, você não é estúpido.
Fomos para meu escritório. Dibs sentou-se numa das cadeiras, em silêncio. Depois olhou-me com um sorriso no rosto.
- Desculpe - falou.
- Desculpar? Por quê? - perguntei.

- Porque derramei o chá. Fui descuidado e não deveria ter sido.
- Você acha que poderia ter sido mais cuidadoso?
- Sim - respondeu Dibs. - Poderia ter tido mais atenção, mas não sou estúpido.
- Você pode ter-se descuidado, porém não é estúpido.
- Certo. Isso mesmo - concordou com uma expressão suave e alegre no rosto.
Dibs havia superado com êxito essa tempestade. Havia descoberto em si mesmo a força necessária para enfrentar meus sentimentos feridos.
- Vou escrever uma carta - anunciou. Apanhou

papel, lápis e começou a escrevê-la, à medida em que soletrava em voz alta cada palavra que escrevia.
"Querido Dibs
Lavei o aparelho de chá e tampei o ralo da pia. Fiz uma festa.
As crianças estiveram lá. Beijos Eu."

Olhou meu calendário de mesa e puxou-o em sua direção. Folheou página por página até chegar ao dia 8 de abril. Desenhou um círculo em volta do 8 e escreveu seu nome.
- Oito de abril é o dia de meu aniversário. - Continuou a folhear até encontrar a data do aniversário de sua mãe. Assinalou-a escrevendo "mamãe". Em outro dia registrou "papai" e, depois, em outra folha, "Dorothy". Voltou para a página onde havia escrito "papai" e nela acrescentou "vovó".
- O aniversário de papai e de vovó são no mesmo dia.
- Ah, são?
- São - respondeu. - Há apenas uma diferença: um é mais velho que o outro.
- Qual é o mais velho?
- Vovó! - replicou com um tom de surpresa na voz. Vinte e oito de fevereiro. E este aqui. O aniversário de Washington, também.
- No dia 28 de fevereiro?
- Não, Washington nasceu no dia 22. Mas do mesmo mês. Dibs baixou o olhar para o calendário. - Creio que vou apagar este aqui -falou , apontando para o registro referente ao pai.
- Vai apagar?
- Não - retorquiu com um suspiro. - Deve permanecer assim, porque é seu aniversário.
- Mesmo que você o queira lá ou não, esse é o dia de seu aniversário, não é?
- Sim - respondeu Dibs. - E ele precisa disso.
- O que você quer dizer?
- Ora, ele precisa disso. Eu preciso disso.
- Oh - comentei.
Continuando a virar as páginas, descobriu uma folha em branco.
- Posso retirar esta? - perguntou.
- Sim. Se você quiser.
- Então vou arrancar. Afinal de contas, não existem dias em branco. Todos têm um número e um nome e pertencem a alguém.

- Realmente?
- Claro - afirmou. - Não há um só dia que não pertença a uma pessoa. - Folheou até o dia 23 de setembro.
- Devo me lembrar que este é o primeiro dia do outono.
- Escreveu nesta data o seguinte: "Bem-vindo, outono".
Em seguida, observou meu fichário e perguntou: - Meu nome consta de seu fichário? Será que aqui haverá um cartão com meu nome, como o meu médico tem?
- Por que você não procura e verifica?
Dibs olhou os cartões, arquivados segundo a letra inicial dos sobrenomes. - Não. Não está aqui - concluiu. - Vou procurá-lo nos nomes que começam com D. Talvez você tenha arquivado na letra D. Deveria ter escolhido meu sobrenome, mas vou procurar Dibs.
- Procure e veja - falei. Ele o fez. No entanto, seu nome não estava no fichário.
- Não está lá.
- E você quer que ele figure aí?
- Quero - replicou, decidido.
- Por que você não o coloca lá, então?
Escolheu um cartão em branco, escreveu cuidadosamente com letras de forma seu nome, endereço e número de telefone. Em seguida, classificou-o corretamente no índice, considerando a inicial de seu último nome. Continuou seu trabalho, preenchendo outra ficha com meu nome, completando o espaço destinado a meu endereço com "Sala de Ludoterapia". Perguntou-me qual o número do telefone do Centro e registrou-o. Inseriu o cartão entre os classificados sob a letra A.
O sino da igreja tornou a repicar e Dibs levantou-se e olhou para fora da janela. Observou o crescente fluxo de pessoas em direção à entrada do metrô. - Está quase na hora de jantar. As pessoas já vão voltando do trabalho. Terminando o trabalho, voltam para casa. Do trabalho para casa. Do trabalho para casa. Vão na direção leste porque retornam do trabalho para casa. Vão jantar. Amanhã, estarão de volta ao trabalho. E tomarão a direção oeste pela manhã, de volta ao trabalho.
- É o que acontece diariamente.

- Todas as pessoas estão indo para casa para jantar, para dormir. Todas na direção leste. E quando voltarem amanhã para o trabalho, tomarão a direção oeste.
- Sim, se eles vêm de metrô ou de ônibus. Agora estão voltando para casa. Provavelmente, de manhã retornarão ao trabalho.
- É isso. Vão e voltam. Dia após dia. Todos os dias. Torna-se monótono.
Dibs permaneceu ali em pé, olhando pela janela durante longo tempo. Virou-se depois e, fitando-me, perguntou:
- Onde está mamãe?
- Ainda não chegou. Tocarão a campainha para avisar-nos quando ela chegar.
- Eles farão isso?
- Sim.

- Você tem a certeza de que irá acontecer isso?
- Tenho sim, Dibs.
- Alguém disse que eles deveriam tocar a campainha quando ela chegasse?
- Sim. O que você acha?
- Eles nem sempre fazem o que prometem... - acrescentou.
- Você sente que algumas vezes espera que alguma coisa aconteça e fica desapontado quando não dá certo?
- Sim - replicou. - Pode acontecer. Mas se você diz que acredita, há algo mais que devo fazer.
- O que você deve fazer?
Dibs puxou o calendário para perto dele, folheou-o até colocá-lo na data daquele mesmo dia. - Este é hoje - anunciou. - Porei um grande xis nele.
- Um xis no dia de hoje. Por quê?
- Porque este é meu dia mais importante.
- Por que hoje é um dia importante para você?
- É meu dia mais importante - respondeu com muita seriedade. - Eu sei.
Folheou displicentemente o calendário. - Este é o dia da Páscoa - comentou, indicando corretamente a data.
- Certo, Dibs.
- Será um dia lindo!
- Realmente?
- Claro! Páscoa. Muitas flores e igreja. Não é assim?
- É sim, Dibs.
A campainha soou.
- Como você disse -, observou, apontando para a porta.
- Sim. É sua mãe, agora.
- Eu sei - disse. - Até logo. - Veio até mim, tocando minha mão com timidez. - Até logo, Miss A. - disse.
Fomos juntos até a sala de espera. Sua mãe cumprimentou-me amigavelmente, descontraída. Dibs permaneceu a seu lado tranqüilamente.
Logo que ia deixando o Centro, sua mãe falou: - Diga até logo a...
- Até outra vez - Dibs interrompeu-a para dizer formal e mecanicamente.
- Ele já se havia despedido de mim, em meu escritório - disse à sua mãe.
- Até outra vez! Adeus, de novo, Miss A. - Dibs exclamou com entusiasmo. - Feliz até-logo.

Capítulo XIV

Estava na sala de recepção quando Dibs e sua mãe chegaram na semana seguinte. Eu usava um vestido de seda estampada.
- Veja, mamãe! - Dibs exclamou. - Que vestido lindo Miss A. está usando. Não é bonito? Não acha lindo?
- Oh, sim! É, de fato, um vestido muito bonito.
- Cores! Lindas cores.
Essa era uma chegada bem diferente da habitual. Sua mãe sorria.
- Dibs insistiu em trazer um de seus presentes de aniversário para

mostrar-lhe. Não há problema?
- Absolutamente, não. Se ele quis trazê-lo, está tudo bem.
- Bem, ele quis - disse ela. - Ele pode explicar a você, na verdade estou começando a acreditar que Dibs tem todas as respostas -acrescentou com um inconfundível tom de orgulho na voz.
Dibs ansiava para chegar à sala de ludoterapia. Carregava uma caixa grande, aparentemente seu presente de aniversário. Entrou antes de mim. Segui-o. Sentou-se na beirada da caixa de areia e desembrulhou o presente.
- Estou aqui -avisou. - Estou aqui.
- Está bem. Fique à vontade, como se estivesse em sua casa.
- Em minha casa, não. Na sala de brinquedos.
- Certo. Fique bem à vontade na sala de brinquedos.
Dibs caminhava pela sala, sorrindo, feliz.
- Eu fiz aniversário - disse.
- E foi um aniversário feliz?
- Sim - respondeu, voltando para o pacote. - Sabe o que é isto? É um conjunto internacional de códigos, com pilhas e tudo. Viu? Estes pontos e estes traços servem para transmitir mensagens em código. Você escreve com pontos e tracinhos e envia sua mensagem. Não há letras, apenas código. - Enquanto Dibs movimentava o brinquedo, a bateria se soltou. Rapidamente, ele a recolocou. - Estas pilhas saltam sem razão. Não se ajustam muito bem. Está ouvindo um pequeno barulho que ressoa quando pressiono a chave? É a mensagem. Não é bonito?
- Sim, Dibs. É muito bonito.
- É muito, muito interessante.
Dibs renovou a demonstração. Pressionou a chave e soou a mensagem.
- Viu como funciona? É um conjunto de códigos internacionais e ninguém pode ler, a menos que conheça o código.
- Estou vendo.
Um caminhão movimentou-se fora, além da janela. - Vá ver o caminhão, Dibs - falou, voltando a seu antigo modo de expressar-se. - Você abre a janela, Dibs. - Abriu a janela e olhou para fora. - Oh, o caminhão foi - disse.
- Já foi?
- Sim. Aí vem outro caminhão. - Outro caminhão entrou e estacionou. Dibs olhou-me e sorriu. Talvez aquele seu retrocesso para o linguajar de bebê fosse um alívio para a pressão das expectativas despertadas nele pelo presente de aniversário. - Aqui está o caminhão. Parado. Movimenta-se. Volta agora. O motorista salta e carrega alguma coisa. Quatro caixas empilhadas uma sobre a outra. Retorna ao caminhão e apanha mais quatro grandes caixas. Vai para dentro.
Dibs inclinou-se no peitoril da janela e observou o caminhão. Voltou o rosto por sobre seu ombro e relanceou-me um olhar.
- Que caminhão enorme! Sua cor é de um vermelho carregado. Está cheio de caixas. Não sei o que contêm, mas o caminhão está cheio delas. O homem entra e sai da carroceria. Carrega as caixas para dentro... do prédio. Vai e volta. Entra e sai. Sempre levando coisas.
Duas jovens colegiais com seus livros passaram perto da janela. Levantaram o olhar para ver Dibs, que se inclinava sobre a janela.

- Olá! - uma delas falou, dirigindo-se a Dibs.
Ele ignorou-a.
- Falei olá - a garotinha insistiu num tom mais alto. Dibs continuou ignorando-a.
- Você não pode dizer olá? - perguntou-lhe. - Você não pode falar? Que há de errado com você? Será que o gato comeu sua língua?

Dibs não disse uma palavra. Permaneceu na janela, olhando-as em silêncio. Quando elas desapareceram de sua vista, ele falou:
- Eu as vejo passando. Mas não falo com elas. Lá vai o homem no caminhão. Não falei com ele. Lá vai uma mulher descendo a rua. Não falo com ela. Não digo uma palavra a nenhum deles. Lá vai o caminhão. Até logo, caminhão!
- E o veículo partiu com um barulho de motor.
- Você não pode dizer olá? Você não pode falar? - Dibs repetiu imitando a voz da garota. Fechou a janela com uma forte batida e virou-se, fitando-me com os olhos ardendo de raiva.
- Não quero dizer olá! Não quero falar com elas! Não conversarei - vociferou.
- Bem, você pode vê-las e ouvi-las. Entretanto, suas perguntas feriram seus sentimentos e você não quer conversar com elas.
- É justamente isso - concordou. - As pessoas são assim e não gosto de falar-lhes. Mas converso com o caminhão. Digo-lhe até logo!
- Um caminhão não pode dizer nada para magoá-lo, não é verdade?
- O caminhão é bonito - acrescentou.
Encaminhou-se para a caixa de areia e sentou-se em sua borda.
Revolveu a areia com os dedos. Reencontrou o soldado de brinquedo e segurou-o firmemente por um longo tempo, fitando-o. Voltou em seguida para a areia, cavou com suas mãos um buraco e enterrou o soldado. Sobre o monte de areia colocou um caminhão de brinquedo. Sem nenhuma palavra, elaborou essa forma de afirmação dramática de seus sentimentos.
Apanhou então um pequeno balde de areia, uma tigela de plástico, uma colher e uma peneira. Dispôs todos esses objetos sobre a mesa.
- Agora, vou fazer bolinhos e biscoitos - avisou. - Hoje será um dia de biscoitos e vou preparar alguns bem especiais. Descansarei minha cabeça das preocupações - afirmou, medindo e misturando a farinha na tigela. - Colocarei trigo, açúcar e manteiga. Vou peneirar toda a farinha. Peneirá-la três vezes. Desse modo, Dibs, ela ficará mais leve. E os biscoitos ficarão mais saborosos. Acrescentarei gordura. A manteiga é, algumas vezes, chamada de gordura. Bem, há várias outras coisas também
chamadas de gordura. Como banha, margarina e óleos vegetais - explicou, absorvido em seu faz-de-conta.
Continuou acrescentando o líquido, que significava ali o leite, conforme explicara.
- Você observou que acendi, já há algum tempo, o forno para que ele possa estar pré-aquecido para receber a massa pronta? Pré-aquecido significa torná-lo quente antes do tempo. Então, posso apanhar os cortadores de biscoito. Há uma grande variedade de

formas. Estes têm a forma do coelho. Estes aqui, de estrelas. Estes outros, de pequenas abóboras. Você tem uma forma preferida? Se tem, diga-me ou simplesmente coloque-a de meu lado direito. Queria saber se você está compreendendo o que estou falando. Você entende de cortadores de biscoitos? Gostaria que desse a forma de coelhinhos aos biscoitos? Agora, vou estender a massa com este rolo, e então poderei cortar com a forma que você escolher.
Na verdade, a mistura não formava uma massa compacta. Percebendo isso, dirigiu-me um rápido olhar, afirmando que uma verdadeira massa esticaria melhor.
- Mas vou fingir que esta também se espalha bem. E vou cortá-la em forma de coelhinhos. Colocarei a massa na assadeira e lá mesmo vou cortá-la. Bem, se fossem biscoitos de verdade, deveria cortá-los primeiro, para colocá-los depois na assadeira.
- Estou vendo, Dibs.
- Pronto! Agora é só colocá-los no forno pré-aquecido - disse, executando seu plano no forno de brinquedo. - Agora vou me sentar e esperar que os biscoitos assem. - Sentou-se na borda da caixa de areia e desamarrou os cadarços dos sapatos. Tirou-os e então arrastou-se na areia e cantou:
- Oh, biscoitos, assem. Enquanto fico aqui sentado. Oh, biscoitos, assem. Enquanto tiro minhas meias. Enquanto derramo areia sobre meus pés. Enquanto conto os dedos de meus pés. Um, dois, três, quatro, cinco, Cinco dedos em um pé. Oh, o que vem depois do um? O que disse a você? Pense. Pense. Pense. Farei tudo de novo. Olhe-me e ouça-me:

Um, dois, três, quatro, cinco. O que foi que eu disse? Você é quem diz agora.
Um. Um. Um. O que foi que eu disse? Ouça de novo. Um, dois, três, quatro. Um. Um. Um. Ouça-me com atenção, Você, criança idiota, Um, Dois, Dois, Dois. Agora diga de novo. Um, dois, três, quatro, cinco. Certo. Certo. Certo. Um biscoito assado para você!
Dibs ria.
- Bem, cinco dedos em um pé e cinco mais no outro somam dez dedos nos dois pés. Você não consegue aprender nada? Ou você sabe e apenas não quer responder?
- Algumas vezes você sabe a resposta, mas simplesmente não deseja falar. É assim?
- Não sei quando conheço ou não a resposta - respondeu Dibs, verbalizando a confusão que freqüentemente o ameaçava. Deitou-se na areia e torceu de tal maneira o corpo até encostar os dedos do pé nos lábios. - Viu o que posso fazer? - perguntou exibindo-se. - Sou capaz de arquear-me o dobro do que fiz agora, e ninguém me ensinou a fazê-lo. - Rolou na areia. Ergueu-se, pulou e deixou-se cair novamente. Em seguida, correu para a mesa, apanhou a mamadeira e voltou para a areia. Então, ali deitado, mamou como um bebezinho. Fechou os olhos. - Quando eu era bebê... - disse.
Esperei, mas ele não continuou.
- Quando você era bebê, e então?
- Quando era bebê... - repetiu. De súbito, sentou-se. - Não. Não.

Não - disse. Retirou-se rapidamente da caixa de areia. - Eu não sou bebê. Nunca fui bebê.
- Você, de fato, não é bebê agora e não quer pensar que já o foi? - perguntei.
Dibs não respondeu. Atravessou a sala em direção ao cavalete.
- Há onze cores diferentes de tintas no cavalete - disse. - Cores diferentes, feitas com ingredientes diversos. Você sabia disso?
- É assim?
- Claro - respondeu. - Ele andava sem parar em volta da sala.
- Se você vai ficar fora da areia, não seria melhor, talvez, calçar as meias e os sapatos?
- É verdade. Meus pés estão frios. O piso está frio hoje - replicou.
Calçou as meias e entregou-me os sapatos e cadarços.
- Se precisar de sua ajuda, você me ajudará - disse. - Se não precisar, mas apenas quiser, você me ajudará.
- É assim que se pede?
- Sim - respondeu Dibs, sacudindo a cabeça.
Coloquei os cadarços nos sapatos e dei-os a ele.
- Muito obrigado - falou.
- Foi um prazer, Dibs.
- Você sentiu prazer em me satisfazer - exclamou eufórico, sacudindo os braços para cima e para baixo, cacarejando como um galo.
Ele ria.
- Oh, Dibs feliz! Vamos, prossiga, Dibs! Para a água. Para a pia.
- Ele pôs os sapatos, amarrou bem os cadarços e aos saltos alcançou a pia, abriu a torneira ao máximo. Apanhou a mamadeira, esvaziou-a e encheu-a de novo. A água esguichou fartamente por toda a sala. Dibs ligou então o bebedouro, mas vedou parcialmente a saída da água com o dedo, dirigindo um jorro pela sala.
- Fiz uma fonte d'água! - gritou. Suspendeu as mangas da camisa. Encheu a mamadeira e tentou colocar nela o bico, mas estava escorregadio. - Miss A. fará isso para você, Dibs - disse. - Miss A. não vai derramar.
- Você quer que o coloque para você?
- Sim - respondeu. - Sei que fará isso. - Dibs entregou-me a mamadeira e o bico, que ajustei para ele, devolvendo-lhe o frasco. Ficou em pé à minha frente, chupando a mamadeira, olhando-me fixamente.
- Você não me chama de idiota - disse. - Digo ajude, você ajuda. Digo não sei, você sabe. Digo não posso, você pode.
- E como isso o faz sentir-se?
- Assim - disse. - Eu sinto.
Olhou-me fixamente, com seriedade. Retornou à pia com a mamadeira, enchendo-a de água e esvaziando-a; a seguir, abria a torneira, espirrava água, e ria enquanto fazia a água transbordar pelo ralo da pia e pelo chão. - Faça uma poça d'água - gritava. - Faça uma verdadeira bagunça!
- Dibs viu um detergente em pó na prateleira sobre a pia. Subiu e apanhou-o.

- O que há nesta lata?
- Detergente em pó para limpeza.
Cheirou-o, pôs um pouco do pó na mão, olhou-o e, de repente, levou-o até a boca para prová-lo.
- Oh! não, Dibs! - exclamei. - Isso é detergente em pó. Não é bom para o paladar.
Virou-se e encarou-me friamente. Minha súbita reação havia sido incoerente.
- Como posso saber que gosto tem sem experimentá-lo? - perguntou com dignidade.
- Não conheço nenhuma outra maneira. Entretanto, não creio que você deva engoli-lo, pois não serve para isso.
Dibs cuspiu na pia.
- Por que não lava a boca com um pouco de água? sugeri. Ele concordou. Mas minha reação perturbou-o. Recolocou a lata de detergente na prateleira e lançou-me um olhar frio.
- Lamento tê-lo assustado, Dibs. Acho que nem pensei. Mas não pude vê-lo experimentar tal quantidade de detergente.
Dibs mordeu o lábio, e encaminhou-se para a janela. Seu sensível escudo estava pronto para entrar em ação imediatamente, quando seus sentimentos estavam feridos. Finalmente, voltou para a pia. Encheu a jarra com água e derramou-a na pia. Colocou as mamadeiras na água, fazendo umas baterem de encontro às outras. A água corria com força total. Dibs ria enquanto movimentava os frascos. Deixou cair um dos vidros, que bateu na torneira. - Podem quebrar e cortar! - gritou. - Você está com medo que me fira?
- Acho que você sabe como evitar isso - respondi, tendo aprendido a lição. - Dibs tirou as mamadeiras de vidro da água e nela jogou os
pratos plásticos.
- Mergulhem e aprendam a boiar - exclamou. - Xícaras, molheiras, pratos e pires, venham todos divertir-se com a água. Venham atirar-se! - Com um copo cheio, jogou água pela sala, gritando com alegria. - Recue, recue - ordenou-me. - Cuidado com seu vestido. Afaste-se e tome cuidado ou ficará molhada.
Recuei até um canto seguro e Dibs continuou a lançar a água.
- Nunca fiz uma bagunça tão maravilhosa quanto esta em toda a minha vida! - confessou. - A pia foi-se enchendo e a água já estava quase transbordando. - Veja só a água! - exclamou. - Daqui a pouco teremos uma cascata. Será uma queda-d'água. - Ficou parado diante da pia, olhando-a e pulando. Mergulhava os braços na água e punha as mãos molhadas para cima, respingando água no rosto.
- Oh! água molhada, molhada, tão fria e tão rápida! - Inclinou-se até que seu rosto tocasse a água. Quando a água começou a transbordar, fechou a torneira.
- Deixarei um pouco de água - anunciou. Mexeu vigorosamente as xícaras e pratos dentro da água. Jogou dentro as pequenas facas, garfos e colheres de plástico. - Estas coisinhas podem ir para o cano - afirmou, retirando-as. Deixou-as na beirada. - Isso é o suficiente - disse, tirando a tampa. A água começou a borbulhar enquanto descia pelo cano. Dibs abriu a torneira de água quente.
- Esta água é quente demais, Dibs - falei. - Use primeiro a água

fria.
Dibs arrumou os garfos, contando-os. Com rapidez, voltou a abrir a torneira de água quente e pôs seu dedo sob ela e retirou-o em seguida.
- Está quente! - exclamou.
- Você queria verificar por você mesmo. Agora você sabe - disse.
- Sim - Dibs concordou. - Quente demais.
Apanhou então a mamadeira que estava sobre a mesa colocou o bico na boca e começou a chupá-lo. Sentou-se na cadeirinha ao lado da mesa, desanimado e tomando a mamadeira. - Não sou muito grande - disse.
- Não é?
- Não, tenho apenas seis anos.
- Neste momento você não se sente muito grande, não é?
- Não - confirmou, continuando a chupar a mamadeira, olhando para mim. Finalmente, colocou-a sobre a mesa.
- Miss A. mora em um grande edifício de tijolo aparente. Sua sala é a número 17. Ela pertence a um lugar. E a sala 17 é a sua. E é minha também.
- Esta sala pertence a nós dois, não?
Concordou sacudindo a cabeça.
- E é um bom lugar para se estar.
E o seu escritório também. Vamos até lá. Levarei meu aparelho de mensagens comigo.
Fomos para meu escritório. Dibs sentou-se na cadeira junto à minha mesa. Examinou o novo quebra-luz, ligando-o. Abriu, então, a caixa do conjunto de códigos.
- Isto envia mensagens.
- Que tipo de mensagens?
- Mensagens de qualquer tipo - replicou. - Este

é o código para A. Este para B. Vou lhe mostrar o código para cada letra do alfabeto. - Ele acionou o botão correspondente a cada letra.
- Meus braços estão doendo - comentou. - É por isso que minha pele está áspera. Vou esfregá-la e massageá-la com um creme. Oh, veja que livrinho bonito - exclamou, pegando-o. - Já sei, é o Pequeno dicionário de Oxford. Devo procurar uma palavra nele. Vamos ver. F-e-r-m-e-n-t-o. Vou procurá-la e ler a definição para você. - Ele encontrou a palavra e leu a definição. - É o que se usa em pão. Gosto de procurar palavras no dicionário. Você entende o código? - perguntou.
- Se puder olhar a codificação descrita na tampa da caixa, não terei problemas.
Dando como certo que eu seria capaz de captar e decifrar sua mensagem codificada, Dibs inclinou-se sobre o papel e escreveu em código. Puxou o aparelho transmissor para mais perto e rapidamente registrou a mensagem.
- Está ouvindo? Ouviu bem? Entendeu a mensagem? - perguntou-me com ansiedade.
- Teria que olhar a descrição na tampa da caixa.

- Certo. Olhe, então. E não se esqueça de que esta é uma mensagem muito importante - avisou.
- Está bem, Dibs, acho que já entendi.
- Então, que diz a mensagem?
- "Eu sou Dibs. Eu sou Dibs. Eu sou Dibs."
- Ótimo! - gritou. - Exatamente! Agora, veja esta outra - exclamou, acionando os botões dos significativos estalos telegráficos.
- "Eu gosto de Dibs. Você gosta de Dibs. Ambos gostamos de Dibs" - li para ele a mensagem. Ele bateu palmas.
- Perfeito! - exclamou vitorioso. - Nós gostamos. Agora você escreverá qualquer coisa e eu transmitirei.
- Quantos anos tem você? - escrevi.
"Tenho seis anos", escreveu como resposta. - Há pouco tempo festejei meu aniversário. Gosto de mim. Você gosta de mim. Guardaremos estas mensagens.
Dobrou o papel no qual havíamos escrito nossas frases codificadas e guardou-o no fichário de acordo com o índice, colocando-o atrás do cartão com seu nome.
- Todas as fichas que estão na letra A pertencem a você. E todas as que se seguem a meu cartao pertencem a mim. Vou tirar todos os outros cartões daqui. Um para você. Outro para mim. E somente nossas fichas juntas ficarão nesta caixa. Nenhuma outra.
- Você quer apenas o seu cartão e o meu na caixa?
- Exato. Apenas nós dois. Mais ninguém.
Voltou a atenção para seu telégrafo em miniatura.
- Este é um aparelho interessante - disse. - Um presente de aniversário. Quem me deu foi mamãe. O de papai foi um laboratório de química. Dorothy deu-me um livro. E vovó enviou-me pelo correio um grande e lindo pião com música. E alguns confeitos e uma caixa de balões. - Ele ria. - Ela me mandou um ursinho no ano passado. Ele é meu bichinho de estimação.
- Você gosta de seu ursinho, não? Parece que você gosta de todos os presentes de aniversário - comentei.
- É verdade. E o cartão de aniversário também. Gostei do cartão. Gostei do cartão que você me mandou. Gostei de meu aniversário este ano.
- Fico contente por isso - falei.
- Está quase na hora de irmos, não é verdade? - perguntou virando o relógio em sua direção.
- Sim.
- Bem, terei três minutos para apenas isto - observou, entrelaçando os dedos sobre a mesa à sua frente, olhando os ponteiros do relógio. - Estou sendo feliz.
Quando o tempo se esgotou, Dibs apanhou o seu presente e saiu em direção à porta.
- Até logo, Miss A. - disse.
- Até logo, Dibs.
- Você fica aqui. Voltarei na próxima semana.

Capítulo XV

- Boa tarde! - Dibs saudou-me, logo que foi entrando na sala de brinquedos. - Um outro dia me traz de volta à sala mágica, onde faço tudo quanto tenho a fazer. Para hoje, planejei algumas coisas.
- Você tem planos para hoje? Bem, o que decidiu fazer?
Dibs caminhou pela sala, olhando a caixa de areia, estudando a casa de bonecas, pegando cada membro da família de brinquedo.
- Vejo papai aqui - disse. - E mamãe. E há a irmã e o menino. Todos estão nesta casa - comentou, recolocando-os nos seus devidos lugares. Dirigiu-se à janela, olhando para fora por um longo tempo, em silêncio.
- A família está lá na casa - comentei; então, acompanhei-o em seu silêncio, enquanto ele permanecia olhando fixamente para fora da janela.
Suspirou, enfim, profundamente. Ficou um pouco de lado e dirigiu-me um rápido olhar.
- Há tantas coisas no mundo - disse. - Apenas olhando por esta janela, posso ver tantas coisas maravilhosas. Árvores que crescem altas e fortes! Uma igreja que sobe em direção ao céu. Vejo pessoas passando. Todo tipo de pessoas! Vejo, ainda, automóveis e caminhões. E aquelas pessoas. Há gente de todo tipo. Algumas vezes sinto medo delas.
- Algumas vezes você sente medo das pessoas? - disse, esperando que ele se sentisse encorajado a continuar.
- Mas, outras vezes, não fico amedrontado diante delas. Não tenho medo de você.
- Você não sente medo quando está comigo? - comentei.
- Não - afirmou. E suspirou. - Não tenho medo agora, quando estou com você.
Caminhou até a caixa de areia, pegou um punhado dela e deixou-a cair por entre os dedos.
- A areia é útil para

muitas coisas - observou, enquanto com uma pá cavava um buraco. - Para enterrar as pessoas, por exemplo. Alguém deve ser sepultado nesta cova. Simplesmente deve ser enterrado!
- Oh! Alguém deve ser sepultado aí?
- Talvez não deva - acrescentou, voltando atrás quanto ao que afirmara.
- Você ainda não se decidiu?
Dibs abandonou a areia e atravessou a sala em direção à mesa, onde displicentemente apanhou alguns lápis de cor.
- Sou um garoto - disse lentamente. - Tenho um pai, uma mãe e uma irmã. Mas tenho uma avó e ela me ama muito. Sempre me amou. Mas papai não. Papai nem sempre me amou.
- Você se sente seguro quanto ao amor de sua avó, mas, às vezes, tem dúvidas quanto ao de seu pai? - insisti.
- Papai gosta mais de mim agora - falou, torcendo as mãos. - Papai conversa comigo.
- Você acha que seu pai o ama mais agora? - comentei. Sentia que a situação era delicada; qualquer "alfinetada" poderia fazer com que

Dibs se refugiasse em sua invulnerável defesa silenciosa.
- Um pouco mais - respondeu, esfregando as mãozinhas, como fazia sempre que se sentia agitado.
- Tenho um microscópio - disse. - Com ele vejo muitas coisas interessantes. Então, posso vê-las maiores do que são e conheço-as melhor. Algumas coisas que você pode ver no microscópio não seriam vistas sem sua ajuda.
Dibs havia escorregado, de novo, para o mundo seguro de sua intelectualidade. O microscópio era um objeto, e não havia por que temê-lo. Não havia nele sentimentos com que tivesse de se envolver.
- Há ocasiões em que você acha o microscópio interessante - disse.
Então, esperei. Ele apanhou um lápis de cor e fez alguns rabiscos sem sentido sobre o papel.
- Aqui estou seguro. Você não deixaria nada me ferir.
- Você se sente em segurança comigo. - comentei. Ele estava chegando ao conhecimento de algo importante para ele. Eu tinha de proceder com a máxima precaução para não interferir em seu caminho ou empurrá-lo para diante antes que estivesse pronto.
Aproximou-se da casa de bonecas, retirando os bonecos. Arrumou a mobília.
- A mãe está saindo para passear no parque. Como

ela quer ficar sozinha, resolveu caminhar entre as árvores, as flores e os pássaros. Vai ainda até o lago, olhar a água. - Ele movimentava a boneca-mãe através de seu parque imaginário. - Encontra um banco, senta-se para sentir o sol, pois ela gosta do sol. - Dibs recostou a mãe em um bloco e retornou à casa. Apanhou a boneca-irmã. - A irmã está indo para a escola. Eles fizeram suas malas e enviaram-na para longe de casa e ela vai para bem longe sozinha. - Dibs carregou a boneca-irmã para um canto distante da sala de brinquedos. Voltou para a casa de bonecas e pegou o boneco-pai.
- Ele está sozinho em casa. Está lendo e estudando, e ninguém deve incomodá-lo. Está sozinho. Não deseja ser incomodado. Acende seu cachimbo e fuma porque não pode decidir o que fazer. - Então, foi até o quarto do garoto e abriu a fechadura. - O menino abre a porta e sai correndo da casa, pois não gosta de portas trancadas. - Colocou o boneco não muito distante da casa. Dibs cobriu o rosto com as mãos e conservou-se imóvel durante alguns instantes. Suspirou profundamente e pegou o boneco-pai. - Então, papai vai também dar uma volta, pois não sabe o que fazer. Desce a rua e
há muitos carros e ônibus e o tráfego faz um barulho terrível e papai não gosta de barulho. Mas continua a sua caminhada em direção a uma loja de brinquedos. Quer comprar lindos brinquedos novos para seu garoto. Ele acha que talvez o menino goste de um microscópio. Então ele compra um e volta para casa.
Dibs levantou-se e deu alguns passos pela sala, olhando-me de quando em quando. Ajoelhou-se então junto à casa e apanhou o boneco-pai.
- Ele chamou e chamou o menino e este foi até ele correndo. - Dibs

colocou o menino ao lado do pai. - Mas o garoto correu tão depressa que chocou-se contra a mesa e quebrou o abajur. O pai gritou com toda a força que o menino era um idiota. Um garoto idiota, tolo e descuidado! "Por que fez isso?" perguntou, mas o menino não lhe respondeu. O pai ficou muito zangado e ordenou que o filho subisse para seu quarto. Disse que ele era um menino idiota, um tolo, e que tinha vergonha dele.
Dibs estava tenso, imerso na cena que representava. Olhou-me e deve ter sentido que eu estava tão mergulhada na experiência quanto ele.
- O garoto correu pela casa procurando um lugar para se esconder - disse Dibs num murmúrio. - Mas seu pai não percebeu o que acontecera. Então... - Levantou-se e com pressa atravessou a sala

em busca da boneca-mãe e trouxe-a de volta para casa. - Tendo terminado seu passeio, a mãe retornou a casa. O pai ainda estava muito zangado e contou à mãe o que o garoto idiota havia feito. E a mãe repetia: "Oh, meu bem! Oh, meu bem! O que há com ele?" Então, de repente um menino gigante apareceu. Era tão grande, que ninguém poderia machucá-lo. - Dibs levantou-se. - Esse garoto gigante olhou a mãe e o pai, que conversavam, e ouviu todas as palavras de zanga que diziam. Então, decidiu dar-lhes uma lição. Passou por todas as janelas e portas e trancou-as muito bem. Assim, os dois não poderiam sair da casa. Estavam ambos trancados.
Olhou-me, e seu rosto estava pálido mas cheio de alegria.
- Viu o que está acontecendo? - disse.
- Sim. Estou acompanhando os acontecimentos. O menino gigante trancou o pai e a mãe dentro da casa.
- Então o pai disse que ia fumar seu cachimbo e apanhou a caixa de fósforos e acendeu um palito e deixou-o cair no chão e a sala pegou fogo. A casa está pegando fogo! A casa está em chamas! E eles não podem sair. Estão trancados dentro da casa e o fogo arde cada vez mais rápido.
O garotinho os vê trancados em sua casa que se incendeia e diz: "Deixe-os queimar! Deixe-os queimar! Deixe-os queimar!" - Dibs fazia rápidos movimentos na direção da mãe e do pai, como se fosse salvá-los, mas voltava atrás e virava o rosto, como se o fogo que imaginava fosse real e o queimasse, enquanto ele tentava salvar o pai e a mãe.
- Eles gritam, choram e batem na porta. Querem sair. Mas a casa está em chamas e eles estão trancados e não podem sair. Gritam desesperados por ajuda.
Dibs entrelaça as mãozinhas e lágrimas correm por seu rosto.
- Eu choro! Eu choro! - gritava. - É por isso que choro!
- Você chora porque a mãe e o pai estão trancados na casa e não podem sair e a casa está queimando?
- Oh, não! - replicou. Um soluço embargou sua voz, impedindo-o de falar. Aos tropeções, ele atravessou a sala e atirou seus braços em volta de meu pescoço, chorando com amargura. - Choro porque sinto, de novo, a dor das portas fechadas e trancadas para mim - soluçou. Coloquei meu braço em volta dele.

- Você está se sentindo de novo como costumava sentir-se quando estava muito só?

137

Dibs relanceou os olhos pela casa de bonecas. Enxugou as lágrimas e ali ficou, respirando profundamente.
- O garoto irá salvá-los - disse. Pegou o boneco e conduziu-o até o interior da casa. - "Salvarei vocês. Salvarei vocês" - gritava. - "Abrirei as portas e deixarei que vocês saiam." E, assim, o menino abriu as portas, apagou o fogo e seus pais foram salvos.
Veio de novo para junto de mim e tocou em minha mão. Sorria levemente.
- Eu os salvei! Não deixei que se queimassem e ferissem.
- Você os ajudou. Você os salvou - falei.
Dibs sentou à mesa olhando fixamente para a frente.
- Eles costumavam me trancar em meu quarto - disse. - Nunca mais fizeram isso, mas costumavam fazê-lo.
- Faziam? Mas agora não o fazem mais?
- Nunca mais - disse com um suspiro estremecido. - Papai, de fato, deu-me um microscópio e tenho me divertido muito com ele. - Dibs levantou-se e dirigiu-se ao canto da sala onde colocara a boneca-irmã.
Reconduziu-a à casa e colocou os quatro bonecos sentados em poltronas na sala de estar.
Retornou então à mesa e pegou um lápis preto com o qual coloriu um pedaço de papel de desenho com um sólido preto, exceto pelo pequenino círculo bem no meio do papel, que ele coloriu de amarelo. Nenhum comentário fez sobre seu desenho. Quando concluiu, recolocou os lápis no estojo. Então, voltou para a caixa de areia, pegou a pá e começou a preencher o buraco que havia cavado no início da sessão.
Havia sido uma hora terrível para Dibs. Seus sentimentos o tinham torturado sem piedade. As portas fechadas em tenra vida trouxeram-lhe intenso sofrimento. Não apenas a porta trancada de seu quarto em casa, mas principalmente todas as portas de aceitação que foram fechadas para ele, privando-o do amor, respeito e compreensão de que tão desesperadamente necessitava.
Dibs apanhou a mamadeira e sugou-a por instantes. Depois, abandonou-a e olhou-me com firmeza.
- Não sou um bebê e não o serei nunca mais! Sou um garoto grande agora. Não preciso de mamadeira.
- Você não precisa mais da mamadeira?
Dibs sorriu francamente.
- A não ser que algumas vezes queira ser um bebê de novo - disse.
- Entretanto eu sinto. Entretanto eu sinto, eu serei.

138

Abriu amplamente os braços num gesto expressivo.
- Có-có-ró-có - cacarejou. - Có-có-ró-có!
Estava relaxado e feliz agora. Quando saiu da sala de ludoterapia parecia ter deixado atrás de si os tristes sentimentos que havia

ali exteriorizado.

139

Capítulo XVI

Quando Dibs entrou na sala de ludoterapia, sorria feliz enquanto a examinava. Notou uma longa cerca, que uma outra criança havia construído bem no centro da caixa de areia.

- Eis uma cerca! - disse. - E você sabe que não gosto de cercas. Vou tirá-la de lá.

Imediatamente, tirou-a da caixa de areia. Apanhou uma espingarda e levou-a para a mesa, pondo-a na gaveta. Viu uma casinha de bonecas danificada, encostada na prateleira, pegou-a e examinou-a.

- Vou consertar isto - disse. - Onde está a fita adesiva?

- De quanto você vai precisar? - perguntei.

- Uns vinte centímetros.

Rasguei o pedaço que queria e dei-o a ele.

- Ótimo, Muito obrigado!

- De nada, às ordens.

- Bem! Também estou à sua disposição - exclamou.

- E agora vou abrir a janela para que o ar puro possa entrar. Entre, ar fresco! - gritou para fora. - Venha e fique conosco. Papai não gosta que eu fale com o vento, mas aqui farei isso, se quiser.

- Aqui, se você tiver vontade, pode fazer.

- Papai diz que as pessoas falam apenas com pessoas - falou com um brilho cintilante nos olhos. - Papai diz que devo conversar com ele, mas não converso. Apenas o escuto, mas não falo com ele. Não, freqüentemente não lhe respondo. Isso o aborrece muitíssimo.

A conversa havia se tornado uma questão entre filho e pai. E Dibs era um perito quanto a manter-se calado como um meio de enfrentar o pai crítico.

- Quando papai me dá bom-dia, não olho para ele. Não lhe respondo. Ele insiste em perguntar o que há comigo,

140

dizendo que sabe que eu posso falar. Mas eu não digo nada. Não olho para ele também. Não respondo. - Dibs ria. - Ele fica furioso.

Voltou à mesa, abriu a gaveta e apanhou a espingarda. Atravessou a sala, foi até a janela, que estava aberta, e olhou para fora. Viu um grande caminhão passando. Virou-se e olhou para mim. - Jogo esta arma fora?

- Se você fizer isso, não poderemos ir buscá-la.

- Eu estaria lá embaixo num instante - disse.

- Sei disso. No entanto, não podemos fazer isso agora.

- E mais tarde pode já não estar lá. Alguém pode encontrá-la e levá-la.

- Sim. Isso é possível.

- Bem, então não vou atirá-la.

Andou ao redor da casinha e examinou a família de bonecos. Parou diante do pai e apontou a arma para ele.

- Não diga uma palavra ou atiro em você - disse para o boneco. - Não abra a boca nem uma vez mais. - Armou o gatilho. - Estou me preparando. Se você não ficar quieto, atiro em você. Vou esconder a arma aqui no porão - disse, enquanto abria a parte inferior da casa. - Ninguém vai ficar ferido - continuou, colocando ali a arma e fechando a porta.
Então, voltou-se e colocou-se bem à minha frente, com um leve sorriso a iluminar-lhe o rosto. - Há muitas crianças em minha classe na escola - disse após um tempo. - Há Jack, e John e David e Carl e Bobby e Jeffrey e Jane e Carol. Há muitas crianças em minha classe.
- Há um grupo grande de crianças na escola com você? Você sabe os nomes de alguns deles, não é verdade?
- Sei o nome de todos - falou. - Há garotos e garotas. E são muito interessantes.
Essa foi a primeira vez que Dibs mencionou especificamente seus colegas. Foi a primeira expressão de interesse por eles.
Havia pensado que no momento adequado, dentro do processo de desenvolvimento de Dibs, deveríamos propiciar-lhe oportunidade de participar de um pequeno grupo de terapia. Ainda não tinha recebido informações de seu colégio e continuava sem saber que progresso, se havia, Dibs fizera lá. Resolvi perguntar ao próprio Dibs o que ele achava da idéia de trazermos uma outra criança para brincar com ele na sala de ludoterapia.

- Dibs, você gostaria que uma outra criança, garoto ou garota, viesse brincar com você aqui às quintas-feiras? - perguntei.
Dibs parecia que ia saltar. Olhou-me diretamente, com raiva no olhar.
- Não! Não! - gritou. - Não quero ninguém mais aqui.
- Não quer uma outra criança aqui com você?
Dibs pareceu desmoronar.
- Ninguém viria - falou tristemente.
- Você crê que ninguém viria? É por isso que você disse não?
- Não - resmungou. - Ninguém gosta de mim. Ninguém viria.
- Mas se outra criança quisesse vir e ficar aqui com você, faria alguma diferença?
- Não - gritou Dibs. - Isto aqui é meu! E quero que seja só meu! Quero isto apenas para mim e para você. - Parecia prestes a chorar.
Voltou-me as costas.
- Entendo, Dibs. Se você deseja que apenas você e eu fiquemos aqui, assim será.
- E assim que quero. Quero que este lugar seja só meu, e que ninguém mais venha para cá.
- Será como você quer - falei.
Dibs encaminhou-se para a janela, olhando para fora. O silêncio caiu sobre nós.
- Há muitas crianças em minha classe na escola - disse depois de um bom tempo. - Eu... - hesitou e virou-se para olhar-me. - Eu... gosto... delas - falou, gaguejando. - E quero que elas gostem de

mim. Mas não as quero aqui conosco. Você está aqui apenas para mim. Algo especial apenas para mim. Só nós dois.
- Você gosta de outras crianças, entretanto deseja esta hora unicamente para nós dois?
- Sim, isso mesmo. - Soaram os sinos. - Quatro horas - disse. - Quatro horas dos sinos e quatro horas das flores. E o sol está no céu. E
há girassóis. Há tantas e tão variadas coisas.
- É verdade.
Aproximou-se, então, da pia e abriu completamente a torneira.
Então, fechou-a um pouco, deixando correr apenas um filete de água.
- Bem, posso fazer a água apenas gotejar ou jorrar. Da maneira que bem quiser.
- Sim. Você pode controlá-la como desejar.
- Posso fazê-la parar ou deixar que saia.
- Sim, você pode.
- Certo - falou calma e deliberadamente. - Eu posso. - Eu. Eu. Eu.
- Parou à minha frente. - Eu sou Dibs - disse. - Posso fazer coisas. Eu
gosto de Dibs. Eu gosto de mim. - Ele sorria feliz, brincando com a água.
Colocou a mamadeira sob a torneira e deixou que a água saísse com toda a força, fazendo-a esguichar por toda a sala. Saltava para trás
e ria francamente.
- Não está me molhando. Posso pular para fora de seu alcance. Posso fazer algo mais. - Pôs um frasco pequeno dentro de um maior. Segurou o maior no alto e despejou água dentro do menor. - Oh, posso fazer coisas! - exclamou. - Posso fazer isto e isto e isto. Até mesmo experiências! Que divertido! - insistia. - As coisas juntas formam coisas divertidas. Posso tornar-me tão grande quanto o mundo aqui. Posso fazer o que quer que queira. Sou grande e poderoso. Posso fazer a água vir e ir. Qualquer coisa que deseje posso fazer. Olá, garrafinha! Como vai você? Está se divertindo? Não fale com a garrafinha. Ela é apenas uma coisa. Fale com pessoas. Fale com pessoas, eu disse. Olá, John. Olá, Bobby. Olá, Carl. Fale com pessoas. Mas quero dizer alô para aquela garrafinha, e se o desejo posso fazer isso aqui.
Rapidamente, apanhou a mamadeira e o bico e pediu-me que o colocasse, o que fiz enquanto ele segurava o frasco. Tomava a mamadeira em pé, olhando para mim enquanto bebia. - Quando quero ser um bebê, posso ser. Quando quero ser um adulto, também posso. Se desejo falar, falo. Se sinto vontade de calar-me, fico calado.
- Sim. É assim mesmo - falei.
Removeu o bico e bebeu diretamente da mamadeira.
- Deixe-me mostrar-lhe uma coisa interessante - disse. Apanhou vários copos, colocou-os em fila e derramou diferentes quantidades de água em cada um. Com uma colher batia em cada copo. - Ouviu os diferentes sons? Posso fazer cada copo soar de uma maneira. É a quantidade de a que faz a diferença. Escute quando bato no cano. E nesta caixa. Cada som é diferente. E há muitos sons que não faço, mas acontecem. O trovão é um som. E derrubar coisas faz ruído. Uma

garrafa faz um barulho. Sim. Posso produzir todo tipo de som. E posso ficar tão quieto que não faço barulho algum. Posso fazer silêncio.
- Você pode fazer sons e silêncio - falei.
Durante um longo tempo Dibs conservou as mãos

imersas na água. Estendeu-as em minha direção. - Olhe. Minhas mãos ficaram enrugadas.
- Estou vendo.
- Agora tenho uma coisa muito importante a fazer - disse. Colocou os potes de tinta na borda do cavalete, sem nenhuma ordem. - Veja! Vermelho, azul, amarelo, cinza, laranja, violeta, verde, branco. Todas misturadas. E pus o pincel trocado em cada cor. - Afastou-se, olhou o cavalete e riu. - Nada como antes. É assim que estão. Todos misturados. E o pincel errado no pote errado. - Ele ria.
- Tudo misturado: tintas e pincéis - falei.
- Sim. Uma bagunça total. Uma misturada completa. Provavelmente é esta a primeira verdadeira bagunça que faço. Mas, agora, devo recolocá-los nos seus devidos lugares, tirar os pincéis e arrumá-los corretamente. - Começou a reordenar as tintas.
- Você acha que deve colocá-las em uma certa ordem?
- Oh, sim. Há doze pincéis e doze cores - respondeu, rindo. - Vamos, Dibs, faça isso direito - falou delicadamente. - Há uma maneira correta para fazer cada coisa e você vai pôr tudo na ordem certa.
- Você acha que as tintas devem estar sempre em uma determinada ordem? - perguntei.
- Claro - respondeu com alegria. - Desde que não estejam todas misturadas.
- Então qualquer outra maneira é correta?
- Aqui, sim. Lembre-se, aqui pode ser assim.
Chegou-se a mim e tomou-me a mão.
- Você entende - disse com um sorriso. - Vamos para seu escritório. Vamos visitar você em seu escritório.
- Podemos ficar lá o resto do tempo de que dispomos, se você quiser - falei.
Dibs saiu ansioso em direção a meu escritório. Sobre a mesa havia um pacote contendo etiquetas ex-libris. Dibs apanhou-o, perguntando:
- Posso abrir e usá-las?
- Se você quiser, pode.
Dirigiu-se cuidadosamente à estante e examinou os livros, lendo em voz alta o título de um deles:
- Seu filho encontra o mundo lá fora. - Caminhou até a janela e olhou para fora. - Olá, mundo - disse. - Faz um dia lindo para o mundo! E que cheiro bom lá fora, também. Ah! vem vindo
o meu amigo caminhão.
Dibs olhou-o em silêncio por um longo tempo.

- Olá, caminhão! - falou suavemente. - Olá, homem! Olá, mundo! - Ele sorria, feliz.
Voltou então à escrivaninha e apanhou o Pequeno Dicionário de Oxford. - Pequeno velho livro cheio de palavras. Acrescentarei mais duas.
Meu pequeno dicionário. Livro de palavras de capa azul.
Colou duas etiquetas no livro. Recostou-se na poltrona e olhou para mim. Havia um grande sorriso em seu rosto. - Daqui a pouco estará na hora de ir para casa. E quando for estarei todo feliz no meu íntimo. Voltarei na próxima quinta-feira. E lembre-se: apenas eu, ninguém mais além de mim. E você.
- Eu me lembrarei, Dibs. Se você quer que esta hora seja apenas para você, está certo.
- Quero que seja só nossa - murmurou. - Por enquanto, ninguém mais.
- E assim será. Por enquanto, ninguém mais.
Pensei se uma semente não teria sido lançada e ele desejasse trazer um amigo. Se não ali, talvez tivesse um amigo na escola.
A campainha soou, anunciando a chegada de sua mãe.
- Até logo! Voltarei na próxima quinta-feira e novamente vou enchê-la de felicidade.
Quando deixou a sala, na presença da mãe, levantou o olhar para mim e disse:
- Até logo, de novo. - Voltou-se então e correu o mais rápido que podia pelo comprido hall, virou-se, correu de novo, e estendeu os braços para a mãe, clamando, enquanto a abraçava: - Oh, mamãe, eu a amo!
Ficamos ambas surpresas diante da espontaneidade da expressão de Dibs. De súbito lágrimas afloraram aos olhos de sua mãe. Ela balançou a cabeça em sinal de despedida e saiu, apertando a mão do filho nas suas.

Capítulo XVII

No dia seguinte, a mãe de Dibs telefonou para marcar uma entrevista. Entrou em meu escritório controlando a sua ansiedade. A espontânea exteriorização da afeição de Dibs na véspera afrouxara sua hermética defesa.
- Queria que você soubesse o quanto lhe somos gratos - começou falando. - Dibs tem mudado tanto! Já não é a mesma criança. Nunca, antes, o havia visto expressar seus sentimentos tão livremente como fez ontem, quando saímos daqui. Eu... eu fiquei profundamente emocionada.
- Sei que ficou - comentei.
- Ele está muito melhor - continuou, com um brilho de felicidade nos olhos e um leve sorriso nos lábios. - Está mais calmo e mais feliz. Nunca mais foi acometido de acessos de raiva. Dificilmente chupa o polegar. Fita-nos nos olhos. Responde-nos, a maior parte das vezes, quando lhe fazemos perguntas. Mostra-se interessado no que está ocorrendo com nossa família. Algumas vezes, brinca com sua irmã, quando ela está em casa. Está começando a demonstrar um pouco de afeição por mim. Em certas ocasiões, Dibs tem-se

aproximado de nós para fazer comentários sobre si mesmo. Outro dia foi até a cozinha, onde eu estava fazendo uns biscoitos, e disse: "Vejo que você está fazendo biscoitos. Eles são muito gostosos. Você os faz para nós". Nós. Acho que Dibs está
começando a sentir que faz parte da família agora. E acho... bem, acho que eu estou começando a sentir que ele é um de nós.
"Não sei o que havia de errado entre nós. No início eu era um fracasso com ele. Sentia-me completamente derrotada e ameaçada. Dibs arruinara tudo para mim. Ameaçou meu casamento. Pôs fim à minha carreira profissional. Agora pergunto a mim mesma o que fiz para causar tal problema entre nós. Por que tudo isso aconteceu? Que posso eu fazer agora

para consertar essa situação? Tenho me perguntado tantas vezes: Por quê? Por quê? Por quê? Por que temos brigado assim? Tanto que quase destruímos Dibs. Lembro-me de quando conversei com você pela primeira vez. Insisti em que Dibs era um retardado mental. Entretanto, sabia que não era um deficiente. Por isso vinha ensinando-lhe, testando-o e tentando forçá-lo a comportar-se de acordo com os padrões normais, desde que completou dois anos. Tudo isso sem nenhum contato verdadeiro entre nós dois. Sempre através de coisas. Não sei o que ele faz aqui na sala de ludoterapia. Não sei se você já percebeu alguns sinais do que ele sabe e do que pode executar. Dibs lê corretamente. Quase tudo o que lhe cai nas mãos. Escreve e soletra corretamente. Memoriza coisas nas quais está interessado. Coleciona diferentes espécies de folhas e cascas de troncos. Tem flores artificiais. Tem um quarto cheio de livros, fotografias, jogos pedagógicos, brinquedos e material científico. Uma vasta coleção de discos. Ele ama a música, especialmente os clássicos. E pode identificar quase todas as partes de qualquer um deles. Sei disso porque ultimamente ele responde quando toco um trecho e lhe pergunto o que está ouvindo. Coloco um disco e faço-o parar, em seguida, pedindo-lhe que identifique o que ouviu. E Dibs responde corretamente.
Empreguei nisso muitas horas, explicando-lhe que músicas eram aquelas - e nunca sabendo realmente se o estava atingindo. Li centenas de livros para Dibs - enquanto ele se escondia sob uma mesa. Tenho conversado com ele constantemente, explicando-lhe tudo o que há a seu redor. Sempre e sempre encorajada apenas pelo fato de que se mantinha próximo o suficiente para ouvir e olhava as coisas que eu mostrava a ele."
Suspirou e balançou a cabeça com desespero.
- Tinha de provar alguma coisa a mim mesma - continuou. - Tinha de provar que Dibs era capaz de aprender. Tinha de provar que eu podia ensinar-lhe. Ainda que seu comportamento fosse tal que nunca me permitia conhecer o quanto o alcançara e quanto tudo aquilo significara, continuava ensinando-lhe. E, em diferentes circunstâncias, observava-o debruçado sobre as coisas com que o havia presenteado, quando estava sozinho em seu quarto, e dizia a mim mesma: "Ele não mostraria tal interesse e atenção se aquilo nada significasse para ele". Ainda assim não me sentia segura.

- Provavelmente, seus sentimentos em relação a Dibs eram extremamente ambíguos - comentei. - Testando, observando, duvidando de você mesma e dele. Alimentando

esperanças e desesperanças, sentindo seu fracasso, mas querendo impedi-lo de alguma forma.
- Sim - respondeu. - Sempre testando-o. Sempre duvidando de sua capacidade. Buscando um meio de me aproximar mais dele e todo o tempo apenas levantando um muro entre nós. E ele sempre fez apenas o suficiente para me manter nessa atitude. Não creio que nenhuma outra criança tenha sido mais atormentada com tantas exigências: que fizesse este e aquele teste - sempre, sempre, tendo que provar que tinha capacidade. Não tinha paz! Exceto quando sua avó vinha visitar-nos. Eles tinham um bom relacionamento. Dibs tornava-se mais tranqüilo com sua presença. Embora não conversasse muito, ela o aceitava como ele era. Ela costumava dizer-me que se eu me relaxasse e o deixasse em paz, ele sairia bem daquela situação. Mas eu não podia crer naquilo. Sentia que devia ajustar-me a ele para compensar todas as outras deficiências que eu lhe causara. Sentia-me responsável pela sua maneira de ser. Sentia-me culpada.
De repente, rompeu em lágrimas.
- Não sei como pude fazer isso com ele - lamentou-se. - Minha inteligência parecia ter voado pela janela.
Minha conduta era compulsiva e completamente injusta. Podia ter a prova que queria, que sob aquele comportamento singular havia capacidade. Não podia admitir para mim mesma que nada havia feito que pudesse ter causado seus problemas. Não podia admitir que o havia rejeitado. Só agora posso afirmá-lo, porque não mais o rejeito! Dibs é meu filho e estou orgulhosa dele. - Olhou-me como quem busca algo.
- Tem sido extremamente difícil para você admitir seus sentimentos em relação a Dibs. Mas agora sua maneira de sentir modificou-se, e você não só o aceita, mas acredita e se orgulha dele - comentei.
Meneou a cabeça vigorosamente.
- Deixe-me falar-lhe mais sobre o que ele pode fazer. Pode ler, escrever, soletrar e investigar coisas. Dibs desenha com muita originalidade. Veja alguns dos seus desenhos.
Subitamente, apanhou um rolo de papéis que havia trazido.
- Olhe-os - disse. - Observe os detalhes e a perspectiva. Examinei cada desenho. Na verdade, fugiam ao padrão dos desenhos infantis. Não pareciam ter sido produzidos por uma criança de seis anos.
Os objetos ali representados mostravam uma precisão até o mínimo detalhe. Numa das pinturas, Dibs havia desenhado uma escada em caracol que dava acesso a uma colina. A perspectiva era absolutamente notável.
- Sim. São singulares - falei.
Ela espalhou-os diante de si e contemplou-os. Então, olhou-me com inquietação.
- Bastante invulgares - disse calmamente. - E é isso o que mais me preocupa: toda essa sua estranha habilidade. Tenho me torturado pensando que Dibs possa ser esquizofrênico. E se isso for verdade,

qual o valor dessa superior e incomum habilidade? Mas agora sinto-me livre desse medo. Ele está começando a comportar-se de uma maneira mais normal.
Ela havia estudado e sabia que seu diagnóstico podia estar correto. O comportamento anormal que ela havia impelido o filho a assumir havia-o afastado da própria família, das outras crianças e dos adultos que encontrava na escola. Quando uma criança é forçada a provar para si mesma que tem capacidade, os resultados são freqüentemente desastrosos. Uma criança necessita de amor, aceitação e compreensão. Ela
é destruída quando confrontada com rejeição, dúvidas e infindáveis testes.
- Continuo confusa sobre muitas coisas - disse. - Se Dibs possui uma capacidade superior, isso não deve ser desperdiçado. Seus talentos são algo de que devemos nos orgulhar.
- Todas essas expressões de talento significam muito para você, ainda que se sinta confusa diante do desenvolvimento global de seu filho, não é verdade?
- Sim - replicou. - Suas realizações são muito importantes, tanto para ele, como para mim. Lembro-me bem de quando Dibs tinha dois anos. Foi quando aprendeu a ler. Seu pai disse que eu estava fora de mim quando lhe contei que Dibs já podia ler. Disse que ninguém com dois anos podia aprender a ler, mas eu sabia que Dib podia. Eu lhe havia ensinado.
- Como ele aprendeu a ler? - perguntei.
- Comprei-lhe dois conjuntos de alfabeto. Letras que podiam ser recortadas. Mostrei-lhe cada letra dizendo-lhe os nomes e os sons delas.
Em seguida, coloquei-as em ordem diante dele, que as observava.
Retirei-as e pedi-lhe que as arrumasse da maneira como estavam antes.
Mas Dibs fugiu do quarto. Recoloquei todo o alfabeto em ordem e pus a outra caixa de letras perto dele. Então saí, e ele voltou-se e ficou olhando as letras. Peguei as outras letras, mostrando-lhe o modo correto de dispô-las e repetindo o nome de cada letra.

Apanhei então o segundo conjunto, pedindo a ele que o arrumasse. De novo, saiu correndo do quarto. Também eu saí, sabendo que ele poderia
voltar e observá-las se fosse deixado só. Uma vez mais, repeti toda a demonstração. Dessa terceira vez, quando me afastei, Dibs arrumou todas as letras em pé. E logo conseguiu pôr as letras em ordem por si mesmo.
"Mais tarde, peguei uma coleção variada de figuras e disse a ele o que cada uma mostrava, escrevendo a palavra e explicando-a a ele.
Então, soletrava as palavras com as letras recortadas. Em pouco tempo, Dibs já armava os vocábulos, colocando-os sob as figuras que os simbolizavam. Então, dei-lhe vários livros com gravuras e palavras e pequenos livros de histórias, lendo-as para ele repetidas vezes. Comprei-lhe discos de jogos cantados, de histórias e poemas. Sempre tentando novas abordagens. Ensinei-o a

manejar seu toca-discos. Aprendeu a ler os títulos dos discos. Dizia-lhe, por exemplo: "Dê-me o disco que narra a história do trenzinho". Ele procurava em toda a pilha de discos e voltava com aquele que lhe fora pedido, colocando-o sobre a mesinha de café, à minha frente. E acertava sempre. Quando, de outras vezes, solicitava-lhe que me trouxesse a palavra árvore ou qualquer outra, Dibs a trazia. Depois de um tempo, seu pai concordou em que parecia que Dibs estava lendo. Ele olhava com atenção seus livros. E, algumas vezes, o pai lia para ele. Trazia para casa coisas interessantes e explicava-lhe em minúcias o que eram. Em seguida, deixava-as no quarto, para que Dibs as examinasse mais tarde. Comecei a ensinar-lhe os números. Rapidamente os aprendeu. Murmurava com freqüência e percebi que falava consigo mesmo. Mas não havia qualquer contato real entre nós. Era por isso que me preocupava tanto com ele."

Sua voz mergulhou no silêncio. Voltou sua vista para fora da janela por um longo momento. Não fiz comentário algum. O perfil que ela havia traçado de sua vida com o filho era desolador. Era, realmente, espantoso que a criança houvesse conservado sua integridade básica e sua receptividade. A pressão que havia suportado era suficiente para impelir qualquer criança a um afastamento que a protegesse. Ela conseguira demonstrar a si própria que Dibs aprendera tudo quanto ela lhe apresentara. Mas sentiu a ausência de um relacionamento estreito com o filho. E essa espécie de exploração da capacidade da criança, com a ausência de uma vida emocional equilibrada, poderia destruí-la.

- Mandamos sua irmã para uma escola distante de nossa casa, dirigida por uma tia minha, para poder dedicar-me a Dibs - falou com a voz baixa. - Continuei inquirindo-me por que, ainda agora, creio que suas conquistas na esfera intelectual sejam tão importantes. Era Dibs apenas um bebê quando comecei a forçá-lo a fim de que provasse sua capacidade para mim. Por que não lhe permiti que fosse simplesmente uma criança? Minha criança! E ficar feliz de tê-lo? Lembro-me de ter-lhe dito que ele me rejeitou. Por quê? Por que não aceitei meus próprios sentimentos? Por que fiquei tão amedrontada ante a perspectiva de ser uma pessoa com emoções? Por que tinha de lançar sobre Dibs o tipo de relacionamento que se havia desenvolvido entre mim e meu marido? Porque foi isso que aconteceu. Pensava que a função de uma mãe não deveria interessar ou prender um homem com a genialidade de meu marido. Ele jamais desejou ter filhos. Brigávamos diante de qualquer indicação de que estávamos falhando. Culpa, derrota, frustração, fracasso. Esses eram nossos sentimentos e não podíamos tolerá-los. Culpamos Dibs. Pobre pequeno Dibs. Qualquer coisa que saísse errada entre nós era culpa dele. Imagino se poderíamos ter evitado fazer isso com ele.

- Havia muitos sentimentos intensos e confusos emaranhados nesse relacionamento - falei. - Você mencionou alguns deles. E sobretudo referiu-se aos sentimentos do passado. E, atualmente, o que sente?

- Meus sentimentos mudaram - disse calmamente. - Ou melhor, meus sentimentos estão mudando. Estou orgulhosa de Dibs. Eu o amo. Agora, não é necessário que me prove, a todo instante, sua capacidade. Porque ele se transformou. E foi ele que teve de mudar primeiro. Teve que se tornar maior que eu. As atitudes e

sentimentos de seu pai também mudaram. Havíamos construído paredes tão altas à nossa volta todos nós. Não apenas Dibs. Meu marido e eu também. Bem, e se estas paredes ruírem - o que está acontecendo -, então, seremos muito mais felizes e estaremos mais unidos.
- Atitudes e sentimentos modificam-se - falei. - Acredito que você já experimentou isso.
- Sim. Graças a Deus - replicou.
Provavelmente por ter sido aceita tal como era, sentindo-se segura como mãe, ela pôde penetrar fundo em seus próprios sentimentos e deles emergir com significativo discernimento e compreensão.

150 151

Muitas vezes uma criança não é aceita para terapia se seus pais se recusam a participar do tratamento ou buscar ajuda clínica para eles mesmos. Ninguém pode imaginar o número de crianças que retornam a seus lares bloqueados, sem apoio profissional, por esse motivo. Em muitas circunstâncias, a terapia é bem mais significativa quando os pais também procuram resolver seus problemas de relacionamento. Mas o que ocorre é que, apesar da aquiescência consciente de certos pais em tentar solucioná-los, permanecem eles em tal nível de resistência, que muito pouco pode ser conseguido. Se, de fato, não estão prontos para tal experiência, dificilmente poderão tirar proveito dela. A defesa de uma pessoa que se sente ameaçada pode tornar-se insuperável.
Afortunadamente, para Dibs, seus pais foram suficientemente sensíveis para mudar quanto à compreensão e apreciação de seu crescimento. Não apenas Dibs estava se encontrando. Seus pais também.

152

Capítulo XVIII
Uma onda de ansiedade invadiu-me, quando Miss Jane telefonou-ne na segunda-feira para falar-me sobre o comportamento de Dibs na escola.
Sem dúvida, parte de seu comportamento que eu observara na sala de ludoterapia estendera-se à escola. Miss Jane não me fez esperar muito.
- Estou feliz em comunicar-lhe que notamos uma grande mudança em Dibs. Tem sido uma transformação gradativa, mas estamos encantados com Dibs. Ele agora responde a nossas perguntas. E em várias ocasiões é ele próprio quem inicia uma conversa. Ele está calmo, feliz e demonstrando interesse pelas outras crianças. Sua linguagem quase sempre é correta, mas quando algo o aborrece, ele retrocede a seu modo abreviado, imaturo, de falar. Geralmente, refere-se a si próprio como "eu". Hedda está radiante de contentamento. Estamos todos satisfeitos com ele. Achamos que você gostaria de saber disso.
- É claro que sim - falei. - Seria possível combinarmos um encontro, para que eu pudesse saber mais detalhes sobre essas mudanças no comportamento de Dibs? Que tal você, Hedda e eu almoçarmos juntas um dia desses, o mais cedo possível?

- Teremos enorme prazer - respondeu Miss Jane. - Respondo também por Hedda. Ela tem acompanhado o grupo de Dibs, porque achamos que é melhor para ele. E certamente ela deseja estar com ele. E Hedda o tem ajudado um bocado.
No dia seguinte almoçamos juntas, e tivemos uma conversa bastante reveladora sobre Dibs. Falaram-me sobre as lentas tentativas de Dibs para emergir do isolamento que ele se impôs. Nenhuma de nós duvidava de que ele estava atento a tudo o que ocorria a seu redor.
- Nossas suposições eram corretas - Dibs permanecia ouvindo e aprendendo, enquanto se agachava, à margem do grupo, sob

uma mesa, sentado de costas para os colegas, num aparente desligamento. Pouco a pouco, foi-se aproximando do grupo. De início, respondia com breves palavras às questões que lhe eram dirigidas. Gradualmente, começou a desenvolver as mesmas atividades das outras crianças. Quando entrava na escola, retribuía os cumprimentos. Com cuidado, tirava seu casaco e chapéu, pendurando-os em seu próprio cabide, no vestiário. Ladeava os colegas e cada dia chegava sua cadeira mais para perto do grupo, para ouvir histórias, música ou a própria conversação. Uma vez ou outra, respondia a uma pergunta. Com habilidade, as professoras conduziam o grupo de tal modo que não havia um foco de atenção sobre Dibs para que participasse dele ou falasse. Mas a oportunidade para sua participação estava sempre aberta.
- Há tanto tempo não lhe ocorrem acessos de raiva que até já os esquecemos - disse Hedda. - Ele sorri para as outras crianças e para nós. Logo que iniciou a aproximação com nosso grupo, mantinha-se perto de mim e tomava minhas mãos, e falava muito pouco. Cuidava de aceitar apenas aquilo que ele queria dar; nunca o forcei a avançar. Cada expressão sua era reconhecida por mim de maneira amigável, para encorajá-lo a prosseguir. As outras crianças estavam tão ocupadas desenvolvendo seus próprios trabalhos, que aceitavam o que Dibs fazia sem questionamentos.
Gradualmente, Dibs começou a seguir indicações e era capaz de atender a quaisquer instruções que lhe fossem dadas com um ótimo desempenho. Logo quis ir até o cavalete e pintar. Foi essa a primeira coisa que ele fez. Concentrava-se tanto em seu trabalho como se estivesse produzindo uma obra-prima.
Hedda sorria ao apresentar uma série de suas pinturas.
- Bem sei que não se trata de um artista, mas pelo menos ele está fazendo algo.
Olhei as pinturas. Eram muito simples, desenhos típicos de crianças de seis anos. A casa primitiva, as árvores e as flores. Tudo em cores claras e brilhantes. Mas por que Dibs pintava daquele modo, quando era capaz de produzir uma arte muito mais complexa? Sem dúvida, aquelas poderiam ser pinturas de qualquer criança de sua idade mas eram uma estranha contribuição em se tratando de uma criança cujos desenhos e pinturas "domésticos" iam muito além do padrão convencionado para a sua idade.
- Trouxe-lhe também vários de seus outros trabalhos acrescentou

Hedda. - Aqui estão algumas histórias que ele escreveu. Através delas, percebe-se o seu conhecimento do alfabeto e sua habilidade em escrever e soletrar algumas palavras.
Passou-me então as páginas onde Dibs laboriosamente havia escrito em letras de forma:
Vejo um gato.
Vejo um cão.
Vejo você.
- Temos gravuras espalhadas pela sala, com palavras escritas sob os objetos, e as crianças as utilizam para soletrar. E quando uma delas deseja escrever uma história ou frases, nós a assessoramos. Algumas de nossas crianças estão começando a ler. Poucos sabem ler bem. E Dibs está ingressando agora no grupo de leitura.
Examinei as palavras que Dibs havia escrito tão
desajeitadamente. Sentimentos conflitantes se agitavam em mim. Aquela pintura tão simples. Aquelas frases tão elementares. Por que estaria
Dibs sufocando sua capacidade? Ou seriam aqueles indícios de uma tentativa de sua parte para adaptar-se ao grupo de sua idade?
- E ele também já sabe ler - continuou Hedda com entusiasmo. - Como lhe dizia, está participando do grupo de leitura. Senta-se no círculo com as outras crianças e esforça-se para aprender as palavras. E, quando chega a sua vez, lê os nomes pausadamente, não muito seguro de si mesmo, mas, em geral, corretamente. Creio que poderia ler melhor, mas
ele o faz como qualquer uma das crianças do grupo.
Fiquei estupefata com toda aquela descrição. Sem dúvida, o entusiasmo dos professores era importante para Dibs. Se eu lhes dissesse que ele podia realizar muito mais do que aquilo, eles talvez se sentissem desencorajados e insatisfeitos com o seu progresso. Dibs havia vivido em dois mundos durante muito tempo, para qualquer de nós esperar uma imediata e completa integração.
O desenvolvimento social de Dibs representava o fator mais importante em seu desenvolvimento agora. Não havia dúvida sobre sua capacidade - a não ser que alguém quisesse levantar a questão da perda dessa capacidade. Porém, neste estágio, não seria o ajustamento pessoal e social mais importante para Dibs do que a demonstração de sua habilidade para ler, escrever ou desenhar em um nível que superasse qualquer criança de sua idade? Qual a vantagem em apresentar uma alta capacidade intelectual, se isso não proporcionava,

em determinadas circunstâncias, o correspondente em bem-estar e harmonia para o indivíduo e para os outros?
- Então vocês acham que Dibs está progredindo em seu grupo? - indaguei. No entanto, minha observação me pareceu fraca e inadequada.
- Ele adora música - Miss Jane acrescentou. - É sempre o primeiro a apresentar-se. Sabe todas as canções. Participa da banda rítmica.
- Você pode vê-lo dançar - disse Hedda. - Oferece-se para ser um

elefante, um macaco ou o vento. E o faz espontaneamente. Quando começa, é um tanto desajeitado, mas à medida que se deixa envolver movimenta-se com graça e ritmo. Não o forçamos a nada. Ficamos contentes com cada avanço seu, ainda que modesto, e sentimos que ele desfruta a oportunidade de pertencer ao grupo. E creio que o comportamento da mãe em relação a Dibs mudou completamente. Quando o traz ou vem buscá-lo, parece-nos mais receptiva e feliz com Dibs. Quando saem, ele segura bem sua mão e seguem juntos naturalmente. É uma criança muito interessante!

- Sim. Na verdade, Dibs é uma criança muito interessante - reafirmei. - Parece estar tentando com todas as suas forças realizar-se como pessoa e como membro de seu grupo.

- A mais notável mudança ocorreu por ocasião de seu aniversário. Sempre comemoramos o aniversário de cada criança com um bolo de aniversário. Começamos sempre formando um círculo, contamos uma história e, em seguida, vem o bolo com as velas acesas. Todos cantam Parabéns a você e o aniversariante, que permanece ao meu lado, apaga as velinhas. O bolo é cortado e distribuído a todas as crianças.

"Pois bem, no dia em que anunciamos o aniversário de Dibs, não imaginávamos qual seria sua reação. Anteriormente ele não participava, embora festejássemos seu aniversário da mesma forma como o fazíamos com as outras crianças. Este ano, logo que chegou a hora de formarmos o círculo, Dibs estava ali, a meu lado. Quando cantamos Parabéns a você, sua voz soava mais alto do que a dos companheiros. Cantava: "Parabéns, querido Dibs, parabéns para mim!" Depois de cortado o bolo, ele distribuiu cada pedaço com um grande sorriso no rosto. Continuava cantando: "Hoje é o meu aniversário. Meu aniversário. Estou completando seis anos."

As professoras estavam satisfeitas com Dibs. E eu também. Mas ainda tínhamos um longo caminho a percorrer. Dibs tinha de aprender a aceitar-se e utilizar seu rico potencial, e não desprezá-lo. Ele estava atingindo novos horizontes por si mesmo, fundamentais a seu pleno desenvolvimento. Eu confiava em que a capacidade por ele desenvolvida na sala de ludoterapia e em sua própria casa transbordassem para suas outras experiências. Suas habilidades intelectuais haviam sido exploradas para testá-lo e, assim, tornaram-se uma barreira e um refúgio em relação ao mundo que Dibs tanto temia. Ele acostumou-se a usá-las como um mecanismo de defesa e autoproteção. E nelas começou a insular-se. Se começasse conversar, ler, escrever, desenhar, bem além do nível de seus-colegas, correria o risco de ser por eles rejeitado e isolado por suas diferenças.

Quantas crianças superdotadas desenvolveram-se de uma maneira desequilibrada e ficaram aprisionadas em seu mundo solitário! Tal inteligência superior cria sérios problemas de ajustamento pessoal e social. É necessário detectar todas as necessidades básicas da criança e promover os estímulos adequados ao desenvolvimento de sua inteligência superior. Há aulas para crianças bem-dotadas, mas Dibs não estava suficientemente amadurecido para ser uma delas, ou, ainda, para que tal experiência lhe fosse, de fato, proveitosa.

Dibs estava profundamente envolvido na busca de si mesmo. Era

imperativo saber esperar as vitórias - cada uma a seu tempo - e confiar na força interior dessa criança. A atmosfera à sua volta deveria ser tranqüila, otimista e perceptiva.
- Programamos um pequeno encontro na escola, outro dia - disse Hedda com um sorriso. - Reunimo-nos no auditório dos alunos menores. Não estávamos certas se as condições de Dibs permitiriam sua participação em uma experiência de tal ordem. Deixamo-lo livre para formular sua decisão. Na verdade, essa foi nossa posição em relação a todos os nossos alunos. Respeitamos a deliberação de cada um. Resolvemos apresentar uma atividade já vivenciada em classe. Havíamos montado, certa vez, uma história em que o grupo representava, a partir de criação livre, desenvolvendo o texto e a música enquanto atuavam. E eram sempre diferentes. Cada dia planejávamos de uma forma. Quem queria ser a árvore? Quem queria ser o vento? E o sol? Você sabe como isso é feito.

"Não sabíamos como Dibs encararia o assunto ou o que desejava fazer. Já havíamos realizado esse tipo de experiência antes e Dibs sempre nos ignorara. Mas um dia ele se juntou ao círculo e espontaneamente começou a dançar. E o fez muito bem e todos se divertiram. Ele quis ser o vento. Soprou e girou em volta das crianças, e elas decidiram que ele deveria então fazer o papel do vento na apresentação que estávamos preparando. Dibs concordou. Executou seu papel muito bem. De súbito, no meio da dança, decidiu cantar. Improvisou a letra da canção e a melodia. Foi algo assim: "Sou o vento. E sopro. Sopro. E subo. Subo nas colinas e movimento as nuvens. Dobro as árvores
e balanço a grama. Ninguém pode parar o vento. Eu sou o vento, um vento amigo que você não pode ver. Mas eu sou o vento!" Parecia haver
esquecido a platéia. Os alunos estavam surpresos e fascinados. Nem é preciso dizer que o mesmo ocorreu conosco. Pensamos, então, que Dibs havia, finalmente, se encontrado e se tornara agora um membro do grupo."
Dibs, sem dúvida, estava fazendo progressos, mas ainda não podíamos afirmar que tinha se encontrado. Havia ainda um bom caminho a percorrer. E essa busca era uma experiência lenta e inquietante que o tornava mais consciente de seus sentimentos, atitudes e relacionamentos com aqueles que o cercavam. Não havia dúvida de que Dibs não conseguira desenterrar muitos sentimentos de seu passado e assim os usava nas brincadeiras para conhecê-los, compreendê-los e controlá-los melhor.
Esperava que ele pudesse encontrar na sala de ludoterapia oportunidades que o auxiliassem a sentir e conhecer suas próprias emoções, de tal maneira que qualquer ódio e medo que ainda guardasse emergissem e fossem enfrentados e dominados.

Capítulo XIX

Quando Dibs apareceu para a sua entrevista semanal, perguntou-me

se podia ficar em meu escritório.
- Notei que você tem um gravador - disse. - Posso usá-lo?
- Claro.
Encaminhamo-nos para lá. Liguei o gravador e ensinei-o a manejá-lo. Ao concluir, Dibs já tomara, ansiosamente, o microfone de minhas mãos.
- Dibs falando - anunciou. - Ouça-me, gravador. Você vai ouvir minha voz e guardá-la. Sou Dibs e estou falando. Eu sou Dibs. Sou eu. - Desligou e voltou a fita. Apertou o botão para escutar a sua mensagem. - Esta é a minha voz - comentou com alegria. - Falei e gravei. Farei uma longa gravação para guardarmos por todo o sempre. E será apenas para nós.
Recomeçou a manejar o gravador e voltou a falar ao microfone.
Mencionou seu nome completo, seu endereço e telefone. Em seguida, apresentou o nome completo de cada membro de sua família, incluindo sua avó.
- Sou Dibs e quero conversar - acrescentou. - Estou no escritório de Miss A. e aqui encontrei este gravador, no qual agora estou falando. Freqüento uma escola e vou dizer-lhe seu nome e endereço. Há vários professores lá - continuou, declinando o nome de cada um. - Há também crianças em minha classe e eu lhe direi seus nomes. - Falou os nomes de todas as crianças. - Marshmallow é o nosso coelhinho. É muito lindo, mas vive trancado na gaiola. O que é muito desagradável para ele. Quando estou na escola, leio, escrevo e conto. E que tal contar um pouco?! Um, dois, três, quatro - foi falando os números com pausa e vacilação. - O que vem depois do quatro? Oh, sim, vou ajudá-lo, Dibs. O cinco vem depois do quatro. Então um, dois, três, quatro, cinco. Puxa! Que bom! Como você conta bem! - Dibs batia palmas.
- Ouço alguém batendo à porta - continuou. - Isso

é barulho demais. Fique quieto quando você está em casa. Oh, é papai! O que quer batendo na porta com força, papai? Você é estúpido e descuidado. Não o quero perto de mim quando agir dessa maneira. Não me importa o que você queira. Farei com que vá para seu quarto e lá o trancarei. Assim, não terei que ouvir os gritos desse homem idiota!
Dibs desligou o gravador e aproximou-se da janela.
- Que dia bonito lá fora! - exclamou. - Miss A., por que sempre os dias são tão lindos quando venho aqui?
- Você acha que todas as vezes que vem aqui os dias são bonitos? - perguntei.
- Sim, acho. Mesmo quando está frio ou chove. Daqui, o dia lá fora sempre me parece bonito. Deixe-me ligar o gravador para você.
Fez a fita retornar a seu início e ouviu-a com uma expressão de seriedade no rosto. Repetiu várias vezes os gritos do pai e só então permitiu que a gravação chegasse ao final. Desligou.
- Papai não gosta de ser mandado para seu quarto. Não suporta ser chamado de estúpido - comentou, retornando à janela. - Daqui posso ver as árvores. Posso até contá-las. Vejo oito árvores ou, pelo menos, parte delas. Que agradável tê-las à nossa volta. São tão

altas e tão amigas.
Voltou a brincar com o gravador.
- Era uma vez um garoto que morava em um casarão com seu pai, sua mãe e sua irmã. E certo dia o pai chegou a casa e foi para seu escritório, e o menino entrou sem bater. "Você é um homem mesquinho", o menino gritou. "Eu o odeio! Eu o odeio! Você me ouviu? Eu o odeio!" O pai começou a lamentar-se, pedindo desculpas e suplicando para que o menino não o odiasse. Mas o garoto lhe dizia: "Vou puni-lo, estúpido, idiota. Não o quero mais por aqui. Vou livrar-me de você".
- Desligou o aparelho e aproximou-se de mim.
- Isso era apenas mentirinha. Quis apenas inventar história sobre papai. Outro dia fiz um mata-borrão na escola e dei-o a ele. E também um cinzeiro de argila, levei-o ao forno, pintei-o e dei-o a papai.
- Você tem feito alguns presentes para o seu pai? E essa história é apenas uma brincadeira?
- Sim. Mas vamos ouvi-la.
Escutamos toda a dramatização de novo e, ao final, ele acrescentou:
- Aqui é Dibs quem está falando. Odeio meu pai. Ele é mesquinho para mim. Ele não gosta de mim. Não

me quer perto dele. Vou descrevê-lo para que possa vigiá-lo. Ele é um homem mesquinho. Muito mesquinho. - Mencionou-lhe o nome e endereço. - É um cientista. Um homem terrivelmente ocupado e quer tudo quieto. Não gosta do garoto. E também o garoto não gosta dele - concluiu, interrompendo a gravação e dirigindo-se a mim.
- Ele já não é mesquinho para mim - disse. - Mas antes o era. Talvez, nem goste de mim agora - comentou, fazendo a fita voltar, e continuou: - Eu o odeio, papai! - gritou. - Nunca mais me tranque lá em cima ou eu o matarei. Eu o matarei de qualquer maneira, por todas as coisas que você fez comigo!
Rebolinou toda a fita, retirou-a e entregou-ma. - Guarde-a. Coloque-a em uma caixa e guarde-a. Conserve-a apenas para nós dois.
- Está certo. Vou guardá-la apenas para nós.
- Quero ir para a sala de brinquedos - disse. - Acabaremos com isso de uma vez por todas.
Mal chegamos à sala, Dibs correu para a caixa de areia. Começou a escavar um buraco profundo. Encaminhou-se até a casa de bonecas e apanhou o boneco-pai. - Você tem alguma coisa a dizer? - indagou ao boneco. - Lamenta todas as coisas ruins que me disse? - perguntou, sacudindo-o e arremessando-o próximo à caixa de areia e batendo no boneco com a pá. - Vou fazer uma prisão para você, com uma grande fechadura na porta. Isso o fará lamentar todas as coisas indignas que tem feito comigo.
Escolheu alguns blocos e começou a construir a prisão para o boneco-pai. Trabalhava com eficiência e rapidez. - Por favor, não faça isso comigo - clamava como se fosse o boneco-pai. - Peço que me desculpe por tê-lo magoado. Mas, por favor, dê-me uma nova

oportunidade - continuou.
- Agora é minha vez de puni-lo por tudo quanto tem feito - Dibs gritava. Colocou o pai na areia e veio até onde eu estava.
- Eu sempre tinha medo de papai - comentou. - Ele era sempre agressivo comigo.
- Estava acostumado a temê-lo? - falei.
- Agora, já não é agressivo comigo, mas vou puni-lo de qualquer forma!
- Mesmo se ele não o trata mais daquela maneira, você continua a querer puni-lo?
- Sim. Vou castigá-lo.
Voltou à caixa de areia e começou a construir a prisão.

Enfim, colocou o pai nela, fechou sua parte superior com um papelão e cobriu-a com areia.
- Quem vai cuidar de você? - gritava, enquanto me olhava explicando-me: - É papai quem está gritando. Diz que lamenta tudo o que aconteceu. - Continuou: - Quem vai comprar-lhe coisas e tomar conta de você? Lembre-se de que sou seu pai! Por favor, não me maltrate. Desculpe-me por tudo o que fiz a você. Lamento tanto! Por favor, Dibs, perdoe-me. Estou tão arrependido. - Dibs continuou ainda a jogar algumas pás de areia até que o boneco-pai ficou totalmente enterrado em sua prisão.
Dibs aproximou-se e pegou meu braço, colocando-o em sua cintura.
E disse:
- Ele é meu pai. Toma conta de mim. Mas estou punindo-o por todas as coisas que me fez e que me tornaram triste e infeliz.
- Você o está castigando por tudo o que ele costumava fazer e que o tornou tão infeliz?
Dibs caminhou até a casinha e apanhou o boneco-menino.
- O garoto ouve seu pai pedindo auxílio e corre para ajudá-lo - falou, pulando para dentro da caixa de areia com o boneco. - Veja, este é Dibs - apresentou-me o boneco, erguendo-o para que eu o visse melhor. - Vai penetrar nessa imensidão deserta à procura da montanha que cobre a prisão de seu pai. O garoto já está cavando. - Dibs apanhou a pá, escavando sob a prisão, alcançando-a. Levantou-lhe a tampa. Espiou o seu interior com curiosidade. - Oba! Ali está ele. Como está arrependido por tudo quanto fez. Agora sua voz e diferente. "Eu o amo, Dibs", é o que diz. "Por favor, ajude-me. Preciso de você", ele suplica. Então o menino abre a prisão e deixa o pai sair. - Cuidadosamente, suspendeu os bonecos em suas mãos e manteve-os assim, enquanto os observava com atenção e calma. Recolocou-os em sua casinha, lado a lado em um banco.
Dibs limpou suas mãos de areia e, uma vez mais, retornou à janela, onde em silêncio contemplou a paisagem.
- O garoto salvou seu pai e este lamentou tudo o que havia feito e que magoara seu filho - comentei. - Ele disse que amava Dibs e que precisava dele.
Dibs virou-se para mim, com um pequeno sorriso a brincar-lhe no canto dos lábios.

- Conversei com papai hoje - disse com tranqüilidade.
- Conversou com o seu pai? Sobre o quê? - perguntei.

- Bem, ele estava na sala de jantar terminando seu café e lendo o jornal da manhã. Encaminhei-me diretamente até ele e cumprimentei-o: "Bom dia, papai. Que você tenha um dia feliz hoje". Ele colocou seu jornal de lado e respondeu-me: "Bom dia, Dibs. Tenha um dia muito feliz também". E sabe que tive? Foi, de fato, um dia feliz o de hoje.
Dibs caminhava em volta da sala, mantendo no semblante a luz do seu sorriso.
- Papai levou-nos à praia de carro, no domingo. Fomos até Long Island e vimos o mar. Papai e eu andamos pela praia e ele me falou tudo sobre o oceano: as marés, as diferenças entre oceanos, lagos, rios, riachos e lagunas. Depois, comecei a construir um castelo de areia, ele perguntou-me se poderia ajudar-me. Dei-lhe minha pá e depois cada um a usava um pouco. Quando terminamos, fomos brincar na água. Estava tão fria, que não ficamos nela muito tempo. Fizemos nosso piquenique no próprio carro. Todos estávamos felizes. Mamãe sorria e sorria.
- Você divertiu-se muito passeando com seu pai e sua mãe?
- Sim, e como foi agradável! Uma viagem deliciosa até a praia e de lá até nossa casa. E não houve palavras más. Nenhuma!
- Sem nenhuma palavra de raiva - comentei.
Dibs foi para a areia e sentou-se na borda da caixa.
- Foi ali que construí a prisão para ele, onde o tranquei e cobri com areia. Perguntei a mim mesmo por que deveria deixá-lo sair da prisão e ser livre. Mas sabe o que respondi? Apenas para deixá-lo ser. Apenas para permitir-lhe ser livre.
- Então você decidiu que ele deveria ser livre?
- Sim. Não queria mantê-lo trancado e enterrado. Desejava somente dar-lhe uma lição.
- Compreendo. Você queria dar-lhe uma lição.
- Hoje conversei com papai - disse Dibs com um sorriso feliz e desanuviado.
É interessante observar que Dibs expressou seu desejo de vingança e ódio de uma forma mais aberta apenas depois que sentiu maior segurança no seu relacionamento com o pai. Foi bom ouvi-lo falar de suas agradáveis experiências com sua família. E saber que seu pai não somente o instruíra sobre oceanos, rios e correntes, mas que dividira com ele o uso da pá e o ajudara a construir o castelo de areia.

Capítulo XX

- Aqui estou novamente! - exclamou Dibs, quando entrou na sala de espera, na quinta-feira seguinte. - Não terei muitas oportunidades de
vê-la antes de minhas férias de verão.
- Sim. Teremos três encontros, incluindo o de hoje. Então, ambos

entraremos em férias.
- Iremos para uma ilha - comentou Dibs. - Espero gostar de minhas férias este ano. Vovó está planejando passar o verão conosco ao invés de seu habitual período de férias. Que boa idéia!
Andou pela sala. Então pegou a boneca.
- Bem, aqui está a irmã - apresentou, embora nunca houvesse visto aquela boneca antes. - Não é mesmo uma pirralha? Vou dar-lhe para comer um pouco de um saboroso pudim de arroz, só que porei veneno nele e assim ela desaparecerá para sempre.
- Você quer livrar-se da irmã?
- Muitas vezes ela grita, arranha-me, machuca-me tanto que fico com medo dela. Outras tantas bato nela também. Mas ela não fica em casa por muito tempo. Entretanto, logo ela estará em casa para passar o verão conosco. Ela tem cinco anos agora.
- Algumas vezes vocês brigam e machucam um ao outro?
- Sim - respondeu. - Mas raramente ela vem para casa. Neste último fim de semana ficou conosco.
- E como foram as coisas, então?
- Oh! - hesitou, encolhendo os ombros. - Nem me importo. Quando sinto vontade, brincamos juntos. Mas não deixo que ela entre em meu quarto. Tenho muitos tesouros lá. Ela tenta agarrá-los e destruí-los. Por isso brigamos. Mas não tanto quanto antes. No próximo ano, ela virá morar conosco. E deverá freqüentar a mesma escola que eu.

- E como você se sente diante dessa perspectiva?
- Bem, isso não me importa. Às vezes, penso que fico contente sabendo que ela vem para ficar. Com certeza, deve sentir-se muito só, tão longe de casa. A escola é de nossa tia-avó. Contudo, todos acham que ela deve voltar para casa.
- E você está contente?
- Sim. Realmente estou - replicou. - Sua presença não me perturba mais. Quando estou brincando com meus blocos, trens, carros ou meu conjunto de construção, ela se aproxima e brinca comigo. Ajuda-me, entregando-me blocos ou peças. Não tenta destruir ou demolir o que faço. Por isso, às vezes, brincamos juntos. No domingo, li uma história para ela. Era um livro novo com que papai me havia presenteado. Era a história da eletricidade. Disse-me que não imaginara o quanto aquele assunto era interessante. Eu já previa aquilo. Disse-lhe para ficar atenta e aprender tudo o que possa. Sabia que aquela seria uma história fascinante. Papai contou-me que estava na livraria e olhou aquele novo livro para crianças e logo imaginou que eu iria gostar de lê-lo. E acertou!
Aproximou-se da mesa e começou a bater sobre uma pequena quantidade de argila.
- Daqui a pouco o verão vai chegar - observou. - Irei para a praia. Para o sol. Sentirei o vento. Que bom será! Mas antes tenho que fazer uma coisa.
Encaminhou-se para o cavalete, apanhou um pote de tinta e um copo. Derramou nele uma pequena quantidade de tinta, acrescentando um pouquinho de água. Adicionou outras cores à mistura e agitou bem.

- Este é o veneno para a irmã - avisou. - Ela pensará que é um cereal e o comerá. Será, então, seu fim.
- Então este veneno é para a irmã e depois que ela o comer será o fim para ela?
Dibs acenou com a cabeça afirmativamente e olhou para mim.
- Não vou dar-lhe o veneno por enquanto - falou. - Esperarei um pouco para meditar mais sobre o assunto.
Foi até a cozinha e dirigiu-se à boneca-mãe.
- O que você tem feito com o garoto? - inquiriu-lhe. - O que tem feito com ele? Você é
estúpida e venho lhe dizendo a mesma coisa sempre. Será que sente vergonha de si mesma? - Levou a boneca-mãe para a areia. - Erga aqui uma montanha - ordenou-lhe. - Vamos, fique bem aí, construa a montanha e faça isso direito. O menino permanecerá aqui para

fiscalizar seu trabalho. É bom que você tome todo o cuidado, pois estarei olhando você a cada minuto. Meu Deus! Meu Deus! Por que ele é assim? Que fiz eu para merecer isso? Construa a montanha, e não me venha dizer que não pode fazê-lo. Vou lhe mostrar como se faz. Vou ensinar-lhe uma, duas, três, muitas vezes. Mas você terá de erguê-la.
Atirou a boneca na areia e foi até a janela. - É tão difícil fazer isso. Ninguém pode construir uma montanha. Mas eu farei com que ela cumpra a tarefa. Terá que erguer a montanha e o fará corretamente.
Há sempre um modo certo e outro errado de fazer as coisas. E você fará seu trabalho da forma correta.
Vagueou pela sala até chegar junto à mesa. Pegou a mamadeira e sugou-a durante muito tempo, enquanto mantinha seu olhar fixo em mim.
- Sou apenas um bebê - observou. - E nada posso fazer ainda. Alguém deve cuidar de mim. Serei o bebê. O bebê não precisa sentir medo. Vovó tomará conta do bebê. - Tirou a mamadeira da boca, colocando-a sobre a mesa.
- Mamãe não pode construir a montanha - falou calmamente. - E os bebês também não. Ninguém pode construir uma montanha.
- Mamãe não pode? E os bebês também não? Parece-lhe uma tarefa grande demais para ser executada? - perguntei.
- Uma imensa tempestade poderia desabar e carregar para bem longe todo mundo.
- Poderia?
- Apenas eu não quero que essa tempestade aconteça - falou Dibs suavemente. - Não quero que ninguém seja soprado pelo vento para longe daqui.
- Compreendo.
- Por que você não constrói aquela montanha? - Dibs gritou de novo. - Por que você não faz aquilo que lhe foi ordenado? Se você gritar ou chorar mandarei trancá-la em seu quarto. - Olhou para mim e disse: - Ela tenta e tenta e tenta. Está apavorada, porque não gosta de ficar trancada em seu quarto. E agora me chama para ajudá-la.

Dibs continuou em pé, próximo à caixa de areia, olhando a boneca-mãe.
- Ela está tentando construir a montanha, mas está amedrontada porque não gosta de ficar trancada em seu quarto? Está pedindo que você a ajude? - perguntei.
- É isso mesmo - concordou. Dibs recurvou-se para apanhar a boneca que há pouco identificara como sua irmã. Abraçou-a. - Pobre irmãzinha! Você ficou com medo? - perguntou com meiguice. - Cuidarei de você. Vou dar-lhe a mamadeira. Isso a fará sentir-se mais reconfortada - disse ele segurando a mamadeira na altura dos lábios da boneca, enquanto gentilmente a embalava. - Pobre irmãzinha! Cuidarei de você. Deixarei que venha à minha festa. E ninguém irá maltratá-la.
Carregou-a até o quarto da boneca, onde a deitou com delicadeza na cama, cobrindo-a com cuidado, mas trouxe a mamadeira de volta para a mesa. Chupava o bico.
- Você vai ajudar a irmã? - perguntei.
- Sim - respondeu. - Tomarei conta dela.
E quedou-se em silêncio durante um longo período.
- Dois de nossos peixinhos da escola morreram hoje - contou-me. - Não sabemos o que lhes aconteceu. Hedda falou-nos que os encontrou mortos esta manhã.
- Ah, foi?
- Fiz um livro para mamãe na escola, hoje. Ela adora flores.
Assim, recortei algumas de um catálogo de sementes. Preguei-as num papel colorido e escrevi o nome de cada flor sob a gravura. Juntei todas as páginas e costurei-as com linha verde.
- Que interessante! E o que fez com ele?
- Ainda está na escola. Vou fazer alguma coisa para papai. E estou tentando imaginar um presente para Dorothy. Quando tiver preparado uma lembrancinha para cada um, então, levarei tudo para casa.
- Assim, você planeja preparar um presente para cada um?
- Bem, esse é o meu plano. Ainda não fui capaz de decidir o que fazer para minha irmã. Estou confeccionando para papai um peso para papéis.
- Você deseja fazer alguma coisa para cada membro de sua família?
- Certo. E não quero que ninguém fique esquecido. Darei para vovó um pedacinho do final do ramo de minha arvore favorita.
- Vovó ficará alegre com isso?
- Sem dúvida. Ficará muito feliz! É um de meus tesouros.
Retornou à areia.
- Muito bem, mãe! - gritou. - Que está fazendo aí sozinha? Não deveria estar construindo a montanha? Venha cá. Vou ajudá-la. Venha para perto de

mim - falou gentilmente, embalando-a nas mãos. - Algumas vezes ela costuma chorar - declarou em um tom de voz baixo. - Seus olhos se encherão de lágrimas e elas rolarão por seu rosto e ela chorará. Acho que, talvez, esteja triste.
- Talvez esteja triste - falei.
- Vou colocá-la em casa junto com a família - anunciou. - Porei

todos em volta da mesa de jantar, onde poderão estar juntos.
Observei com que cuidado ele colocava a família de bonecos em volta da mesa. Ajoelhou-se ao lado da casinha de bonecas e cantarolou suavemente para eles.
- Juntos estamos e suplicamos as bênçãos do Senhor. - Interrompeu a canção, de súbito, e censurou-se. - Não, não devo cantar essa canção. Ela é somente para vovó. Essas pessoas não freqüentam igrejas?
Atravessou a sala em direção ao cavalete e pintou manchas de cores brilhantes no papel.
- Isso significa felicidade - explicou, enquanto seu pincel espalhava de leve novos pingos em sua pintura. - Todas as cores estão felizes, e todos, lá dentro, estão reunidos, contentes e amigos. Haverá apenas duas quintas-feiras mais depois desta - disse.
- Sim, duas quintas-feiras mais e teremos as férias de verão. Talvez você possa voltar para uma outra visita no outono, se quiser.
- Sentirei falta de você. Terei saudades de minhas vindas aqui. Você também sentirá minha falta?
- Sim, Dibs. Sentirei sua falta.
- Ambos estaremos fora no verão - falou, acariciando minha mão e sorrindo.
- Sim, estaremos.
- Que maravilhosa sala de brinquedos! É uma sala feliz.
Sim, a sala de ludoterapia havia sido um recinto feliz para Dibs em determinadas ocasiões. No entanto, momentos tristes e difíceis ali foram por ele vividos também. Escavara seus próprios sentimentos, revivendo experiências passadas que o haviam ferido profundamente.
Estava aprendendo com a experiência que os sentimentos podem ser torcidos e modificados até perderem suas afiadas pontas. Estava aprendendo o controle responsável e novas formas de expressar suas emoções. Através desse crescente autoconhecimento, Dibs estaria livre para usar suas habilidades e sentimentos mais construtivamente.
Dibs estava em pé à minha frente, a cabeça erguida. E um sentimento profundo de segurança dentro de si. Seus sentimentos de ódio e vingança haviam sido temperados com o perdão. Dibs estava construindo um conceito de si mesmo como se apalpasse o emaranhado de espinheiros de seus conflitos emocionais. Podia amar e odiar. Condenar e perdoar.

Capítulo XXI

Havia tomado emprestado um conjunto de "World test" e ele estava na sala de ludoterapia quando Dibs veio na semana seguinte. Esse material consiste em várias miniaturas detalhadas de pessoas, animais, edifícios, árvores, barreiras, carros, aviões, etc. Foi projetado, inicialmente, como um teste de personalidade, mas não ia usá-lo para tal finalidade com Dibs. Achei que ele gostaria das pequenas figuras e, se desejasse utilizá-las, sua brincadeira

seria interessante. Não tinha a
intenção de sugerir-lhe o uso daquele material ou de qualquer outro, pois não desejava dirigir suas atividades. Seria mais um brinquedo disponível para ser usado, caso o escolhesse.
Dibs imediatamente notou a presença do estojo e abriu-o rapidamente.
- Temos algo novo por aqui! Que objetos pequenos! - comentou manuseando e misturando todo o material. - Há pessoas em miniatura, prédios e animais. O que é isso?
- Você pode construir um mundo com isso, se quiser respondi. - Há uma peça para ser colocada no chão e essas tiras azuis podem simbolizar as partes cobertas por água.
- Oh! entendi. Como é interessante! Pode ser uma cidade de brinquedo. Posso construí-la do jeito que quiser.
- Sim, você pode.
Dibs estendeu a folha no chão e sentou-se ao lado do material.
Selecionou cuidadosamente as peças. Iniciou com uma igreja, uma casa e um caminhão. - Vou construir meu mundo - falou com alegria.
- Gosto desses prédios pequeninos, das pessoas e coisas. Contarei a você a história do que estou construindo, enquanto você observa seu crescimento.
- Esta é a igreja, uma grande igreja branca - falou, pegando a primeira miniatura. - Uma igreja para Deus e para esse povo pequenino. Esta é uma cidade cheia de coisas. As casas e os caminhões estão cheios de barulhos. É o barulho da cidade - explicou iniciando o traçado das ruas. - As casas enfileiram-se umas atrás das outras. Esta é uma cidade completa. E aqui uma acanhada ruela de fundo. Agora, aqui, corre uma estrada que vai até o aeroporto. Este fica próximo ao mar. Colocarei aviões no aeroporto. Já aqui, no oceano, porei estes barquinhos. Oh, veja! Aqui estão as placas das ruas. Esta é a Second Avenue. E, na verdade, existe uma Second Avenue aqui em Nova York. Estes são os sinais de trânsito que indicam "pare" ou "siga". Esta é uma cerca e esta, uma barreira. Este avião está sobrevoando a cidade - anunciou, produzindo um ruído semelhante ao de uma aeronave.
"O barco está aqui, no rio. Flutua para cima e para baixo. Agora, três aviões estão pousados no aeroporto. E aqui está um hotel. Agora, onde o porei? Vou armá-lo aqui. Em frente a ele colocarei a banca de jornais e revistas. Em seguida, completarei o espaço com casas. Ah, e as lojas? Bem, as pessoas precisam de armazéns e casas para compras. Onde estão as lojas? Ah, aqui estão. Há também um hospital e uma garagem. Enfim, tenho tudo o de que preciso para construir meu mundo."
- É. Parece que sim.
- Este hospital é um prédio grande. Vou colocá-lo aqui, na First Avenue. É justamente isso que a placa indica. Portanto, aqui ficará o hospital. Para pessoas doentes. Cheira a doença e a remédios e é um lugar triste. Esta aqui é uma linda casa e está no lado sul da rua. Bem, mas esta é uma cidade imensa, barulhenta e precisa de um parque. Construirei um parque, portanto. Cheio de árvores e arbustos. Bem aqui
será a escola. Não - recuou, guardando a miniatura no estojo. - Ali ficará uma outra casa. Tantas casas próximas umas das outras!

E todas habitadas. Formam uma vizinhança amiga. Agora, levantarei uma cerca em volta do aeroporto. Será uma medida de segurança. Agora as cercas vivas - ecidiu, selecionando as plantas de espuma de borracha verdes. - Estão rescendo. Cercas vivas e arbustos. Muitas árvores. Todas enfileiradas na avenida. Árvores cobertas de folhas. Uma cidade no verão.
Sentou-se sobre os calcanhares e fitou-me. Estendeu os braços e sorriu.
- Oh, adorável verão, pleno de folhas! Agora, fora da cidade haverá uma fazenda com muitas vacas pastando - falou, enfileirando-as. - Elas estão indo para

o estábulo. Aguardam a hora de serem ordenhadas - comentou, voltando-se, em seguida, para a caixa em busca de novos elementos.
- Agora será a vez das pessoas! - gritou. - Uma cidade tem de ter pessoas. Aqui está o carteiro - disse, exibindo para mim uma das figuras. - Que grande bagagem carrega! São cartas. Por isso movimenta-se pelas ruas, parando em cada casa. Assim as pessoas vão recebendo suas cartas. E Dibs, té Dibs recebe uma carta dirigida só a ele. O carteiro continua seu trabalho. Chega ao hospital. Também os feridos e os doentes recebem suas cartas. E quando isso acontece, sorriem por dentro. Riem de coração. O caminhão segue para o aeroporto. A cerca mantém os aviões em seu próprio campo, impede-os de ultrapassar os limites e, assim, atingir as pessoas. O avião está voando no céu, sobrevoa a cidade. Veja só! Sobre a cidade. O avião cortando o azul do céu, bem próximo do brilho e da brancura das nuvens. - Dibs interrompeu seu brinquedo e sentou-se em silêncio, observando o mundo que estava criando. Suspirou. Apanhou novas figuras no estojo.
- Aqui estão as crianças e suas mães - disse. - Vivem juntas na fazenda, em uma casa aconchegante. Há também carneirinhos e galinhas. A mãe está descendo a rua em direção à cidade. Não sei para onde se dirige. Será que vai ao açougue comprar carne? Não. Prossegue sempre descendo a rua, descendo, até parar ao lado do hospital. Tento adivinhar por que decidiu parar justamente ali.
- Eu também, Dibs.
Ficou sentado imóvel por um longo tempo, olhando para a figura da mãe.
- Bem - disse finalmente. - Lá está ela ao lado do hospital. Há filas de carros correndo pelas ruas. E um carro de bombeiro. Todos devem afastar-se para dar-lhe passagem - falou, enquanto os movimentava para cima e para baixo, imitando o barulho característico de um trânsito intenso.
- Mas onde estão as crianças? Oh, aqui está uma delas. Encaminhando-se sozinha para o rio. Pobre criancinha tão solitária. E o jacaré nada naquele rio. E aqui está uma cobra enorme. Algumas serpentes vivem dentro da água. O garoto aproxima-se mais e mais do rio. E a cada
passo chega mais perto do perigo.
Uma vez mais, Dibs parou sua atividade para observar seu mundo.
De repente, sorriu.

- Sou um construtor de cidades - disse. - O cozinheiro saiu para esvaziar a cesta de lixo. Aquela senhora vai fazer compras. A outra dirige-se à igreja para cantar um hino, pois é uma boa mulher. - Colocou outra criança ao lado daquela, que permanecia na margem do rio. - Esta criança seguirá o menino. Brincando na água, ele ignora a existência do jacaré e da cobra. Mas o outro garoto é seu amigo e vai avisá-lo do perigo e aconselhá-lo a tomar um barco. O menino entrou no barco. E ele é seguro. Os dois meninos sobem no barco e são amigos - afirmou, colocando-os num barquinho.
- Agora temos aqui o policial que dirige o trânsito. Isso é bom para todo mundo. - Coloca mais sinais de trânsito em sua cidade. - Algumas ruas têm duas mãos de direção, e outras, só uma. Esta rua é de mão única. - Dibs tirou a escola da caixa. - Ah! nesta placa está
escrito: "Escola n° 1". Devemos ter escolas - observou rindo. - As crianças necessitam de escolas. Assim, poderão ser educadas. Esta criança aqui - esta garotinha - ficará em casa. Ficará com sua mãe, seu pai e seu irmão. Todos querem que ela permaneça em casa, para que não se sinta sozinha. - Dibs estava absorvido na tarefa de criar seu mundo.
Selecionou todas as miniaturas humanas que encontrou no estojo e as foi distribuindo em volta da sua cidade. Havia criado um mundo cheio de gente.
- Aqui é um lar - falou, indicando uma das casas. - Há uma árvore grande no quintal. Uma árvore muito especial. Aquele homem que caminha na calçada dirige-se para seu lar. É o pai.
Dibs levantou-se, atravessou a sala em direção à parede recoberta pelo espelho, onde bateu com vigor.
- Tenho novos brinquedos. Uma cidade completa para construir, com casas, pessoas e animais. Criei uma cidade - uma imensa e povoada cidade, toda comprimida como Nova York. Sem dúvida, alguém está datilografando um bocado nesse escritório.
Retornou à sua cidade, ajoelhando-se no chão, a seu lado.
- O caminhão de lixo vem descendo esta rua. O sinal de trânsito indica-lhe que deve parar. Mas quando o policial o vê, troca o sinal, permitindo que continue. O caminhão segue o seu caminho, feliz. Um cachorro também está descendo a rua e o policial muda o sinal para que ele não tenha que esperar e assim o cachorro prossegue, feliz. Pare. Siga. Pare. Siga. Digo-lhe que há vida nesta cidade. Coisas movem-se. Pessoas vão e vêm. Casas, igrejas, carros, pessoas,

animais e lojas. Aqui, ao ar livre, estão os animais em uma fazenda fresca e verdejante.
De repente, apanhou o carro de bombeiros e zumbindo fê-lo descer a rua.
- O corpo de bombeiros recebeu um chamado urgente. A casa está pegando fogo e as pessoas estão presas no segundo andar - as pessoas adultas. Gritam e vociferam e não conseguem sair. Mas o carro de bombeiros chega e lança água por toda a casa. Estavam aterrorizados ao

extremo, mas foram salvos.
Dibs riu levemente consigo mesmo.
- Por que aquele era seu pai, Dibs? E aquela, sua mãe? - Encaminhou-se para a mesa e sentou-se, fitando-me. - Papai continua muito, muito ocupado - disse. - Outro dia, o Dr. Bill foi à nossa casa ver mamãe. Eles eram bons amigos. Conversou durante muito tempo com mamãe. Dr. Bill gosta de minha mãe. Falou que eu estava bem.
- Foi isso que ele disse?
- Opa! Não posso me esquecer. Quando sair daqui hoje devo ir ao barbeiro para cortar meus cabelos. Costumava fazer um tremendo alarido. No entanto, nunca mais fiz isso. Sabe? Uma vez mordi o barbeiro.
- Você o mordeu?
- Sim, estava amedrontado. Mas agora não tenho mais medo.
- Então, você não mais tem medo?
- Acho que é porque estou crescendo. Mas devo terminar minha cidade. Vou colocar várias árvores, arbustos e plantas à sua volta. Então, ela ficará mais bonita. Esta é uma rua muito movimentada. Colocarei todas estas pessoas dentro da cidade. Olhe só este táxi que vem de encontro ao trem. As pessoas estão sempre se visitando e todos ficam felizes de se verem. Lá vem o carteiro. Quantas ruas já percorreu distribuindo cartas para as pessoas. Mas aqui está papai tentando chegar a casa. Foi obrigado a parar no sinal de trânsito que diz "pare".
Espera até o sinal mudar, mas ele continua no "pare" e papai não pode prosseguir. Oh, quantas árvores há pelas ruas! As cidades precisam de árvores porque elas dão uma sombra amiga. Veja minha cidade. Meu mundo! Construí meu mundo. É um mundo cheio de gente amiga!
Quando nosso horário terminou, Dibs olhou o mundo que havia construído - um mundo repleto de pessoas amigas. Mas "papai" estava parado, impedido de seguir para casa pelo sinal de trânsito. Quando Dibs saiu da sala de ludoterapia havia um sorriso em seus lábios ao deixar "papai" imobilizado em seu mundo de pessoas amigas.
Dibs havia construído uma cidade bem organizada, cheia de pessoas e de movimento! Seu plano demonstrou alta inteligência, capacidade de globalização do todo, bem como dos detalhes de seus conceitos. Havia nele finalidade, integração e criatividade. As atraentes miniaturas o estimularam. Na verdade, ele construíra um mundo altamente desenvolvido e pleno de significados. Sentimentos hostis foram expressos de uma forma direta, em relação a seu pai e sua mãe. Afloraram também explicitações da consciência de sua responsabilidade. Dibs estava crescendo.

Capítulo XXII

Dibs chegou para sua última sessão antes das férias sugerindo que usássemos parte do período em meu escritório. Sentou-se em minha escrivaninha, olhando-me fixamente. - Esta é minha última quinta-feira - disse.

- É verdade, Dibs.
- Então viajarei no verão. Irei à praia. Há muitas árvores no campo mas não na praia. A água é tão azul. Gosto do mar. Entretanto, vou sentir falta de minhas vindas aqui. Sentirei saudades de você.
- E eu também, Dibs. Foi tão agradável tê-lo conhecido.
- Queria ver se o meu nome ainda está em seu arquivo.
- Olhe e verifique.
Assim o fez. E encontrou sua ficha.
- Vai conservá-la sempre? Vai se lembrar de mim?
- Sim, Dibs. Sempre me lembrarei de você.
- Ainda guarda a fita que gravei?
- Claro, guardo-a sim.
- Deixe-me vê-la uma vez mais.
Localizei a fita no armário e entreguei-a a ele. Seu nome estava escrito na tampa da caixa.
- Você fez gravações, Dibs - disse ele. - Gravou esta fita. Ela registrou minha voz. É minha voz que está na fita.
- Sim. É a gravação que você fez.
- Será que poderia acrescentar outras palavras ao que foi gravado?
- Se você quiser.
- Pois quero. Farei com que o gravador registre minha voz de novo. Gosto dele. Colocamos a fita no gravador e ouvimos até a parte que

ele gravara antes. Depois ele preparou o gravador para a gravação adicional.
- Esta é minha última visita à sala de brinquedos - disse ele, falando ao microfone. - Aqui, Dibs falando. Esta é minha voz. Eu vim para a sala de brinquedos. Fiz tantas coisas nesta sala. Eu sou Dibs. - Houve uma longa pausa. - Eu sou Dibs - repetiu ele vagarosamente. - Pode ser que no outono eu volte para uma visita. Talvez só para mais uma visita depois do verão. Estou indo embora para as férias de verão e ficarei à beira-mar. Ouvirei as ondas. Brincarei na areia. - Houve outra longa pausa. Em seguida, ele desligou o gravador.
- Vamos voltar para a sala de brinquedos - disse ele. - Quero brincar de construção do mundo de novo.
Fomos para a sala de ludoterapia. Dibs retirou os materiais e, mais uma vez, começou a construir sua cidade. Rapidamente ergueu os edifícios e as árvores. Colocou as outras figuras dentro da cidade e à sua volta. Depois, selecionou quatro edifícios e arrumou-os cuidadosamente.
- Vê estas duas casas? - disse ele. - Esta é uma casa. E esta é uma casa. Este edifício é uma cadeia, e este, um hospital. - Colocou as duas casas uma ao lado da outra. - Esta é sua casa e esta, a minha - disse ele, indicando as duas casas. - A minha é toda branca e verde. Há árvores e flores e pássaros cantando em torno dela. Todas as portas e janelas estão completamente abertas. Você mora bem a meu lado. Você tem uma casa muito bonita, também. E, em volta de sua casa, há flores e árvores e pássaros cantando. Não há muro nem cerca entre sua casa e a minha.

Ele passou os olhos pelos edifícios e pegou a igrejinha. Colocou-a atrás de sua casa.
- Aqui está a igreja - disse. - Ela fica atrás de minha casa. - Moveu-a um pouco, o suficiente
para colocá-la bem no meio das duas casas. - Ela está atrás e no meio de ambas as nossas casas - acrescentou. - Compartilhamos a igreja. E os sinos. E ambos ouvimos a música da igreja. Agora, aqui está a cadeia. Ela fica do outro lado de minha casa. E aqui está a escola. Veja, nós compartilhamos a igreja e a escola, mas a cadeia é só minha. Você nada tem a ver com prisões. Não gosta delas. Elas não têm utilidade para você. Mas para mim, têm. Há um cavalo enorme e um castanheiro em meu pomar. E verão e há muitas árvores - frescas, verdes e outras desfolhadas

pelo vento. - Abriu os braços como se fossem galhos e balançou-os suavemente ao sabor do vento que imaginava.
De repente, levantou-se e passeou pelo recinto. Olhou pela janela.
- Há carros estacionados lá fora. Mas não posso ver ninguém lá fora agora.
Parecia um pouco frustrado, mas retornou à sua cidade, ajoelhou-se no chão e começou a movimentar algumas das figuras.
- Aqui é a Rua da Prisão - disse. - Não há arvores perto dela. Fica aqui embaixo, afastada das casas amigas e da igreja. É solitária e fria. Mas a igreja fica perto de nossas casas - falou, acariciando sua torre. - Há uma cruz no alto da igreja, para indicar direções. Mas este prédio aqui é a prisão. É para onde papai está indo. Meu papai. Seu escritório fica no primeiro andar da prisão. - Dibs ria.
Imitou o ruído característico de carros subindo e descendo as ruas. Cantarolou uma pequena canção. Reuniu as figuras da mãe, do pai, da menina e do menino em suas mãos. - Estas são pessoas. São o pai, a mãe, a irmã e o garoto. Agora o pai está encostado em nossa casa. Não sabe o que fazer. Esta é a mãe. E o nome deste menino é Dibs. Esta garotinha está com seu pai. Ela está indo para a prisão. A irmã e a mãe estão indo para a prisão, pois não preciso de uma irmã - concluiu, atirando a boneca de volta à caixa.
De novo, ergueu-se e caminhou pela sala, suspirando fundo.
- Passo, geralmente, todo o domingo em casa. Domingo é um dia de nada. Jake falou que o domingo era um dia sagrado. Mas está vendo esta prisão? - Pegou-a e levantou-a para que eu a visse.
- Sim, estou vendo.
- É uma cadeia de uma única entrada. É uma prisão de entrada única numa rua de mão única. Por isso não há caminho de volta, depois que alguém é levado para lá. A irmã está perdida agora.
- Sim. Entendi, está perdida agora.
- Como esta cidade está tumultuada! Muitos desejam sair, espalhar-se pelo interior, E várias pessoas destas casas começam a mudar-se. Passam pela casa de Dibs, pela sua casa, no caminho para o interior.
Ele colocou uma outra casa.

- Esta é a casa de vovó - disse. - Não há árvores ao redor dela. Ela adora árvores, ela tem de caminhar até minha casa para desfrutar as árvores.
Revolveu as figuras e dali retirou um homem. Estudou-o cuidadosamente.
- Este é o garoto grande - disse. - Acho que é Dibs. Vou retirar esta criancinha e substituí-la por Dibs já crescido. - Trocou as figuras. - Esta é vovó. Boa vovozinha. Vovó tão amiga! E o carteiro está vindo para entregar uma carta a Dibs. Dibs é adulto agora. Acho que está tão grande quanto papai. - Mediu as figuras cuidadosamente. - Sim. Dibs está tão grande quanto papai, e maior que mamãe. Há plantas e cercas vivas em volta da cidade. Crescem para embelezá-la. Cada plantinha verde a ajuda. Colocarei cercas em volta do aeroporto como medida de segurança. O carro de bombeiros está trafegando com dificuldade, pois o trânsito está difícil. Mas não há mais incêndios. Todos estão salvos e felizes.
Aproximou-se de mim.
- Vou viajar na próxima semana. Ficarei fora durante todo o verão. Vovó estará conosco. Mas quando eu retornar, em setembro, quero voltar aqui para uma visita.
- Acho que isso pode ser resolvido - disse. - E desejo que você tenha um verão muito feliz.
Dibs sorriu.
- Recebi o meu álbum da escola - falou. - Minha
fotografia está lá. Estou na fila da frente, entre Sammy e Freddy. Nele, há uma história que escrevi, sobre minha casa e minha grande amiga, a árvore do lado de fora de minha janela. Você se lembra do que lhe narrei sobre ela?
- Sim, lembro-me.
- Pois os pássaros vão até aquela árvore e abro minha janela e converso com eles. Eu os mando a diferentes lugares ao redor do mundo. Digo-lhes para irem à Califórnia, Londres, Roma e cantarem canções e fazerem as pessoas felizes. Amo os pássaros. Somos amigos. Bem, agora tenho uma coisa importante a fazer. Devo tirar minha irmã da caixa e decidir o que fazer com ela. Ela tem de ficar em casa. E quando o pai chega do escritório ele a repreende. Então, a irmã vai viver com os porcos. E a mãe também. - Ele ria.
- Não é verdade. Todos moram juntos numa casa: a mãe, o pai, a irmã e o garoto.
Suspendeu a figura do menino que havia designado como Dibs e a figura do Dibs adulto. Segurou as duas.
- Aqui está o Dibs menino e o Dibs adulto. Este sou eu e este sou eu.
- Estou vendo. Você é o Dibs menino e o Dibs adulto - comentei.
- Aqui está uma mulher descendo a rua. Dirige-se a

minha casa. Quem é ela? É Miss A., e vive aqui com Dibs. A irmã mora com seu pai. Não tem mãe. Tem somente um pai, que lhe compra as coisas de
que precisa, mas que a deixa sozinha quando vai para o trabalho. A mãe caiu no rio. Mas conseguiu salvar-se. Ficou apenas muito

molhada e terrivelmente assustada. Esta mulher aqui está descendo a rua. Está indo para a igreja. E fazendo o que é certo. - Colocou a figura junto da igreja. - E estes homens estão indo para a guerra. Vão lutar. Haverá sempre guerras e lutas, imagino. Entretanto, estas quatro pessoas formam uma família e resolvem fazer uma excursão juntos e vão. Viajarão para a praia e estão felizes. Estão todos juntos e sentem-se felizes. Aí a vovó chega e os cinco serão felizes juntos.
Dibs inclinou-se sobre sua cidade e remanejou a cadeia.
- cadeia fica bem perto da casa de Miss A. agora, e ela diz que não gosta de prisões, leva-a para bem longe, enterra-a na areia e não há mais cadeia alguma para ninguém. - Dibs enterra a prisão na caixa de areia. - Então, há estas duas casas. A sua e a minha e pouco a pouco começam a afastar-se uma da outra. - Afastou lentamente as duas casas. - Minha casa e a de Miss A. estão se distanciando cada vez mais - quase uma milha as separa. E a irmã é agora a garotinha de Miss A. E vem à sua casa para entrevistas. - Colocou Miss A. e a menina juntas ao lado da casa.
- É de manhã bem cedo e o Dibs adulto vai para a escola. Tem vários amigos por lá. Mas este garotinho é o Dibs menino. - Manteve a última figura em sua mão, estudando-a cuidadosamente. - Este garotinho está muito doente. Vai para o hospital porque está definhando. Está se consumindo pouco a pouco, até desaparecer completamente. - Voltou-se e enterrou a figura na areia. - O garotinho está acabado, agora - disse.
- as o Dibs adulto é grande, forte e corajoso. Já não tem mais medo. - Levantou os olhos para mim.
- Grande, forte e corajoso e não tem mais medo.
Dibs suspirou.
- Devemos despedir-nos hoje. Ficarei ausente por um longo tempo. Você vai para longe e eu também. Teremos nossas férias. E já não sinto medo.
Dibs havia chegado a um acordo consigo mesmo. Com sua simbólica representação fizera transbordar sua dor, seus sentimentos feridos, dela emergindo fortificado e seguro. Havia saído em busca de um eu que ele poderia reivindicar com orgulhosa identidade. Agora estava começando a elaborar um autoconceito que estava mais em harmonia com suas capacidades. Estava realizando sua integração pessoal.
Os sentimentos de hostilidade e vingança que expressara contra seu pai, mãe e irmã ainda chamejavam um pouco, mas não queimavam com ódio ou medo. Ele trocara o pequeno, imaturo, amedrontado Dibs por um autoconceito fortalecido pelos sentimentos de capacidade, segurança e coragem. Aprendera a entender seus sentimentos, a enfrentá-los e controlá-los. Já não estava submerso em seus sentimentos de medo e raiva e ódio e culpa. Havia se tornado uma pessoa com todos os seus direitos.
Encontrara um senso de dignidade e respeito próprio. Com essa confiança e segurança estaria apto a aceitar e respeitar outras pessoas em seu mundo. Já não tinha medo de ser ele mesmo.

Capítulo XXIII

Só voltei de minhas férias no dia 1º de outubro. Havia recados para mim. Um era da mãe de Dibs. Telefonei-lhe, ansiosa para saber que experiências o verão trouxera para aquela família.

- Dibs queria um encontro mais - disse. - Já no dia 1º de setembro pediu-me que o levasse para visitá-la. Expliquei-lhe que você só regressaria no início de outubro. Nada mais mencionou a respeito, até que setembro findou. Lembrou-se no dia 1º de outubro que você já deveria ter voltado. Pediu-me que lhe marcasse uma visita mais. Uma última visita. Foi por isso que lhe telefonei. - Ela ria suavemente. - Ele tem estado ótimo. Tivemos um verão maravilhoso. Jamais poderei dizer-lhe o quanto estamos felizes e agradecidos. Dibs não é a mesma criança. Está feliz e descontraído. Relaciona-se conosco muito bem. Conversa durante todo o tempo. Creio que ele realmente não mais precisa de terapia. Portanto, se você estiver ocupada demais, basta dizer-me, que explicarei a Dibs.

Não é necessário dizer que eu não estava ocupada demais para rever Dibs. Marquei uma hora para ele na quinta-feira seguinte.

Dibs entrou com um passo firme, um sorriso vivo e olhos brilhantes. Parou para conversar com as funcionárias que datilografavam e transcreviam relatórios na secretaria. Perguntou-lhes o que faziam e se gostavam de seu trabalho.

- Vocês são felizes? - indagou-lhes. - Devem ser!

Era uma notável mudança desde sua vinda anterior. Estava tranqüilo, espontâneo, feliz. Havia graça e naturalidade em seus movimentos. Logo que fui encontrá-lo na sala de espera, correu em minha direção e estendeu sua mão para cumprimentar-me.

- Quis vê-la uma vez mais - disse. - E aqui estou. Vamos primeiro para seu escritório.

Fomos. Dibs deu alguns passos até o centro da sala, olhando em volta. Exibia um grande sorriso. Correu, passando a mão na escrivaninha, nos armários, cadeiras e estantes. Suspirou.

- Ah, que lugar maravilhoso e feliz!

- Você tem se divertido aqui, não é verdade?

- Ah, sim - respondeu. - Muito. Muitíssimo. Há tantas coisas maravilhosas aqui.

- Que coisas maravilhosas?

- Livros, livros e livros - respondeu, passando levemente os dedos sobre eles. - Amo os livros. E não é de fato divertido que pequenos sinais escuros sobre um papel podem ser tão interessantes? Folhas de papel com minúsculos símbolos pretos, e temos uma história.

- É sim, Dibs. Isso é extraordinário.

- Que dia lindo! - exclamou olhando para fora. - E esta é uma linda janela para se olhar através dela.

Sentou-se junto à escrivaninha e puxou o arquivo de cartões, examinando-os e sorrindo abertamente.

- Por que você o deixou somente para você e Dibs? - perguntou. - Ninguém mais está incluído nesta caixa. Apenas você e eu. Só nós dois.

- Não era isso que você queria?
- Sim. Justamente isso. E você jogou fora os cartões das outras pessoas?
- Não. Coloquei-os em outra caixa. Naquele arquivo que ali está.
- Mas este aqui, você o reservou apenas para nós?
- Como você disse que desejava.
Dibs recostou-se na cadeira e fitou-me por um longo tempo. Havia uma expressão sóbria em seu rosto.
- É assim que tem sido sempre - disse pausadamente. - Como você disse que desejava - repetiu. Então sorriu. - Como eu disse que queria.
Levantou e escolheu um cartão em branco. Pegou um lápis e escreveu algumas palavras. Dobrou-o e cuidadosa e deliberadamente continuou a escrever. Em seguida, entregou-o a mim. - Leia-o - disse.
-Leia-o para mim.
- "Adeus, querido escritório, cheio de livros fascinantes. Adeus, querida escrivaninha. Adeus, janela, com o céu além de si. Adeus, cartões. Adeus, querida senhora desta maravilhosa sala de brinquedos" - li sua mensagem. Pegou de novo o cartão. - Quero acrescentar algo. -

Escreveu alguma coisa no verso e estendeu-o a mim. Três linhas estavam escritas: "Como você disse que queria. Como eu disse que queria. Como nós dissemos que queríamos".
Depois que o li, pegou o cartão e arquivou-o com os outros dois.
- Vamos agora para a sala de brinquedos - sugeriu. Vamos! Vamos! Oh, vamos!
De um pulo entrou na sala. Abriu os braços e rodopiou, rindo.
- Que engraçado! Que divertido! Que gostoso! Que sala de brinquedos maravilhosa é esta!
Correu para a pia. Abriu a torneira completamente. Recuou um pouco para trás, rindo alegremente.
- Água! Água! Água! Saia e espirre. Espalhe-se por toda parte. Divirta-se! - Então fechou a torneira, sorriu para mim e dirigiu-se para o cavalete.
- Alô, tintas! Estão todas misturadas? Sim, vejo que estão. - Apanhou o pote de tinta amarela e virou-se para mim. - Sabe o quê?
- O quê?
- Gostaria de deliberadamente entorná-la no chão.
- Gostaria?
- Sim - respondeu-me. - É o que mais desejo.
- Você não está somente sentindo vontade de fazê-lo, mas o fará?
Dibs abriu a tampa. Foi inclinando o pote, deixando a tinta escorrer lentamente no chão. - Que belo lamaçal de tinta!
- Está gostando, Dibs?
- Gosto de entorná-la. Afinal, é um alívio livrar-me dela.
Quando o frasco já estava vazio, Dibs colocou-o na pia.
- Haverá alguma razão pela qual a tinta deva ser usada unicamente para pintura? Em uma sala de brinquedos? Nunca fiz isso. Mas por se tratar desta tinta amarela, senti-me bem. Queria livrar-me dela. Agora, vou procurar um pano de chão para fazer a limpeza. -

Conseguiu encontrar um pano e limpou o chão da melhor maneira que pôde.
Voltou-se então para mim e disse:
- Não posso entender todas essas coisas.
- O que você não pode entender?
- Tudo isso. E você. Você não é uma mãe. Nem uma professora. Não é membro de um clube de mães. O que você é?

- Você não pode entender que tipo de pessoa eu sou?
- Não posso - respondeu encolhendo os ombros. - Mas, na verdade, isso não me importa - declarou, fixando lentamente seu olhar em mim. - Você é a senhora da maravilhosa sala de brinquedos. - De repente, ajoelhou-se e passou seus dedos em minha perna, observando a malha de minha meia. - Você é a senhora que tem centenas de buraquinhos nas meias - disse numa explosão de riso.
Pulou, correu até a mesa e apanhou a mamadeira.
- Mamadeira de bebê - falou. - Querida e confortante mamadeira. Quando preciso de você, recebo seu conforto. Sugou repetidas vezes a mamadeira. - Eu era um bebê de novo, e gostei da mamadeira. Mas o Dibs de seis anos de idade não mais precisa de você, agora. Adeus, mamadeira de bebê. Adeus!
Percorreu a sala com o olhar e encontrou o que buscava: um radiador de ferro.
- Adeus, mamadeira de bebê, adeus. Não necessito mais de você.
Arremessou o frasco contra o radiador, quebrando-o. A água nele contida espalhou-se pelo chão. Dibs olhou para baixo e disse:
- Terminei com isso.
- Você não precisa mais da mamadeira e agora livrou-se dela?
- Claro. Isso mesmo.
Voltou-se para a caixa de areia e começou a cavar vigorosamente.
- Coisas enterradas. Coisas enterradas. Coisas enterradas. Desenterre-as todas, se quiser. - Ele ria. - Essa areia é um bom material. Pode-se fabricar vidro com ela. Li em um livro a esse respeito.
Dirigiu-se para a casa de bonecas. Reuniu a família de bonecos e os colocou na sala de estar.
- Caras pequenas pessoas de brinquedo. Devo despedir-me de vocês. Por isso os deixei sentados na sala de estar, para que esperem até que uma outra criança venha aqui brincar com vocês. - Virou-se e olhou-me.
- Depois que eu me for, outra criança virá para ocupar o meu lugar, não é mesmo?
- Sim. Virá outra criança.
- Você atende outras crianças aqui, além de mim?
- Sim. Atendo outras crianças.
- Isso faz as crianças felizes.
Afastou-se em direção à janela e abriu-a. Debruçou-se e aspirou o ar profundamente.
- Para além desta janela

enxerguei o mundo. Vi os caminhões, as árvores, os aviões, as pessoas e aquela igreja cujos sinos tocam uma, duas, três, quatro, quando está na hora de voltar para casa.
Aproximou-se de mim e falou quase murmurando:
- Mesmo que não quisesse ir para casa, era minha casa.
Tomou minhas mãos entre as suas, fitando-me por um longo tempo.
- Quero visitar aquela igreja - falou. - Será que poderemos ir até lá, caminhar em volta dela e depois entrar para olhar seu interior?
- Acho que podemos - disse. Era um procedimento bastante fora do comum. Mas a solicitação também o era. Pareceu-me importante nesta última visita satisfazer seu pedido.
Saímos do Centro e passeamos em volta da igreja. Dibs erguia seu olhar, impressionado pelo seu tamanho gigantesco.
- Vamos entrar agora. Vamos ver seu interior.
Subimos a escadaria frontal. Abri as pesadas portas e entramos.
Dibs parecia diminuído de tamanho pela elevada altura das arcadas. Ele caminhava calmamente pela nave central. Correu um pouco, parou, olhou para cima e para os lados com uma expressão de respeito e admiração no rosto radiante. Estava impressionado com a magnificência do templo.
- Sinto-me muito, muito pequeno. Acho que devo ter encolhido - falou, virando-se e contemplando a beleza que o circundava. - Vovó diz que a igreja é a casa de Deus. Nunca vi Deus, mas acredito que seu tamanho deve ser espantosamente grande para precisar de tal imensidão de casa. Jake disse-me que a igreja é um lugar sagrado.
De repente, correu pela nave em direção ao altar. Jogou a cabeça para trás. Estirou os braços para o alto, como se quisesse tocar na grande janela de vitral colorido. Virou-se para me olhar, momentaneamente sem falar.
Naquele momento o organista começou a tocar. Dibs correu para mim e segurou minha mão.
- Vamos! Vamos! Estou com medo! - gritou.
- A música lhe deu medo? - perguntei-lhe, enquanto encaminhávamo-nos para a porta.
Dibs parou e olhou para trás.
- Ouça. Não vamos ainda.
Paramos.
- Estou com medo dessa grandiosidade do barulho. Mas é tão belo e enche-me com brilho e beleza.
- Com medo disso, mas gostando também? É uma igreja belíssima.
Dibs soltou minha mão e andou pela nave central de novo.
- Que será que produz esse estranho som?
- É um homem tocando órgão, e o som é a música que vem dele.
- Oh! Nunca havia ouvido tal música antes. Provocou-me frio. Deu-me um arrepio - confessou, segurando minha mão com força. - Não me lembro de ter ouvido nada tão lindo - sussurrou. O sol brilhava através do vitral colorido. Seus raios espalhavam luz e beleza à nossa volta.
- Vamos sair daqui - Dibs falou suavemente.
Caminhamos para a saída. Dibs olhou por cima do ombro para ver, uma vez mais, o que ia deixando atrás de si. Já no portão, parou

de novo.
- Espere um momento - sussurrou.
Acenou com timidez a mão em direção ao altar e disse em voz suave:
- Adeus, Deus! Adeus!
Dibs não pronunciou uma palavra no trajeto de volta.
Retornamos à sala de ludoterapia. Assim que entramos, sentou-se em uma cadeira junto à mesa. Sorriu-me.
- Como foi lindo! Estive na casa de Deus hoje - falou. - Pela primeira e única vez estive na casa de Deus.
Ali ficou sentado por um bom tempo, em silêncio, o olhar fixo em suas mãos entrelaçadas.
- Diga-me - perguntou de súbito -, por que algumas pessoas acreditam em Deus e outras não?
- Acho que não sei responder a essa pergunta, Dibs.
- Mas é verdade que alguns acreditam em Deus e outros não?
- Sim. É verdade.
- Vovó acredita. Mas papai e mamãe não são pessoas religiosas. E Jake acredita. Ele disse-me isso.
- Acho que cada um faz sua opção e decide por si mesmo.
- Como será Deus? - perguntou. - Vovó contou-me uma vez que Deus era o nosso pai no céu. Não queria que Deus fosse como meu pai. Porque, às vezes, acho que papai não me ama. Se eu acreditasse em Deus, como vovó, gostaria que Ele me amasse. Mas vovó diz que papai, de fato, me ama. Entretanto, se é verdade, por que não sinto isso? Vovó me ama e eu a amo e sei porque o sinto bem dentro de mim - falou, apertando as
mãos de encontro ao

coração, fixando seus olhos nos meus, com um franzir de cenho preocupado vincando sua fronte.
- É difícil entender coisas dessa natureza - concluiu, depois de um longo silêncio. Foi até a janela e mais uma vez olhou na direção da igreja.
- Ali está a casa de Deus - disse calmamente. - Vovó diz que Deus é amor. E Jake falava que acreditava em Deus. Rezava, o que, de acordo com suas explicações, significa conversar com Deus. Mas eu nunca rezei. Bem que gostaria de conversar com Deus. Gostaria de ouvir o que Ele tem para me dizer. Há um garoto de minha classe, na escola, que acredita em Deus. É católico. Há um outro que é judeu e freqüenta a sinagoga, a casa que os judeus constroem para Deus - acrescentou, estendendo os braços em minha direção. - Mas papai e mamãe não são pessoas religiosas e, portanto, eu também não sou. Isso me faz sentir-me solitário e triste porque não conheço Deus.
Dibs andava de um lado para outro na sala.
- Vovó é uma boa mulher - continuou. - Freqüenta a igreja e canta para Deus. Ela acredita. - Voltou-se para mim, tomou minhas mãos nas suas, perscrutando meu rosto ansiosamente.
- Diga-me - falou -, por que algumas pessoas acreditam em Deus e outras não?
Era uma pergunta difícil de responder.

- Cada um toma sua própria decisão quando é mais velho. Cada pessoa resolve por si mesma em que deve acreditar. Mas, exatamente agora, é uma questão bastante confusa para você, não é verdade?
Sim - respondeu. - Muito confusa. - Um novo e longo silêncio caiu sobre nós.
- Sabe o que estou tentando fazer agora?
- Não. O que é?
- Estou tentando aprender a jogar beisebol. Papai está procurando ensinar-me. Vamos ao parque juntos. Acontece que papai também não é um bom jogador. Não é fácil bater na bola com o bastão de beisebol. Mas vou aprender, porque todos os meninos de minha escola praticam beisebol e quero jogar com eles. Por isso preciso saber. Por isso treino bastante. E aprenderei. Mas não gosto muito. Prefiro brincar de ladrão e policial. Ou correr pelo quintal de Mrs. Henry. Ela grita comigo agora, também.
A campainha soou. Era a mãe de Dibs que chegara para apanhá-lo.
- Adeus, Dibs - falei. - Foi muito, muito agradável tê-lo conhecido.
- Sim. Foi ótimo - replicou. - Adeus.
Fomos até a sala de recepção. Saltitando, foi a seu encontro, tomando sua mão.
- Olá, mamãe! Não voltarei mais. Hoje foi a despedida.
Saíram juntos - um pequeno garoto que teve a oportunidade de revelar-se a si mesmo através de seus jogos e que pôde desabrochar como uma criança capaz e feliz, e uma mãe que crescera em compreensão e apreciação por seu filho tão bem-dotado.

188 189

Capítulo XXIV
Dois anos e meio se passaram. Morava num apartamento de esquina, térreo, e estava lendo quando uma voz - bem forte e ritmada -, uma voz de criança que me soou muito familiar, penetrou pela janela aberta.
- Peter, desça aqui e venha olhar meu quintal. Tenho vinte e sete diferentes tipos de arbustos e plantas. Venha ver.
- Vinte e sete o quê?
- Diferentes arbustos e plantas em meu quintal.
- Oh!
- Venha ver.
- Viu o que já consegui aqui?
- O que é? Oh, bolinhas de gude!
- Isso mesmo. Quer trocá-las?
- Sim. Com o que você quer trocá-las?
- O que você tem? O que você tem, Dibs?
Sim. Era Dibs conversando com um amigo.
- Eu lhe direi! Eu lhe direi! - Dibs gritava com excitação. - Você me dá aquela bolinha azul, que parece o olho de uma cobra. Em troca, darei a você uma das primeiras lagartixas da primavera.
- Verdade? Onde estão?
- Aqui mesmo! - Dibs remexeu seu bolso e de lá retirou uma pequenina jarra de vidro. Abriu a tampa perfurada e com cuidado retirou uma lagartixa, que depositou na mão encardida de Peter.

Dibs estava sorrindo e seu amigo, impressionado.
- Lembre-se - Dibs falou com cuidado -, esta é uma das primeiras lagartixas nascidas nesta primavera.
Aparentemente, Dibs havia se mudado para um grande apartamento, tipo casa, com jardins, em minha rua, perto de mim. Alguns dias depois, encontrei-o na rua. Olhamos um para o outro. Dibs deu um grande sorriso e estendeu sua mão para apertar a minha.
- Olá!
- Olá, Dibs!
- Sei quem é você - afirmou.
- Sabe?
- Claro que sim! Você é a senhora da maravilhosa sala de brinquedos. Você é Miss A.
Sentamo-nos na escadaria da frente de um dos apartamentos.
- Sim. E você é Dibs.
- Estou crescido agora - continuou. - Mas lembro-me de quando era bem, bem pequeno e fui vê-la pela primeira vez: Lembro-me dos brinquedos, da casa de bonecas, da areia, do homem, da mulher e das crianças, do mundo por mim construído. Lembro-me do repicar dos sinos,
da hora de ir para casa e do caminhão. Lembro-me da água, das tintas, das louças. Lembro-me de nosso escritório, de nossos livros e de nosso gravador. Lembro-me de como você brincava comigo.
- Como nós brincávamos, Dibs?
Dibs inclinou-se em minha direção. Seus olhos brilhavam.
- Tudo o que eu fazia, você fazia - murmurou. - Tudo o que eu dizia, você dizia.
- Foi o caminho que seguimos.
- Sim. Esta sala é sua, Dibs. Foi assim que você me falou. É toda sua. Divirta-se. Brinque. Ninguém entrará aqui para magoá-lo - falou com um suspiro. - E, na verdade, diverti-me e brinquei. E foi a época mais maravilhosa de minha vida. Construí meu mundo com você na sala de brinquedos. Lembra-se?
- Sim. Eu me lembro.
- Vai fazer dois anos e seis meses daqui a quatro dias que me despedi de você. Recordo isso perfeitamente bem. Tirei esse dia de meu calendário e circundei-o em vermelho. Emoldurei-o e pendurei-o na parede de meu quarto. Outro dia, aconteceu que olhei para ele e observei quanto tempo havia passado. Verifiquei que vai fazer dois anos e seis meses
daqui a quatro dias, na quinta-feira.
- Então, esse dia parece muito importante para você. Por isso circundou-o com lápis vermelho e o emoldurou! Por que você fez isso, Dibs?
- Não sei. Não poderia nunca esquecê-lo. Já pensei nisso muitas vezes. - Fez-se uma longa pausa. Cravou seus

olhos nos meus. Suspirou profundamente. - Na primeira vez que fui ao Centro, a sala pareceu-me tão grande. E os brinquedos não eram amigos. Estava com medo.

- Estava com medo, Dibs?
- Sim.
- Por que sentia medo?
- Não sei! Apavorei-me, a princípio, porque não sabia o que você faria e o que eu deveria fazer. Mas você disse. Tudo isto é seu, Dibs. Divirta-se. Ninguém vai magoá-lo aqui.
- Eu disse isso?
- Sim - respondeu Dibs decisivamente. - Foi o que você disse para mim. Pouco a pouco, comecei a acreditar em você. E o caminho foi-se abrindo. Você me sugeriu que lutasse contra os meus inimigos até que eles gritassem que estavam arrependidos por me haverem ferido.
- E você fez isso?
- Sim. Encontrei meus inimigos e lutei contra eles. Então, descobri que já não estava amedrontado. Descobri que já não era infeliz e senti amor. Agora, sou forte, grande e corajoso. Lembro-me da igreja que visitamos no dia da despedida. Lembro-me de quando descobri o quanto Deus era imenso. A porta era tão alta. O teto bem lá no alto, quase tocando o céu. Quando a música começou a ressoar, de repente, senti um arrepio. Desejava sair e ao mesmo tempo, ficar. Passei outro dia por lá. Subi as escadarias da frente. Mas a porta estava fechada. Bati e falei pelo buraco da fechadura: "Há alguém em casa hoje?" Mas acho que não havia, porque ninguém apareceu para abrir, e então tive de ir embora.
Imaginei Dibs subindo as escadarias da igreja e batendo, timidamente, na porta maciça e trabalhada.
Subitamente, Dibs ergueu-se de um salto.
- Venha ver meu quintal - gritou. - É um quintal enorme e tenho muitas e variadas plantas e arbustos. Adivinha quantas?
- Oh! Vinte e sete diferentes tipos?
- Sim. Mas como você sabe? Contei-as há pouco mais de duas semanas. Você já foi ao meu quintal?
- Não, nunca fui lá.
- Bem, então, como você sabe? - insistiu, visivelmente intrigado.
- Diga-me como você descobriu.
- Você acha que não poderia saber, a não ser que houvesse ido pessoalmente contá-las?
- Mas - respondeu Dibs exasperado - para saber é necessário bem mais do que simplesmente contá-las. Você teria de observar, com cuidado,
cada planta e arbusto para saber em quê são elas diferentes. Então, teria descoberto. Só depois disso, poderia contá-las. Seria, portanto, necessário escrever o nome e a localização de cada planta. Não é uma operação simples ou rápida de ser feita. Mas, também, não é nada que você possa simplesmente adivinhar. Se você jamais foi ao seu quintal e jamais realizou todas essas operações, como é possível que tenha descoberto que há vinte e sete diferentes tipos ali?
- Bem, Dibs. Vou contar-lhe. Outro dia, estava sentada em meu apartamento lendo, quando ouvi, pela janela aberta, sua conversa com Peter: "Há vinte e sete diferentes tipos de plantas e arbustos em meu quintal". Foi no dia em que você lhe deu uma das primeiras lagartixas nascidas nesta primavera.

- Oh! - exclamou Dibs. - Você está morando aqui perto? Então Miss A. e eu somos vizinhos!
- Sim. Somos vizinhos.
- Isso é bom. Bem, então, venha agora olhar o meu jardim.
Alguns dias depois encontrei seus pais na rua. Trocamos cumprimentos e novamente agradeceram-me pela ajuda que lhes dera. Narraram os progressos de Dibs. Continuava bem-ajustado e feliz. Relacionava-se satisfatoriamente com as outras crianças. Estava matriculado em uma escola para bem-dotados e ia muito bem.
Naquele momento, Dibs aproximou-se, pedalando uma bicicleta e gritando como um índio.
- Dibs! - chamou sua mãe. - Dibs, venha ver quem está aqui. Você se lembra desta senhora?
Dibs deu uma corridinha e riu.
- Olá - cumprimentou-me.
- Olá, Dibs - respondi-lhe.
- Sua mãe lhe fez uma pergunta, Dibs - disse-lhe o pai.
- Sim, papai. Ouvi-a. Perguntou-me se eu conhecia esta senhora. Naturalmente que sim. É minha primeira amiga.
Seu pai pareceu-me um tanto embaraçado.
- Bem, se ouviu sua mãe, por que não lhe respondeu?
- Desculpe-me, papai - falou com um piscar de olhos.
- Foi um prazer tê-la reencontrado. Desculpe-me, mas

tenho de ir agora - despediu-se o pai, dirigindo-se para seu carro.
Dibs, no entanto, continuou a falar-lhe.
- Você e mamãe estão muito atrasados. Eu encontrei Miss A. Cinco dias atrás.
O pai ficou vermelho e desapareceu em seu carro. A mãe pareceu um pouco aborrecida.
- Que é isso, menino - repreendeu-o -, por que não a trata pelo seu nome completo? Por que sempre a chama de Miss A.?
Dibs voltou a montar em sua bicicleta.
- Miss A. Miss A. Um nome especial para uma amiga especial. - gritou. E desceu a rua fazendo o barulho de um carro de bombeiros.
Sim, Dibs havia mudado. Aprendera como ser ele próprio, a acreditar em si, a libertar-se. Estava tranqüilo e feliz. Estava apto a ser uma criança.

Epílogo

Dibs passara momentos amargos e mergulhara por um período nas sombras da vida. Tivera, entretanto, a oportunidade de libertar-se da escuridão e descobrir por si que poderia enfrentar as sombras e a luminosidade do sol em sua vida.
Talvez haja mais compreensão e beleza na vida quando os raios ofuscantes do sol são suavizados pelos contornos das sombras. Talvez haja raízes mais profundas numa amizade que tenha enfrentado algumas tormentas. Uma experiência que nunca desaponta

ou entristece, que nunca toca nos sentimentos, é uma vivência neutra, com pequenos desafios e variações de cor. Quando sentimos confiança, fé e esperança de que podemos concretizar nossos objetivos, isso produz em nosso íntimo um sentimento de força, coragem e segurança.
Somos personalidades que crescemos e nos desenvolvemos como resultado de todas as nossas experiências, relacionamentos, pensamentos e emoções. Somos o resultado, a soma de todas as partes que vão construindo uma vida.
Considerando a história de Dibs digna de ser partilhada, tenho apresentado partes deste material para estudantes em algumas conferências que tenho proferido em universidades e encontros profissionais.
Outro dia recebi uma carta de um ex-aluno:
"Não podia deixar de usar parte de meu tempo para escrever-lhe.
Sou apenas um entre centenas em suas aulas e provavelmente não cheguei a ser para a senhora uma face distinta, mas, creia-me, fui um ouvido
atento. Estou no exterior agora - novamente de uniforme - e esperando ser promovido logo. Nas barracas, outra noite, ouvi um fragmento de conversa e toda a América e minha casa invadiram-me. Recordei-me de que você freqüentemente afirmava

que só as coisas importantes são lembradas quando nos esquecemos de tudo o mais. E as experiências podem certamente obrigar-nos a trocar nossa maneira de focalizar a vida. Lá estávamos, outra noite, desencorajados, deprimidos, perguntando-nos em que diabo ia dar tudo aquilo, quando, de repente, surgiu Dibs. Um amigo, sentado na mesa à minha frente, conversava sobre Dibs. Não perdi tempo e dele me aproximei. "Como você ouviu falar em Dibs?", perguntei-lhe. Ele narrou-me tudo. Não era de
minha classe, nem do mesmo ano, nem ainda da mesma universidade. Mas era a mesma criança, sem dúvida. É difícil expressar o quanto essa evocação me ajudou. E não apenas a mim. Mas a todos nós. Juntos, narramos aos demais toda a história de Dibs. Sentimos que ele havia se tornado para nós um símbolo de todos os valores. - E um dos nossos amigos falou: "Com Dibs aqui, não estamos perdidos".
Mas o que mais me impressionou foi sentir quão vivenciado era Dibs. Que verdadeiro poder dinâmico tinha. Como se havia tornado parte de mim. Comecei a refletir sobre educação. Graduei-me em administração e não sou um conhecedor de psicologia e estou certo de que me esqueci de todas as implicações psicológicas do caso, mas, por Deus, Dibs é a única pessoa real que pude encontrar em uma sala de aula e que pôde ensinar-me o que significa ser uma pessoa completa. Nunca me esqueci destas três frases: "Como eu disse que queria. Como você disse que desejava. Como nós dissemos que queríamos". Penso que Dibs apenas queria o que nós queremos numa escala mais ampla: uma oportunidade de sentir-se valorizado. Uma oportunidade de ser uma pessoa querida, respeitada, aceita como um ser humano merecedor de dignidade".

A família de Dibs mudou-se para um outro bairro e perdi o contato com ele. Os anos se passaram. Um dia, um amigo meu, que estava lecionando em uma escola para meninos bem-dotados, mostrou-me uma carta publicada no jornal da escola. Era dirigida ao diretor e ao corpo docente da escola. Meu amigo nada conhecia a respeito de Dibs. Sabia o quanto eu estava interessada em qualquer comentário feito por crianças que pudesse evidenciar a compreensão e coragem que elas eram capazes de introduzir em seu dia-a-dia se lhes fosse dada a oportunidade de fazer isso por si mesmas. Li a carta aberta publicada no jornal escolar:

"Esta é uma carta de protesto contra a expulsão de um de meus colegas e um de meus amigos. Estou, de fato, indignado com a falta de sensibilidade, compreensão e sentimento por parte de Vossas Senhorias.
Corre o boato de que meu amigo foi "suspenso com desonra" porque foi apanhado colando nos exames. Meu amigo afirmou que não estava colando e acredito nele. Sua explicação é que estava verificando uma data importante na história - uma vez que a exatidão dos dados é essencial para estabelecer sua existência histórica. Então deveria mesmo ser verificado. Penso que Vossas Senhorias falham quanto a entender as razões pelas quais agimos de determinada maneira. Chamam, por exemplo, de falta o fato de uma pessoa procurar verificar a exatidão? Prefeririam que ele anuviasse sua dúvida honesta na ignorância? Quais são os objetivos dos exames? Devem eles constituir elementos enriquecedores de nossas aquisições educacionais? Ou são instrumentos usados para trazer sofrimentos e humilhação e para ferir profundamente uma pessoa que está tentando arduamente ter êxito?
Um dos membros da equipe de professores disse ao meu amigo, em frente a um grupo de colegas, ontem, que, se o ritmo da escola era rápido demais para ele, forçando-o a colar para continuar, seria melhor que procurasse outra escola. Estou pessoalmente insultado por tal observação. Sinto-me envergonhado da minha escola, se ela não pode manter-se de portas abertas para qualquer pessoa que nela queira entrar e ficar conosco. Há coisas mais importantes neste mundo do que mostrar autoridade e poder, mais importantes que a vingança, a punição e a ofensa. Como educadores Vossas Senhorias deveriam abrir as portas da ignorância, do preconceito e da mediocridade. Se não forem pedidas desculpas a meu amigo pela afronta com que foi atingido em seu orgulho e amor-próprio e se ele não for reintegrado, não retornarei a essa escola no outono.
Com sinceridade e intenção de contribuir, Sinceramente,
Dibs".
- Qual é a idade desse garoto agora?
- Quinze anos.
- Escreveu uma carta interessante. Como é ele?
- Ah! É um rapaz brilhante. Cheio de idéias. Preocupado com todos e com tudo. Muito sensível. Um verdadeiro líder. Achei que você gostaria dessa explosão de afronta.

Age de acordo com suas convicções. A escola não deseja perdê-lo. Provavelmente seguirão sua sugestão. - Ele ria. - Bem, você gostaria de guardá-la em sua coleção de palavras heróicas em prol da justiça e da igualdade para todos?
- Obrigado - disse. - "Com sinceridade e intenção de contribuir." Acredito nisso.

Nota da autora
Na semana anterior ao final da terapia, um psicólogo clínico aplicou em Dibs o teste de inteligência de Stanford-Binet. Dibs manteve-se interessado e cooperativo. Relacionou-se bem com o examinador, a quem nunca vira antes. O resultado atestou-lhe um QI de 168.

Um teste de leitura também foi aplicado nessa ocasião, confirmando seu alto nível de leitura e compreensão de textos. Logo que concluiu as respostas finais explicou para a examinadora que ele não gostava daquele tipo de leitura que "pulava de um assunto para outro sem nenhuma razão". Disse-lhe que, quando lia, "preferia livros de real interesse".

Os resultados dos testes indicaram que Dibs era uma criança excepcionalmente dotada e que demonstrava estar usando efetivamente sua capacidade intelectual.

Os pais de Dibs haviam permitido, por escrito, que usássemos as gravações das sessões de ludoterapia de seu filho para pesquisas, aulas e publicações, desde que fossem feitos os cortes dos dados identificadores e se a terapeuta achasse que tais relatórios poderiam contribuir para uma melhor compreensão do comportamento infantil.
Nenhuma das sessões de terapia jamais foi gravada por mim sem uma permissão escrita fornecida pelos pais da criança.

Este livro foi escrito fundamentado nas sessões gravadas. Foram retiradas das fitas as informações reveladoras da identidade de Dibs e
várias observações repetidas, com o objetivo de condensar a narrativa.
Os diálogos entre Dibs e a terapeuta foram transcritos literalmente das sessões gravadas no Centro de Orientação Infantil. A participação de sua mãe também foi transcrita da gravação, mas não na íntegra, devido à natureza íntima e pessoal de sua confidência, e que não estava especialmente relacionada ao caso de Dibs.

Entretanto, nenhuma palavra foi usada que não tenha

sido originalmente expressa por Dibs ou sua mãe. Uma criança,

quando lhe é dada a oportunidade, tem o dom de uma comunicação honesta e direta.
Uma mãe, quando respeitada e aceita com dignidade, sabendo que não será criticada ou censurada, também pode expressar-se com sinceridade.

101

O AUTOR E SUA OBRA
Virginia M. Axline, também autora do livro"Play therapy", tornou-se autoridade reconhecida internacionalmente, ao desenvolver a técnica de ludoterapia no tratamento de crianças com distúrbios emocionais.
Depois de ter estudado na Universidade Estadual de Ohio e na Universidade de Colúmbia, a Dra. Axline ensinou durante seis anos na Faculdade de Educação e de Medicina da Universidade de Nova York. Mais tarde, dedicou-se a um intenso e criativo programa de pesquisas no Departamento de Psicologia da Universidade de Chicago.
Atualmente, trabalha em sua clínica particular em Ohio e realiza uma série de conferências para divulgar os conceitos e os resultados de sua prática terapêutica. Além disso, desenvolve atividades de consultoria e ensina na Universidade Estadual de Ohio. "Dibs: em busca de si mesmo" narra a experiência autêntica de uma criança que, através da ludoterapia, encontrou a sua identidade.

200 201